

LIVRO DOIS



elas

tramam

DRAMATURGIAS TECIDAS POR MULHERES DO ESPÍRITO SANTO

ORGANIZAÇÃO:
NIEVE MATOS

Copyright 2018 © *Nieve Matos*

Editora

Natielly Dias Nobre

Produção editorial, projeto gráfico e diagramação

Gustavo Binda

Assistente editorial

Saulo Ribeiro

Gabriel Nascimento

Revisão

Marina Malafaia

Capa

Alessandra Pin Ferraz

Ilustrações

Thila Lenk

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E37

Elas tramam: dramaturgias tecidas por mulheres do Espírito Santo / Organizado por Nieve Matos. – Vitória: Cousa, 2018.
297 p. (Elas tramam; livro 2)

ISBN: 978-85-9578-072-9 (Ebook)

1. Teatro – Espírito Santo 2. Dramaturgia 3. Coletânea
I. Matos, Nieve (Organizadora) II. Coletivo Elas Tramam III. Título

CDU 821.134.3(81)-2

IMPRESSO NO BRASIL | PRINTED IN BRAZIL |2017|

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Cousa

Editora Cousa | Rua Sete de Setembro, 415

Centro Histórico de Vitória-ES | CEP 29.015-000

www.cousa.com.br | facebook.com/editoracousa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou manuscrita por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação sem a permissão da editora.

ELAS TRAMAM

Dramaturgias tecidas por mulheres do Espírito Santo

Livro 2

Organização: Nieve Matos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

PARA RIR

08 | Manual prático sobre a velhice - *Lorena Lima*

34 | EvaGina - *Patricia Eugênio*

59 | Transas esdrúxulas para serem lidas na rede - *Melina Galante*

76 | Casadell@s - *Alessandra Pin Ferraz*

PARA EXISTIR

102 | Coexistente - *Xis Makeda*

125 | A cada passo - *Kate Parker*

148 | Buraco - *Brenda Perim*

173 | Jardim das poesias enterradas - *Meiriele Lemos*

PARA RESISTIR

198 | Pai, filho, Espírito Santo - *Alana Tesch*

219 | Temos carne de rã - *Maria Aidê Malanquini*

236 | Rasgo - *Rejane Arruda*

258 | Colônia é aqui - *Priscilla Gomes*

271 | Homem de barro - *Nieve Matos*

APRESENTAÇÃO

Tramar nossas raízes na terra, nos refazermos a cada estação, germinar novos frutos. Há duas primaveras, nós, as treze autoras do Coletivo Elas Tramam, nos reunimos para escrever dramaturgia. O segundo fruto desses encontros regados a café, afeto e resistência feminista está maduro e pronto para ser colhido. De natureza diversa, o “Elas Tramam Livro dois - Dramaturgias tecidas por mulheres do Espírito Santo” tem o doce sabor de comédias cotidianas, o amargor dos dramas que tratam das relações, a acidez da sociedade e política atual. Contemplado com o Edital 20/2017 - Setorial de Teatro (SECULT-ES), o e-book foi escrito em laboratórios de dramaturgia, coordenados por Nieve Matos em parceria com Alessandra Pin Ferraz, que, juntas com Alana Tesch, Brenda Perim, Kate Parker, Lorena Lima, Meiriele Lemos, Melina Galante, Maria Aidê Malanquini, Patrícia Eugênio, Priscilla Gomes, Rejane Arruda e Xis Makeda, produziram treze obras literárias, criadas para serem lidas e encenadas.

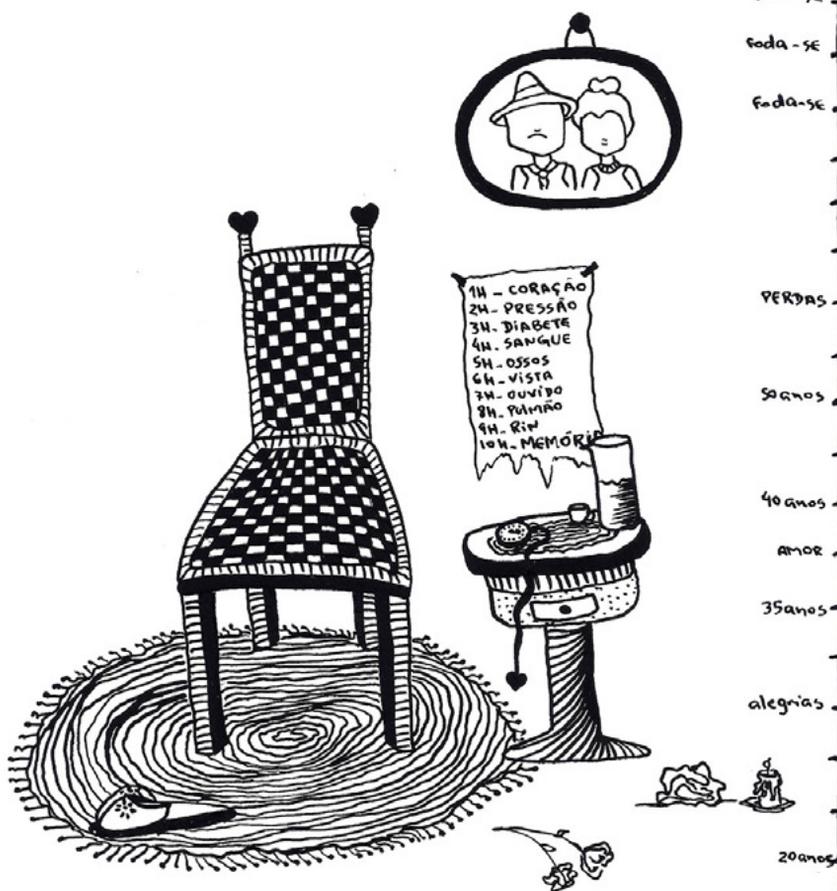
Elas Tramam é literatura, é teatro, é tronco forte de mulher pronto pra enfrentar a tempestade que se forma.

Nieve Matos

PARA RIR

velhice

VIDE BULA



VIVER
foda-se
foda-se
foda-se
foda-se
PERDAS
50 anos
40 anos
AMOR
35 anos
alegrias
20 anos
15 anos
5 anos

manual Prático sobre a

velhice

MANUAL PRÁTICO SOBRE A VELHICE

Lorena Lima

APRESENTAÇÃO

Essa dramaturgia é de uso oral e adulto, foi estruturalmente inspirada em bula de remédio e é constituída basicamente por nove perguntas. A composição abaixo relacionada sobre o viés do tema *velhice*, serviu apenas como provocação para o desenvolvimento de nove cenas independentes. No contexto geral, o número nove, que na numerologia significa o final de um ciclo e o começo de outro, guiou de maneira intuitiva o desenvolvimento do contexto sobre a *velhice*. Nas cenas, proponho um ator e uma atriz (*Homem e Mulher*), para assumirem as personagens, mas fica a critério da encenação utilizar a quantidade de atores e gêneros que julgar necessário. Também temos Hélio, o narrador-moribundo ou o narrador-defunto, que solitariamente atravessa algumas cenas, e que, de acordo com a Ingestão Diária Recomendada (IDR), cada personagem por eles vividos, contém substâncias próprias, com significativas características de suas essências, e outras adquiridas a partir da forma em que foram armazenadas em suas composições ou decomposições ao longo do tempo. A dosagem recomendada de tais substâncias para o consumo humano diário, deverá ser administrada conforme a necessidade da encenação, e, caso haja dúvidas: vide bula.

COMPOSIÇÃO

1. Para que serve a velhice?
2. Como lidar com a velhice?
3. Quando devo assumir a velhice?
4. O que devo saber sobre a velhice?

5. Onde, como e por quanto tempo podem me suportar na velhice?
6. Como devo envelhecer?
7. O que devo fazer quando eu começar a esquecer?
8. Quais os males que a velhice pode causar?
9. O que fazer se alguém usar da velhice para justificar o seu fim?

CENA 1. “ENGORDA”

Composição: *Memória da adolescência de uma das personagens da dramaturgia. Mulher e homem idosos sentados, observam as vacas no pasto ao longe. Mulher tem um prato cheio de comida em suas mãos. Leva à boca, pequenas porções. Mastiga sem vontade. Homem fala entre os dentes.*

Homem – Carça, muxiba, bruaca, medusa, jabiraca, cuca, bruxa, débil, seresma, velhota, paspalhona, canhão, decrépita, caduca, antiga, idosa, senil, decaída, curuca, coroca, jubilada, emérita, aposentada, reformada, abatida, rabugenta, alquebrada, caquética...

Mulher parece querer vomitar. Homem lhe ordena e volta a murmurar.

Homem – Mastiga! Gagá, ranheta, ancestral, tia, mal passada, velhusca, antiquada, chalupa, arruinada, cachucha, matusalênica, ruínosa, esclerosada, resto, sovada, reumática, quebrantada, ruguenta, rugosa, encriquilhada...

Mulher rumina a comida como as vacas. Homem lhe ordena e altera o tom da ladainha.

Homem – Engole! Ruínosa, gasta, tremilicosa, bolorenta, demente, trôpega, estafada, estranha, mofada, azeda, carunchosa, anciã, retrógra-

da, estragada, desusada, corrigida, ranheta, refugo – N A F I T A L I N A.

Luz diminui sobre o homem. Mulher pega maquiagem, acessório para o cabelo, bolsa, echarpe, vestido e arruma o homem que permanece sentado, a luz abre aos poucos.

CENA 2. “COLECIONADORA”

Composição: *Homem assume a personagem puta, velha, manca, que morava e trabalhava num prostíbulo. Sua deficiência física era o seu maior atrativo. Velha, perdeu o valor e foi expulsa do lugar. Hoje, interessam-lhe somente os homens doentes, por entender que velhice é a enfermidade responsável por sua exclusão. Ela coleciona bulas de remédios que entrega como cartão de visita para seus clientes. Mulher assume o personagem Querido, um ex-amante da puta.*

Puta levanta-se e encara o público por um tempo.

Putá – Rezu, rogu, suprico diariamenti pro nosso bom pai celestial, qui adueça a cada homi dessa cidadi. Num tem um só dia nessa disgracera di vida minha, qui não cramu por isso, i sei qui Deus, em sua infinita misericórdia vai mim perduá, por que a minha reza é forti e o meus desejo eu ei di alcançá!

Ela se aproxima de alguns homens na plateia. Pergunta sobre o estado de saúde deles, enquanto é observada pela mulher que faz o personagem “Querido”.

Putá – Sofri di que? (Caso o homem abordado não fale nenhuma doença, é dispensado por ela, que procura outro. Caso contrário, lhe entrega uma bula)

Puta – *(Para uma mulher da plateia)* Tá reparanu o que minha filha? Sempri fui bunita, obrigadu! *(batendo na perna manca)* Isso aqui nunca foi impedimento não! Eu era a puta mais desejada daqueli lugá! A ALEJADINHA DADERA! Elas diziam! *(Ela anda de um lado para o outro e gargalha nervosa)*. O QUE QUE É HEIM? SÓ QUEM PODI RÍ DI MIM NESSA CARALHA DI VIDA, É EU! *(Tira uma faca da bolsa, ameaça o público por um tempo. Se acalma e guarda a faca)*

“Querido” observa a puta ao longe, se aproxima dos homens da platéia que estão com as bulas e as recolhe sem que seja percebido por ela.

Puta – *(Para um homem da plateia)* O qui mais si ouvia nu salão da casa, na hora qui o forró cumia soltu, era os homi contanu da minha chavi di perna que eu dava nelis tudo. Mininu, nem ti conto! Ah! Contu sim! Eu prindia o homi dum jeitu na hora du... Ah! na hora di esporrar, num tem? Niuma novinha sabia fazê! Eles ficavum doidinho na cama cumigu! Tinha uns até qui davum uns trimiliqui. Era muito machu atrás di mim, oh! Fazia fila na porta do meu quar...

“Querido” aparece diante dela.

“Querido” – Vim te buscar. Eu prometi que ia voltar *(Eles se encaram por um tempo. Ela o ignora e fala para o público)*

Puta – Fui criada naquela casa pelas outra igual a eu. Elas mi contarum qui mi largarum filhotinha na porta delas, inrrolada num panu véi, insanguentadu, fedendu a morti... tipo essi aqui, óh! *(Tira a echarpe do pescoço)* Que ganhei di agrado dum homi nuvinhu, lindu, qui deitô muitas vezes cumigu, i qui posava sempri a boca, bem nu meio das minhas perna feitu um beija frô. Era o únicu qui fazia isso, i qui perguntei o nomi da última vez que vi o disgramentu : “QUERIDO”...

Ele disse qui podia chamá assim. Dá última vez também, eli disse qui ia voltar... Mas isso faz muito tempo... *(Fala com a echarpe, como se fosse consigo mesma)* Encardida, farrapu, puida! Tu num servi mais pra tá aqui! Os homi tão recramandu que tu tá seca! Mal humorada! Duenti! Cansada! Cum dô nus ossu! Nem pra panu de chão tu servi! E a força na virada di chave que tu tinha, cadê? Tu si achava né? Agora tu tá aí... sem tónus, esgarçada, velha fraca, sem cor, insossa! O movimento da casa caiu i a culpa é tua! Vai timbora daqui! Vai! Saí dibachu di chuva, numa noiti fria, perambulandu pelas rua. Parecia uma lesa. Eu chorei di ódiu, i pidi pra Deus qui mi curassi dessa duença qui mim engilha dia i noiti ou mi levassi imbora di vez pru infernu.

“Querido” – Vem simbora comigo, flor da noite? Deixa eu banhar o teu corpo no rio feito batismo? Lavar tuas chagas, minha santa estrela solitária, te dá nome e sobrenome, apagar os descaminhos?

A puta se aproxima dele e olha em seus olhos como quem se enxerga no reflexo de um vidro.

Putá – Um dia, sem querer, vi minha cara num vridu di loja. Dessas di genti chiqui, genti nova, qui num sabe o qui é carregar um trapu no coru. Mi deu vontadi de samiá uma pedra bem nu meio deli, i istraçalhá tudinhu, só pra vê bem di pertu aquelas manequim di peli lisa, di peli brilhosa, isticada... *(Quase toca o rosto do “Querido”. Sai cantando pela rua)* “Olha a fror da noiti! Olha a fror da noiti...”
“Querido” fica mudo, estático e com o olhar perdido.

CENA 3. “CANTO”

Composição: *Mulher assume o personagem pai velho. Homem assume a personagem filha, que deixa o pai em um ambiente*

qualquer. Em algum momento, Hélio, o narrador-moribundo ou o narrador-defunto aparecerá.

Filha – Adoro tinta cor de terra nas paredes! Acho chique demais! Combina com tudo! Depois a gente pensa em trocar os móveis (*O pai tenta falar e ela o interrompe*) mas já sei que você não liga pra isso, e que gosta de simplicidade – eu detesto o cheiro daqueles móveis de vime que você tem – cafonália pura! Mas como não sou eu quem...

Pai – Tá quente aqui.

Filha entrega uma garrafa de água mineral para ele e abre a janela.

Filha – Que vista maravilhosa! Daqui dá pra ver aquela fábrica enorme, que pega quase todo o quarteirão da rua. O apito da fábrica vai manter você desperto. As chaminés sempre me excitam, confesso... a fumaça branquinha, o barulho intenso do trânsito pulsante, ativo, vivo! Definitivamente, a modernidade eleva e glorifica a alm... (*Ela percebe que o pai derrubou água em sua roupa*). Ah! De novo! (*Vai até ele e retira a sua camisa de botão de forma impaciente e violenta. Enxuga o chão com a camisa*)

Pai – Desculpa. Foi sem querer.

Filha – Você prestou atenção no piso? Percebeu que está encerado? Até nisso eles são super fofos e cuidadosos! Fizeram questão de marcar o ambiente com o cheiro de cera vermelha – ou será amarela? Sei lá! Fecha os olhos e respira fundo que você vai encontrar o cheiro aí, na sua memória – eu acho. Tem alguns tacos soltos, mas isso não é problema, depois se revolve. Taco é retrô... (*Ela devolve a camisa pra ele*)

Pai – Você viu os meus óculos? Não lembro se trouxe. Acho que va-

mos ter que volt...

Filha – Antes que eu me esqueça, me entrega logo o cartão do banco com a senha. A declaração você já assinou, tá tudo certo. *(Ele entrega o cartão pra ela)* Sentiu como o ambiente aqui é arejado? Eu tenho certeza de que as noites são super fresquinhas – mesmo com essa tela na janela –, até por que o ventilador de teto ajuda a circular o ar, o que é importante demais *(Ela aperta o interruptor para ligar o ventilador, que não funciona)*, mas nada recomendável pra quem sofre de rinite alérgica e bronquite, né? Aliás, eu detesto esse tom de verde musgo da tela! Ultrapassado!

Pai se aproxima de uma das paredes. Encontra uma mancha de limo e passa o dedo nela.

Pai – Na parede úmida também. O verde musgo.

A Filha se aproxima e analisa a mancha de limo, sem perceber que o pai se afasta dela. A mulher que faz o pai, aparece num outro ponto da cena, de cueca samba canção e camiseta de algodão – assume agora a personagem Hélio, o narrador-moribundo.

Filha – Ah! Sabe aquele quadro que você ganhou do seu afilhado? O do campo florido de girassóis! O que ele comprou naquela feirinha de artesanatos, lembra? Não acredito que tenha esquecido. Isso é falta de consideração! O amarelo dos girassóis esquentava o ambiente, reflete a luminosidade, trás um brilho, um vigor pra pele... *(Ela fala sozinha)*

Hélio – *(Com uma caixa de remédio nas mãos)* Ao ler “Se persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado” nesta caixa de remédio que seguro em minha mão, me indaguei: com que roupa eu vou? Porque nas visitas aos médicos, que são pessoas importantes e respeitosas,

devemos estar bem apurados. E eu disse à minha filha que pegasse o meu terno francês, comprado na *Champs-Élysées – une voie de circulation centrale reliant la place de la Concorde à la place Charles-de-Gaulle*, que me caía bem porque era de corte italiano. Mas eu sem querer esbravejei *porca puttana troia*, porque, esbaforida, ela não pegou o de corte italiano mas sim o americano, que é uma boa opção para se manter contemporâneo e despojado. Tem a cintura espaçosa e um ar casual. Perde um pouco da elegância. Então lhe disse que não teria mais tempo, que deveríamos correr, e ela me dizia que não era hora nem momento de falar línguas, e eu disse para irmos logo enquanto buscava a camisa de algodão egípcio, exclusividade da minha lua-de-mel no Cairo, mesmo sabendo que há outros algodões tão bons quanto nos *United States of America*, ou na *ciudad de Trujillo en el Peru*. Eu disse a ela que pegasse tudo porque tinha pressa, que não esquecesse inclusive, dos algodões de bolinhas que são práticos, porque nessas horas o relógio corre mais depressa que os nossos sonhos. Não tivemos nem tempo de tirar a mesa do café, uma mosca se banha no caldo do queijo Minas destampado. Mas onde está o meu relógio *Cartier*?

Filha – *(Em alto e bom tom)* Perfeito! O quadro vai ficar aqui! Cabe certinho nessa par... *(A filha percebe que o pai não está ao seu lado, e que olha fixamente para um canto do teto)* Pai? Pai!

Pai – Hum?

Filha – Tá surdo? Eu não posso acreditar que tô falando sozinha até agora! O que tanto você olha pra esse canto? *(Ela se aproxima dele)*

Pai – Traças. Sua mãe dizia que elas são uma praga. Que roem de tudo. Eu tenho muito medo de traças.

CENA 4. “RESORT”

Composição: *Mulher e homem assumem Velha 1 e Velha 2 “plastificadas” que encontram-se numa farmácia “resort”. Cada uma carrega uma cesta de compras com produtos diversos. Há um ambiente sonoro de conversas, som de painel eletrônico anunciando o número do próximo cliente e promoções, som de elevador e ruídos diversos.*

Velha 1 – A minha senha é a 119, e a sua?

Velha 2 – Oi?

Velha 1 – A senha!

Velha 2 – Ah, sim! Bobagem! A minha já passou.

Velha 1 – Você vem sempre aqui?

Velha 2 – Só em dias de grandes promoções como hoje – e quando eles ligam o umidificador de ar (*Ela mostra um pacote promocional que comprou*). Já pegou o seu? Na compra desse creme New Face Bomba Pró-Colágeno Hidrolisado - que contém vitamina E e D Pantenol, ingredientes importantíssimos que, juntos, agem estimulando a produção de colágeno e a reprodução celular, mantendo a pele firme e prevenindo o envelhecimento - você leva esse pacote duplo de fralda geriátrica modelo calcinha unissex noturna para as noites mais frias.

Velha 1 – Você sabe que hoje, além das promoções e do umidificador de ar, eles servem petiscos fresquinhos de atum pra quem já tem cadastro? Você tem o seu?

Velha 2 – O umidificador ainda não consegui comprar. Espero uma

boa promoção ou talvez, quem sabe, eu possa ganhar de aniversário? É um sonho antigo que tenho sabe? Mas não me sobra dinheiro nem pro atum enlatado.

Velha 1 – Então anota na porta da geladeira! Não esquece! Todo dia 29 de cada mês, atum de graça! Aliás, eu adoro o número 9! Você sabia que na minha família, só comemoramos os aniversários de nove em nove anos?

Velha 2 – Superstição?

Velha 1 – Fé! O nove é o triplo poder, integridade, sabedoria, renovação, eternidade!

Uma voz comercial anuncia o umidificador de ar como promoção relâmpago no terceiro andar da farmácia.

Velha 2 – Vem comigo! Hoje vai ser ótimo! É o dia em que eles colocam Berotec no umidificador de ar! Me dá um tremelique no corpo! Me sinto viva! Já experimentou? É hoje que vou usar o meu crediário! *(Ela chama o elevador)* Aproveita e leva um, boba!

Velha 1 – Mas daqui a pouco o rapaz da degustação, vai passar servindo o atum! Que homem, meu Deus! *(Ela fareja o ar)* Já consigo sentir o cheiro das vitaminas B12, selênio, antioxidantes, ômega 3 e ácido graxo...

A Velha 2, puxa a Velha 1 para dentro do elevador.

Velha 2 – Vem!

Ao chegarem no terceiro andar, recebem um vapor de fumaça e dançam ao som da música Celebration – Kool & the Gang/1980.

Velha 1 – Que maravilha! Quero um desses pra vida! Olha como eu tô?!

As duas se olham, falam juntas e gargalham.

Velha 1 e Velha 2 – MOLHADINHAAAAA!!!

Aos poucos elas se recuperam. A Velha 1 parece reconhecer o andar.

Velha 1 – Eu não sabia que aqui é o andar dos antiansiolíticos e anti-depressivos (*Disfarça*). Na verdade eu nunca precisei subir até aqui...

Velha 2 – A decoração é perfeita né? Tem uns pufs ali no canto, uma seção de livros de autoajuda, medicina alternativa, chás, incensos, mas a seção dos alopatas é a mais frequentada...

Velha 1 – Você vem sempre aqui?

Ouve-se a chamada de uma senha. Silêncio entre elas.

Velha 2 – Finalmente o meu número! Você sabe pra que lado fica a escada? Eu tenho horror a elevador! (*A Velha 2 se afasta da Velha 1*)

CENA 5. “BARBADA”

Composição: *Toca música de circo chegando na cidade. O homem coloca uma barba na mulher, e assume um empregado velho do circo. A mulher agora assume a personagem Barbada. Eles estão no meio do picadeiro. O homem velho varre.*

Barbada – Essa música... essa gente. Quem não está esperando, se

assusta com tamanha alegria. Eu sempre esperei e era louca pra ir atrás. Sempre. Eles passavam e eu não piscava os olhos. Chegava a lacrimejar. Eu só podia olhar. E quando o som invadia a casa, meu pai tratava de fechar as janelas. Dizia que aquilo era coisa de gente à toa, que artista era gente vadia e que circo não era lugar de mulher direita.

Velho – Triste.

Barbada – O quê?

Velho – Seu pai.

Barbada – Não entendi.

Velho – Só as pessoas que não gostam de ver as outras pessoas alegres são pessoas tristes. Entendeu?

Barbada – O senhor está aqui a muito tempo?

Velho – Comecei agora.

Barbada – Que bom que conseguiu esse emprego. Eu também estou aqui por conta da placa lá fora. A coisa não tá fácil pra ninguém né? Ainda mais pros velh...

Velho – Só agora comecei a varrer o picadeiro, senhora. Eu tô aqui desde criança. Já fiz de tudo nesse circo! Fui palhaço, mágico, malabarista, vendia pipoca, tirava foto das pessoas e depois vendia nos monóculos, engolia faca e cuspiu fogo!

Barbada – Eu sonhava em ser trapezista. O medo que eu sentia, de pensar que eu poderia voar, chegar bem perto das estrelas, me en-

chia de coragem e fazia eu acreditar que seria possível, e que um dia eu estaria lá no al...

Velho – Minha mulher foi domadora. Era uma moça bonita, forte. Um dia ela decidiu ficar numa cidade onde o circo parou. Se apaixonou pelo lugar e por um homem desses que tem salário, carteira assinada, sabe? Ela sempre achou bonito isso. Eu fiquei com os nossos três filhos e virei palhaço. O “palhaço largadinho”! (*Eles se divertem*)

Barbada – E hoje?

Velho – Não pode ter mais bicho no circo, né? Desses de domar!

Barbada – Uma vez, não me lembro o dia, o circo anunciou pelas ruas da cidade, um concurso de dança. Quem dançasse melhor, ia ganhar um par de ingressos para aquela noite. Eu sabia dançar. Escondida dos meus pais, claro! Inventei uma coisa qualquer pra eles e fui. Eu ia ganhar o concurso – eu sei. Minha mãe desconfiada, me seguiu, e no meio da dança – assim, bem no centro do picadeiro, ela me segurou pelos cabelos e saiu me arrastando circo afora, fazendo eu repetir bem alto, pra todo mundo escutar...

Velho e Barbada – “Circo não é lugar pra mulher direita”!

Velho – E o trapézio?

Barbada – (*Olha pra cima*) Meu sonho ficou pendurado lá no alto, balançando pra lá e pra cá... e quando a gente chegou em casa, ela me jogou no chão feito jenipapo. PLOFT! (*Eles se divertem*)

Velho – Engraçada, você.

Barbada – *(Ela acaricia a barba)* Tem gente que me acha esquisita. Foi nascendo aos poucos. Um fio aqui, outro ali. No começo eu raspava, arrancava com pinça. Daí o pelo ia só engrossando, e como eu sou alérgica a gilete, não tolero dor e não acostumo com essa tal de depilação, resolvi deixar crescer. Demorou bastante pra chegar nesse tamanho, mas o tempo ajudou.

Velho – A senhora leu direitinho a vaga de trabalho na placa lá fora?

Barbada – Li.

O Velho pega outra vassoura e entrega para ela.

Barbada – Na verdade eu só queria entrar. Sentar na arquibancada, e ficar olhando lá pro alto, e esperar quando tudo aqui em baixo ficar escuro, e eu não sentir nem mesmo a minha respiração, e assistir o meu corpo subindo na escada bamba, e as luzes lá em cima se acendendo, e a lona do circo sumindo, e eu sendo impulsionada, e lançada com tanta força no céu aberto, e eu flutuando no ar, passando bem pertinho da estrela Dalva...

Barbada aos poucos volta a olhar para o chão e varre o ambiente. Hélio, o narrador–moribundo ou o narrador–defunto surge novamente em algum ponto. Agora, além da cueca samba–canção e camiseta branca, está de paletó.

Hélio – O meu relógio Cartier? Alguém pode me responder onde está? É inadmissível um homem como eu não saber das horas! E essa mosca que ainda se banha no caldo do queijo Minas destampado? Alguém, por favor? Eu disse isso furioso quando fui tomado por um tremor, uma saudade e um cansaço, e a mão da minha filha não acertava os botões do telefone. Como é que esta juventude não domina um Iphone

num momento de extremo pavor como este? E cadê aquela agilidade que nos roubam na velhice? Logo eu que acreditava, antes que este ar ficasse retido dentro de mim, pela loucura do orgulho, que não me expiraria de mim logo depois do café da manhã, numa engasgada com o gole de suco de laranja nativa da Ásia, importada provavelmente do arquipélago malaio – que hoje abrange países como Indonésia, Filipinas e Malásia. Como, logo agora que não preciso mais de lamber a tampa do iogurte, colocar Bombril na antena da televisão, cerveja no copo de requieijão? Logo agora que ascendi na vida, ficando só um pouquinho abaixo do Sol e esta mesma vida insiste em ficar entre a escuridão e a claridade? Ela canta a balada do lado sem luz pra mim, eu posso ouvir daqui, no cangote. Ela tem a voz da minha mãe, que não me deixaria sair de casa assim todo achincalhado; que cerzia os buracos da minha meia só para não deixar o dedão de fora, porque ela dizia que dedos pra fora é sinal de humildade, mas que as pessoas só respeitariam outras pessoas pelo seu ar de soberania. E que só as pessoas descalças podem ser felizes; e que felicidade e soberania eram antônimos radicais, como eu e minha esposa, que nunca mais me quis e fugiu. E eu digo à minha filha para ver se os papéis do divórcio já estão assinados; que os entregasse para meu advogado, que usava meias da cor da gravata e que tampouco não se importava com os furos nela. E ela me grita que isso já faz mais de 20 anos, mas a minha mãe me ensinou que devemos fazer como seu sambista predileto nos momentos mais sublimes e soberanos da nossa vida: “com que roupa eu vou”?

CENA 6. “CASULO”

Composição: *Homem jovem assume o personagem filho. Mulher idosa assume a personagem Mãe que insiste em não aceitar a ausência dele em sua vida, e constrói relações imaginárias de seu retorno. Não há entre eles nenhum tipo de contato físico.*

Mãe varre o ambiente.

Mãe – Ele demorou tanto pra sair! Agora eu tenho que correr pra deixar tudo limpo e depois preparar o bolo! Até parece que mãe esquece o dia do nascimento do filho. O ano foi 1955. Era verão e caía um temporal daqueles! Eu suava e gemia de dor. Eu lembro. Lembro também que não dei um pio na hora que tive que expulsar o meu neném de dentro de mim. Mordi com tanta força uma toalha velha que me deram, que cheguei a sangrar a gengiva. Disseram pra eu agarrar na grade da cama. A força foi tanta, que eu achava que ia estourar por dentro. E ele escorregou pra esse mundo que nem um quiabo...

Filho – *(Entra no ambiente)* Mãe, a senhora ainda tá varrendo?

Ela se assusta.

Mãe – Eu sabia que você ia voltar! Eu vi que esqueceu a sua chave de novo em cima da mesa. Depois sou eu quem tô ficando gagá...

Filho – Mãe, a senhora sabe muito bem o que o médico lhe recomendou sobre a sua coluna – o que pode e o que não pode fazer! *(Ele tira a vassoura das mãos dela e coloca uma cadeira para ela sentar)*

Mãe – Ele sempre foi tão carinhoso comigo *(Ela senta e ele sai)*. Obrigada filho! Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Eu já disse isso pra você hoje? Às vezes a minha cabeça falha, mas o meu coração não me engana *(Chove. Ela fixa o olhar perdido ao longe)*.

Filho entra novamente no ambiente e encontra a mãe sentada vendo a chuva cair. Ele a observa por um tempo e se coloca a seu lado observando também.

Mãe – Agora foi o guarda chuva, né? Você é um teimoso mesmo! Igualzinho ao seu pai! Que Deus o tenha. Antes de você sair, eu lembro (*Ela abraça o ventre*). O vento mudou, o céu escureceu. Eu senti um frio no espinhaço. Agora esse temporal não vai parar tão cedo (*Ela levanta e deixa a chuva molhar o seu rosto*).

Filho – Sai dessa chuva mãe! Eu não quero que a senhora fique doente de novo.

Ela permanece.

Mãe – Eu lembro que ele chorou baixinho quando nasceu. Depois a parteira sumiu lá pra dentro da casa com ele nos braços. Minha mãe foi junto. Demoraram pra trazer o meu neném de volta, e o meu peito foi enchendo de leite de um jeito, e depois inflamou um tanto... (*O filho vai saindo devagar*). Volta logo, filho! (*Ele estanca. Silêncio entre eles. Ele sai*).

Mãe – Minha mãe e a parteira não trouxeram o meu neném de volta, a casa era toda silêncio, e esse temporal que não vai parar tão cedo. Eu sei (*Ela fareja um cheiro no ar*). Ai que cabeça a minha! Esqueci o bolo no forno! (*Ela sai correndo*)

CENA 7. “BAILARINA”

Composição: *Amiga 1 e Amiga 2, revisitam a memória de quando eram alunas de balé, na mesma sala. Elas brincam de assumir as personagens das lembranças revividas.*

Amiga 1/Professora – Bunda pra dentro, barriga pra dentro, queixo

pra dentro, tudo pra dentro, peito pra fora! Mas você não aprende mesmo, menina! Quantas vezes eu já lhe falei que precisa encaixar esse quadril? Aliás, a senhorita está precisando fazer um regime! Além de gorda, bunduda! Bailarina é esguia, elegante, delicada – MAGRA!

Amiga 2/Bailarina – Mas professora...

Amiga 1/Professora – Abre esse peito menina! Se olha no espelho! Você não tem tônus! Não executa os movimentos com beleza! Você é pesada!

As duas amigas gargalham com a recordação.

Amiga 2 – Não tem como esquecer a professora Judith! Ela batia com tanta força na minha bunda, que por um minuto fazia eu odiar o balé e o meu sonho de ser bailarina. Eu quase me mijava todinha de medo dela!

Amiga 1 – O nosso sonho! Quem se mijava era aquela garota magrinha lembra? Aquela que a mãe era toda chiquetosa. Como era mesmo o nome dela? Ah! Não vou conseguir lembrar.

Amiga 2/Bailarina, imita a garota mijona na barra.

Amiga 1/Professora – Bunda pra dentro, barriga pra dentro, queixo pra dentro, tudo pra dentro, peito pra fora! Tudo bem encaixadinho meninas! Atenção! Todas comigo! Demi-plié, e... *(A professora assiste a garota fazendo xixi ao realizar o Demi-plié. A garota chora ao perceber que todas as outras estão rindo)* Meninas parem de rir agora! Não queridinha! Fica calma que eu vou levar você no banheiro viu? Vai ficar tudo bem...

As duas amigas se divertem com a lembrança.

Amiga 2 – Levar no banheiro pra quê? A garota já tinha se mijado toda coitada! *(Chama a atenção da Amiga 1)* Pára de rir! Ela tinha a bexiga solta... agora eu sei bem o que é isso! A professora Judith limpava o xixi e ficava o resto da aula falando entre os dentes – parecia um espírito de murmuração! Depois puxava o saco da mãe da magrelinha, lembra?

Amiga 1 – Claro! Você acha que ela ia adular as nossas mães? A gente era bolsista no curso. Duas duronas. Em tudo. *(Ela faz movimentos de balé robotizados)*

Elas riem e aos poucos silenciam.

Amiga 2 – Mamãe queria que eu seguisse outros caminhos. Diferentes dos dela. Mesmo sem estudo a bichinha era sabida. Dizia que eu tinha que estudar, me formar, trabalhar pra ser independente. Que não tinha que depender de homem!

Amiga 1 – A amizade das nossas mães era linda. Elas tinham aquele combinado, de arrumar doenças pra gente, sempre que os nossos pais arrumassem pretendentes, lembra? Era tosse seca, diarreia sem precedentes, suspeita de catapora, sarampo, sarna. Tinha que ser contagioso. Tudo pra fazer com que os homens perdessem o interesse por nós.

Amiga 2 – Quando ganhamos a bolsa na escola de balé, meu pai ficou uma fera. Disse que eu ia virar um esqueleto de tão magra. Que homem nenhum ia me querer. Que eu ia crescer sem volume. Sem carne. Sem sustança. Naquele dia a mãe por pouco não apanhou de novo dele. Eu adorava ir pro balé com você!

Amiga 1 – No dia que a gente mudou pra cidade, pra fazer faculdade, meu pai chegou bêbado em casa. Gritava que filha dele tinha que

casar! Que ia me deserdar! Que era uma vergonha deixar uma filha sair de casa sem marido! E que a culpa era da minha mãe.

Amiga 2 – Eu sonhava em trazer a mamãe pra perto de mim. Ela morreu tão jovem, coitada. Só depois de muitos anos consegui visitar o papai, que quase não me reconheceu. Sentamos pra almoçar e ele se danou a me chamar de velha gagá, ranheta, ancestral, tia, mal passada, velhusca, antiquada...

A Amiga 1 abraça a Amiga 2.

Amiga 1 – Eles nunca se conformaram com as nossas escolhas.

Amiga 2 – Agora a gente pode ser o que quiser! Inclusive duas bailarinas velhas, bundudas, sem maridos, com movimentos desengonçados, sem elegância, sem tônus e nenhuma delicadeza – GORDAS!

Elas dançam um anti-balé com a música O Lago dos Cisnes, de Tchaikowski.

CENA 8. “CAMADAS”

Composição: *Mulher assume idosa com manchas na pele (Hiperpigmentação).*

Homem assume um jovem médico, que recebe a idosa em seu consultório.

Médico – Não há com que se preocupar! (*Ele investiga mãos, rosto e colo da mulher*) Essa é uma condição geral relacionada também ao aumento da idade – que é o caso da senhora, por exemplo. A melânica, que é o pigmento natural da pele, quando produzido em exc-

so, causa manchas escuras, desiguais e achatadas, mais conhecidas como hiperpigmentação, e...

Idosa – Minha mãe era morena cor de jambo. Meu pai, um branque-lão. É batata! Todas as vezes que tomo sol, aparece a minha miscige-nação. E eu adoro me bronzear. Gosto de ficar tomando sol, estirada na areia, que nem lagartixa.

Médico – Embora as manchas sejam inofensivas, algumas podem representar um risco à saúde, como no caso de melanoma, por isso lhe aconselho...

Idosa – Tem umas bases importadas que são excelentes, mas dou prefe-rência pras manipuladas. Depois é só aplicar o iluminador, o blush, e...

Médico – Luz pulsada, cremes despigmentantes, laser, são uns dos vá-rios tratamentos eficazes que podemos realizar, mas, em todas as op-ções, é necessário fazer uma rigorosa proteção solar, caso contrário...

Idosa – Dr., o senhor acredita que ainda tenho a marquinha de biquí-ni do último verão? Minha filha acha um escândalo eu usar biquíni, o senhor acredita? Outro dia e chegou em casa com aquele maiô de nataçãõ azul marinho. Disse que era pra cobrir as minhas pelancas, segurar a flacidez! E que se eu não tenho vergonha de mostrar tudo caído, ela tem vergonha de me ver exposta ao lado da família. Curti o verão todo! Eu, o meu biquíni asa delta e uma bela caipirinha!

(Ela mostra a marca do biquíni para o médico que percebe mais uma mancha em sua pele)

Médico – Na próxima consulta, peça para a sua filha lhe acompa-nhar até aqui. Anotei o número do meu telefone particular no seu

receituário. Diga a ela que me ligue com ur...

Idosa – A sua agenda vive lotada! Essa mulherada tem mania crônica de médico. Nunca consigo atendimento com menos de quase dois meses de espera. A sua secretária...

Médico – Urgência. Escrevi urgência no seu prontuário (*Enquanto o médico fala, ela vasculha a sua bolsa procurando algo*) Fique tranquila, que a senhora é prioridade, e nesse mesmo dia daremos início ao...

Idosa – ACHEI! Eu tinha certeza que ele tava aqui (*Ela encontra o seu batom preferido, passa na boca e mostra para ele*). Marrom café! É o único que mais combina com o meu tom de pele, e é o mais difícil de encontrar. (*Coloca uma das mãos próximas à boca fazendo charme*) Mas... pro senhor não reclamar pra minha filha que sou excessivamente vaidosa... que não quero cuidar da saúde, que não sigo as suas orientações e coisa e tal... consegui comprar esse, que é o que tem proteção solar 30.

Ela olha para o médico, como se olhasse num espelho, pega o prontuário de sua mão, dobra ao meio, aperta entre os lábios para tirar o excesso do batom, devolve para ele e sai.

CENA 9. “MEMÓRIAS”

Composição: *Cena final. Hélio, o narrador-moribundo ou o narrador-defunto é assumido pelo homem e pela mulher. Sons de vários tipos de relógios e badalos de sinos num tom crescente se misturam as falas dos Hélios. Eles parecem estar atordoados, perdidos, ao mesmo tempo em que procuram o paletó e o relógio Cartier.*

Hélio 1 – O meu relógio! Eu não sei aonde foi parar... A minha filha com certeza escondeu! E eu não posso sair assim! Meu paletó, cadê? A casa cheia de gente que não conheço e outras que desprezo...

Hélio 2 – Com que roupa eu vou? Onde foi parar o meu paletó? O meu relógio por favor! Alguém viu? Minha filha, vamos chegar atrasados! Um homem decente não anda sem o seu relógio. Um homem decente sempre sabe informar as horas. Mas que bagunça essa casa...

Hélio 1 encontra um par de meias furadas. Instantaneamente os sons cesam e eles param de falar. Aos poucos eles percebem a presença um do outro num silêncio absoluto. Como no jogo do espelho, um reflete o movimento do outro, até se encontrarem frente a frente. Eles se observam por um longo tempo. Um usa o relógio Cartier e o outro o paletó. Hélio 2 estende a mão – como para cumprimentar o Hélio 1, que lhe entrega uma meia furada.

Hélio 2 – Lembro como se fosse hoje, minha mãe costurando as minhas meias escutando Noel Rosa. Mas ela não me ensinou a ter soberania na hora de chamar o socorro, ela não me educou para a língua estranha desta maldita que me tomou e que corre pelos sete buracos da minha cabeça, que me lembra paralisia, desintegrando a minha presença, transbordando pelos olhos, boca, narinas e orelhas, se espalhando no chão desta casa, e eu grito para a minha filha parar de chorar, mandar toda essa gente embora e fazer alguma coisa urgentemente, e essa coisa toma meu tronco, a notícia do jornal, o terno italiano, com que roupa? Os agiotas, os ódios mais íntimos, os radicais livres, a flor na lapela, esta caixa de remédio inútil que não me salva, o amor que perdi, a orgia que banquei como um colosso e a bênção que tive usura de dar à minha filha nesta manhã, a linha da minha mãe nas minhas meias, piedade, mãe, piedade, eu só quis ser feliz, e eu berro para a minha filha parar de chorar e fazer alguma

coisa urgentemente enquanto essa coisa toma minha cintura e se apoia em mim como se me puxasse. Essa carcaça, muxiba, bruaca, medusa, jabiraca, cuca, bruxa, débil, seresma, velhota, paspalhona, canhão, decrépita, caduca, antiga, idosa, senil, decaída, curuca, coroca, jubilada, emérita, aposentada, reformada, abatida, rabugenta, alquebrada, caquética, gagá, ranheta...

Hélio 1 – Ancestral, tia, mal passada, velhusca, antiquada, chalupa, arruinada, cachucha, matusalênica, ruínosa, esclerosada, resto, sovada, reumática, quebrantada, ruguenta, rugosa, encruiquilhada, ruínosa, gasta, tremilicosa, bolorenta, demente, trôpega, estafada, estranha, mofada, azeda, carunchosa, anciã, retrógrada, estragada, desusada, corrigida, ranheta, refugo; eu suplico, com a piedade que minha mãe e o padre do batismo da minha única filha me ensinaram, que ela prepare a sala, arraste os móveis, enxote essa gente; que o meu berço do sono eterno, seja de madeira de lei, como os móveis desta casa que comprei com o meu dinheiro; que ela espante a mosca do queijo. E antes que eu peça, que ela fure com a faca de mesa a minha garganta, perfurando a pele e a traqueia, e eu digo a ela em tom febril que pegue a melhor meia, e calce-me com o melhor sapato para que eu possa receber os meus convidados, pois foi assim que minha mãe me ensinou: com que roupa eu vou para o... (*Eles socam juntos o ar acima de suas cabeças*) bam bam bam!, Bato na tampa da caixa de madeira marrom escura de lei, pensando nos amores que outrora tive, não quero choro nem vela... (*Eles socam juntos*) bam bam bam!, Bato na porta trancada de minha última morada, pensando na herança escondida no colchão, vai orgulhosa, querida, toma-me de uma só vez, mas aceita esta lição e deixe que eu retire o algodão das narinas para o meu último suspiro... (*Eles socam juntos*) bam bam bam! Bato de novo e de novo, com o rosto manchado de maquiagem barata, pensando na imagem final que vou deixar para os meus amigos e familiares, mas imploro, com o ar

que me sobra, que me calcem a melhor meia, com o melhor sapato para que eu possa receber os meus convidados.

Hélio 1 e Hélio 2 – Eu devo morrer, mas isso é tudo o que eu farei pela morte!

Inspirações para o desenvolvimento de algumas cenas:

- “Engorda” – Inspirada no conto “*Mamíferos*” de minha autoria.
- “Colecionadora” – Inspirada na personagem chamada “*Manca*”, (que tinha somente o nome) do ator, dramaturgo, amigo e componente do Grupo Beta de Teatro - *Thiago Mozer*. Ela veio parar nessa dramaturgia a meu pedido e desenvolvi a história escutando a música “*Flor da Noite*”, de Vinícius de Moraes - também indicada por *Thi* - como gosto de lhe chamar.
- Personagem Hélio, o narrador–moribundo ou o narrador–defunto – Inspirado no conto “*Orgulho*”, de Rubem Fonseca, e na música “*A Tua Presença Morena*”, de *Caetano Veloso*.
- Personagem Velha 1, da cena “*Resort*” – A sua relação com o número 9, foi inspirada em um depoimento (*História de família*) de sua amiga dramaturga *Melina Leal Galante*.
- Personagem Barbada – Inspirada no desejo que a minha mãe (*In memoriam*) tinha de ir embora com o circo quando criança, e no poema de *Antônio Bivar* (disco Drama – 3º ato, por Maria Bethânia, 1973).



evagina

EvaGina

Patrícia Eugênio

APRESENTAÇÃO

Eva e Gina são duas mulheres que resolveram assumir o relacionamento e morar juntas quando já estavam idosas. Eva tem 84 anos, é muita habilidosa na cozinha, na costura e no tricô. Cuidou desde cedo de sua família, e foi a única filha a cuidar do seu pai até sua morte. Gina, 76 anos, filha única, fez curso técnico de enfermagem e seguiu a carreira militar. Perdeu seus pais cedo. É calma, fala calculadamente, nem muito lento, nem muito rápido e não possui qualquer exagero nos modos. Gina é uma velhinha um pouco mais escrachada. Vale lembrar que as personagens não devem ser estereotipadas de nenhuma forma. Esse texto é feito para que a comédia venha do cotidiano, e não na humilhação de quem quer que seja. O objetivo é que tanto as mulheres lésbicas quanto as idosas saiam do espetáculo se sentindo felizes e acolhidas. Todos os esforços são bem-vindos para se criar um ambiente que as represente. O teatro é sempre um lugar de posicionamento político. Naturalizar o que a sociedade rejeita e estereotipa é causar revoluções com amor. Todas as revoluções são necessárias. O que não se pode ou não se deve, é querer mudanças e não se fazer nada.

ATO ÚNICO

Toda a peça ocorre num apartamento em que a cozinha e a sala são conjugadas. O palco está cheio de caixas de papelão. Eva procura uma panela com uma escumadeira na mão. Gina chega ao cômodo

com uma caixa nos braços:

Gina – Porque a gente resolveu morar juntas, mesmo?

Eva – Ora, mas por que esta pergunta agora?

Gina – Não temos lugar pra tudo!

Eva – Como assim?

E olha ao redor, para a cozinha abarrotada de caixas, como se tudo estivesse na mais perfeita ordem.

Gina – Eva, você é uma acumuladora!

Eva – Eu não!

Gina – Não?

Eva – Não! Eu só guardo coisas boas, porque você sabe, hoje em dia tudo está muito descartável! O mundo capitalista, os sistemas de produção, eles fazem você querer comprar, comprar, e aí, o que eles fazem? Produtos descartáveis que é pra você jogar fora e comprar mais! Eu, na verdade, estou diminuindo o lixo no planeta! Estou sendo, como se diz hoje em dia, ecologicamente sustentável!

Gina – Eva, você tem a mesma faca há 15 anos!

Eva – Mas é uma faca ótima!

Gina (*se exaltando*) – Mas ela não corta mais, Eva! Ela tá tão gasta que já nem parece mais uma faca! Ela parece um espeto!

Eva – Ah, então! Perfeito pra ver se o bolo no forno tá pronto! É só você enfiar o espeto, digo, a faquinha na massa e pronto!

Gina (*mais exaltada*) – Mas pra isso existe palito!

Eva (*com ênfase, mas calma*) – Mas eu tô reciclando!

Eva acha finalmente a panela e coloca em cima do fogão.

Eva – Você viu o óleo?

Gina – O que você vai fazer?

Eva (*sorridente*) – Bolinho de chuva!

Gina – Fritura e açúcar? Perfeito pra sua diabetes!

Eva (*irritada*) – Por que a gente resolveu morar juntas, mesmo?

Gina – Porque seu pai morreu.

Eva – Ah, coitado do papai...

Gina – Coitado, Eva? Ele infernizava sua vida! Vivia implicando com a gente, mandando indiretas dizendo que a gente era grudada demais!

Eva – Ah, coitado do papai, era um homem grosseiro... (*ri*) Lembra que ele ficava falando coisas do tipo: - “Fica uma cheirando o rabo da outra!”. Mal sabia ele que era isso mesmo!

Gina – Literalmente!

As duas soltam uma gargalhada!

Eva – É, mas ele nunca entenderia Gina, nunca! Era um homem de outra época!

Gina – De outra Era, você quer dizer, né! De outro século!

Eva – É, ele demorou um pouquinho pra morrer, né amor?

Gina – Um pouquinho? Ele viveu até os 102 anos! Eu achei que a gente ia morrer antes dele!

Eva – É! *(Pausa)* O bolinho tá pronto!

Gina prova um.

Gina – Tá gostoso! Você vai acabar me engordando!

Eva – Na nossa idade a gente não engorda mais, boba!

Gina – Ah, não?

Eva – Não! Agora é tudo ladeira abaixo: peso, musculatura, pele, peito!

Gina – Que bom! *(Come mais um bolinho)* Amor, por que a gente, na nossa idade, resolveu morar juntas mesmo?

Eva – Porque tá na moda!

Gina – Na moda?

Eva – Claro! Que vantagem a gente tem de ser idosa e lésbica em 2018 se não for pra morar juntas? Na nossa época, era até excitante a gente andar por aí, dizendo que era amiga e na verdade a gente estar se comendo!

Gina (*horrizada com o palavreado*) – Eva!

Eva – Ah, mas hoje em dia isso não tem a menor graça! Se alguém ficar sabendo que a gente não se assume, e não assume a relação, vai até chamar a gente de antiquada! Deus me livre! Hoje em dia, a gente tem que “causar”, dizendo que é casada há 48 anos! Ser amiga que transa não é mais excitante!

Gina – Nisso você tem razão! Até porque, excitação na nossa idade é algo bem subjetivo mesmo!

Eva (*olha pra Gina zangada*) – Por que a gente resolveu morar juntas, mesmo?

Gina procura alguma coisa e acha um jornal. Acomoda-se num sofá e passa a lê-lo. Eva coloca a louça na pia, pega um tricô que tinha começado a fazer e senta em outro sofá.

Gina – As pessoas usam blusa de tricô ainda?

Eva – É a última moda!

Gina – Sei. Já, já vou lavar a louça, tá, meu bem? Deixa só eu digerir um pouco esse bolinho de chuva.

Eva – Tá bem. Não pretendia lavar mesmo. (*Pausa*) Como assim, digerir o bolinho? Tava massudo?

Gina – Não, amor. É que tenho um pouco intolerância a glúten.

Eva – Desde quando?

Gina – Desde que li esse livro aqui ó! (*Pega o livro de título “Barriga de Trigo”*) Nossa, tanta informação útil! Você devia ler também!

Eva – Deus me livre!

Gina – Ué, por quê?

Eva – Não quero ficar intolerante a bolinho de chuva!

Gina continua lendo o jornal e Eva tricotando.

Gina – Eva, escuta só isso aqui!

Eva se coloca atenta.

Luz abaixa com foco em Gina que fala em tom de telejornal.

Gina – “Traficante de drogas é preso durante troca de tiros com clientes por vender 10 mil dólares de brócolis no lugar de maconha”.

Eva – Como é que é?

Gina – “Sababu Colbert-Evans, de 26 anos, morador da cidade de Aurora, em Colorado, nos Estados Unidos, atirou contra um traficante de drogas, quase matou e acabou condenado a 16 anos de prisão. Ele foi enganado por um homem chamado Tercell Davis, o alvo dos tiros, que dizia ser traficante de drogas. Davis vendeu a alguns clientes o equivalente a US\$ 10 mil em maconha. Na hora de entregar, porém, entregou brócolis”.

Eva – E vender brócolis é ilegal nos EUA?

Gina – Claro que não! Provavelmente o cara achou que ia se dar bem vendendo brócolis no lugar de maconha. Afinal, com quem os clientes iriam reclamar? Com o PROCON? *(Faz voz de telefonista)* “Alô? Central de Atendimento ao Consumidor, em que posso ajudar?”

Eva também imita uma voz, segurando um telefone imaginário.

Eva – Eu queria fazer uma reclamação. Estou me sentindo enganado por uma compra que fiz.

Gina – E qual é a reclamação exata, senhor?

Eva – Troca de produto. Eu comprei uma coisa e recebi outra.

Gina – E o que foi que o senhor recebeu?

Eva – Brócolis!

Gina – E qual foi o produto que o senhor esperava receber, senhor?

Eva – Maco... brócolis!

Gina – Não estou entendendo, senhor!

Eva – Na verdade, quero reclamar de outra coisa. Superfaturamento. A mercadoria com preços abusivos!

Gina – E quantos quilos de brócolis o senhor comprou?

Eva – Um quilo.

Gina – E qual foi o valor da compra, senhor?

Eva – 3 mil reais.

Gina – O senhor pagou 3 mil de reais por 1 kg de brócolis?

Eva – Sim!

Gina – E em que sanatório isso aconteceu?

Barulho de telefone ocupado. Voltando ao cenário normal, as duas riem.

Gina – Só foram presos porque resolveram atirar uns nos outros!

Eva – Depois, a gente que é velha, que é gagá!

Gina – Vou lavar a louça.

Eva – Tá bem!

Gina levanta-se em direção a pia e começa a ajeitar as coisas.

Eva – Você é muito engraçada! Devia ter seguido a carreira de comediante!

Gina – Você acha?

Eva (*dando uma pequena pausa para pensar*) – Não.

Gina – Boba! (*Ri*) Eu sou um soldado! Aposentado, mas soldado!

Eva – Uai, achei que você era enfermeira!

Gina – E no exército dá pra mulher fazer outra coisa?

Eva – É...

Gina – Mas eu já peguei num rifle, sabia?

Eva – Já?

Gina – Já! Segurei por uns três segundos enquanto um soldado calçava a bota! Foi emocionante!

Eva – Mudei de ideia! Você leva jeito pra ser comediante!

Gina – Eu sei! (*Olha para Eva fazendo tricô*) E você devia ter trabalhado com moda, hein! Costura e tricota tão bem! Tem tantas ideias boas! Por que você não fez faculdade?

Eva (*fala calmamente enquanto tricota*) – Porque quando estava na terceira série, eu disse pro meu pai que não queria mais estudar. E ele me tirou da escola e nunca mais falamos sobre o assunto. (*Triste*) Me arrependo tanto...

Gina – Imagina, Eva, você estava na terceira série! Toda criança tem desses rompantes de parar de estudar! Seu pai que não devia ter lhe tirado! Isso foi muita crueldade da parte dele. Tenho certeza que se aproveitou para lhe deixar em casa cuidando dos afazeres domésticos!

Eva está reflexiva.

Eva – Vamos, Gina, vamos deitar. Está tarde.

Gina – Você está bem?

Eva – Sim, só um pouco de dor de cabeça.

Gina – Estranho você não é de ter dores de cabeça.

Eva – É... Talvez seja um pouco de falta de sono, talvez um pouco de angústia.

Gina – Angústia? De quê, meu bem? *(Com ternura)* O que anda passando nessa sua cabecinha, hein?

Eva – Não é nada de importante! *(Ri)* Você sabe, falo muitas bobagens.

Gina – O que foi, meu bem?

Eva – Não sei. Acho que estou com saudades do papai.

Pausa. Gina olha com complacência.

Eva – Não sei se saudade é o nome. Ando pensando muito nele, sabe, meu bem. Pensando com tristeza.

Gina – Seu pai era um homem com muitos problemas, Eva. Era muito infeliz.

Eva – Eu sei, eu sei... Acho que minha vida toda busquei formas de entender papai. Os filhos sempre estão buscando compreender os pais, não é mesmo? Não sei quanto tempo e quanta energia gastei tentando justificar o que meu pai fazia. O trabalho dele sempre sen-

do tudo e a família... O cotidiano sem muita importância. Nunca falava de mim com admiração. Nada do que eu dizia, era levado em consideração. E, por outro lado se eu tentava me impor a repressão era violenta. Era como se eu não pudesse existir, ser eu mesma. E com meu irmão... nossa...

Gina – Seu pai era muito machista.

Eva – Ah, eu sei, eu sei. Eu entendo. Mas é difícil, sabe. É que a gente que é filho fica com essa mania boba de querer ser amado pelos pais.

Abaixa os olhos com tristeza.

Gina – Eu te amo...

Eva – Eu sei...

Gina – Sempre tentei compensar...

Eva (*interrompendo*) – Mas nunca vai conseguir, meu bem. Nem quero que tente. Isso não lhe cabe...

Gina – Vamos dormir. Vamos, lhe dou um remédio para a dor de cabeça.

Eva acena que sim com a cabeça e as duas andam para sair de cena.

Eva – Te amo, Gina.

Gina – Eu sei...

Eva – Você viu aquele chinelinho rosa?

Gina – É meu aquele chinelo, Eva...

Eva – Ah, mas ele é tão mais gostoso...

Gina – Ele é 3 números menor que seu pé.

Eva *(olha para Gina com olhar infantil)* – Mas é tão, tão mais gostoso...

Saem.

As luzes se abaixam ficando apenas uma luminária acesa. O palco lentamente vai clareando como se estivesse amanhecendo.

Gina passa em cena de roupa esportiva, com uma xícara de chá na mão. Eva aparece toda descabelada e ligeiramente desorientada.

Eva – Que horas são?

Gina – 7h. Fiz café!

Eva – Pelo amor de Deus, Gina, por que você me acordou esse horário?

Gina – Pensei que faria bem a gente respirar um pouco do ar matinal. O ar esse horário é mais fresco! Poderíamos caminhar?

Eva *(exaltada)* – Caminhar? Ar fresco? Pensei que uma das vantagens de ser velha era não ter mais que acordar esse horário!

Gina – Não há vantagens em ser velha, Eva!

Eva – Ora, claro que há! Eu já lhe falei que...

Gina *(interrompendo)* – Eva, tome seu café!

Eva – Tá!

Apressada, procura uma das caixas.

Gina – O que está fazendo?

Eva – Procurando minha caneca *plus size!* (*Abre uma das caixas*) Ah, achei!

Coloca o café até a boca e toma num gole só.

Gina – Vamos que hoje estou animada!

Eva – Odeio quando você acorda animada!

Gina (*olha para Eva*) – Vá se trocar! (*olha para o cabelo dela*) E...

Faz um gesto passando as mãos nos cabelos.

Eva – O quê?

Gina – Nada. Vai...

Eva sai em direção à coxia.

Eva (*gritando da coxia*) – Ahhhh, puta que pariu!

Gina – Não demora!

Gina caminha pela cozinha e encontra uma caixa com livros. Abre, acha interessante e pega um.

Gina (*gritando*) – Você está lendo Virgínia Wolf?

Eva (*gritando*) – O quê?

Gina (*gritando mais alto*) – Você está lendo Virgínia Wolf?

Eva (*aos berros*) – Não!

Gina – Não?

Eva (*gritando*) – Estou trocando de roupa!

Gina (*gritando*) – Não, eu quis dizer...

Eva (*berrando*) – Puta que pariu, Gina, pare de berrar! São sete da manhã! As pessoas normais estão dormindo!

Gina (*pra plateia*) – Alguém acordou de mau humor...

Devolve o livro na caixa.

Eva aparece com roupa de cooper, caneleiras, tênis e faixa na cabeça combinando.

Gina – Você se maquiou?

Eva – Você tá me irritando.

Gina – Sim ou não?

Eva – Sim.

Gina – É a prova d'água? Porque você sabe, podemos ficar suadas e você vai dar um faniquito se ficar toda borrada.

Eva – Essa é uma das vantagens de ser velha! (*Exaltada*) Velho não sua!

Sai pelo lado oposto. Gina a observa passar.

Eva (*gritando da cochia*) – Puta que pariu! São sete horas da manhã!

Gina – Agora já são sete e meia! (*sai*)

Eva (*em alto e bom som*) – Puta que pariu!

Blecaute. Pausa longa. Luz geral.

Entra Eva toda descabelada, com o moletom amarrado na cintura, Gina entra logo atrás.

Gina – Ei, Eva, espera! O que foi? Por que quis voltar tão rápido?

Eva – Não foi tão rápido assim.

Gina – Justo quando ia ficar bom!

Eva – Justo quando você resolveu que caminhar não era suficiente.

Gina – Ah, um trotezinho leve!

Eva – Gina, quando se tem 84 anos, não se coloca a palavra “leve” na mesma frase que “trote”, e nunca, jamais, em momento algum, coloque trote no diminutivo! Fala “trotezinho” aqui pra minha bexiga, fala!

Gina (*faz cara de sonsa*) – Não entendi.

Eva – Eu tô toda mijada, Gina! A merda da minha bexiga não segura a merda do xixi, quando eu resolvo pular, correr, tossir ou espirrar.

(Pausa) Às vezes até se eu rir (faz cara de séria).

Gina encara Eva, prendendo o riso.

Eva *(prendendo o riso)* – Para!

Gina – Vamos brincar de sério? *(Pausa)* Quem rir primeiro...

Eva – Se mijá toda! *(As duas riem)* Preciso me trocar.

Gina – Ah, não faça tanto alarde disso. Podia ter sido pior!

Eva – Pior como?

Gina – Você podia ter ficado toda cagada! *(pausa)* Você se lembra daquela vez que eu resolvi comer um acarajé?

Eva – Você não pode com azeite de dendê!

Gina – Um vexame em pleno verão de Salvador.

Eva – A gente faz uma bela dupla!

Pausa.

Gina – Eva, porque você não faz fisioterapia?

Eva – Deus me livre!

Gina – Ajuda muito!

Eva – Se eu puder escolher quem enfia o dedo na minha vagina, eu

prefiro você!

Gina – Nossa, que meiga!

Eva – Ah, esse treco é muito ruim! Eu fiz umas seções já! A mulher coloca uma bexiga na sua vagina, enche aquele treco e fica pedindo pra você apertar. Como assim, apertar? Eu mal sinto a porra da bexiga, nem sabia que a gente controlava isso, não sei nem de onde que vem, pra onde vai, ainda tenho que apertar? Quando a mulher pediu pra eu tentar sugar a bola com a vagina, eu saí na mesma hora. Aquilo foi demais pra mim.

Gina – Tão moderninha pra umas coisas, tão conservadora em outras...

Eva – Pois é (*ajeita a polaina*).

Gina – Eu já fiz.

Eva (*espantada*) – Fisioterapia na buceta?

Gina – Não. Aulas de pompoarismo. É quase a mesma coisa.

Eva fica muda.

Gina – O que foi?

Eva só olha.

Gina – Não posso fazer pompoarismo?

Eva – Estou tentando imaginar pra quê?

Pausa.

A princípio, não temos pênis na relação. A não ser que... (*Faz um movimento com uma mão agarrando os dois dedos da outra*) Você queira dar prazer aos meus dedos...

Gina – Quanta ignorância. Não é nada disso, tá! O pompoarismo aumenta o controle e a percepção da vagina, aumenta o prazer da mulher, além de inúmeros benefícios pra saúde!

Eva – Fala a verdade, Gina.

Gina – Eu vi uma vez uma notícia que uma mulher conseguia arremessar uma bola com a vagina.

Eva (*espantada*) – Uma bola?

Gina – Dizem até que pode matar uma pessoa.

Eva – E você consegue... arremessar bolas?

Gina (*cara de triste*) – Não, nunca consegui...

Eva – Vamos treinar isso, baby! Hoje à noite!

Gina – Hum... noite romântica!

Eva – E amanhã já procuro a fisioterapia! Você me deu uma motivação!

Eva sai para trocar de roupa.

Gina – Eva, não tem nada pra fazer pro almoço. Vou na rua comprar alguma coisa, tá?

Eva (*grita da coxia*) – Tá!

Gina – Quer alguma coisa especial?

Eva – Maconha!

Gina (*espantada*) – O quê?

Eva – Tô brincando! É brócolis!

Gina (*ri*) – Ok!

Gina sai. Eva entra com a roupa trocada, olhando em direção à porta.

Eva – Gina, a gente não devia ter comprado calcinhas iguais! Como é que eu vou saber qual é de quem? (*Pausa*) Gina! (*Grita em direção a porta e espera alguma resposta. Olha para uma blusa de Gina que está perdurada numa cadeira, se aproxima e pega, cheira, acaricia, decide colocar em um dos braços e simula um abraço*) Eu te amo! (*simula a voz de Gina balançando o braço com a blusa*) “Deve amar mesmo, tá me entupindo de bolinho de chuva!” (*Tira a blusa do braço e coloca na cadeira*) Gina, preciso te falar uma coisa. Tem tempo que quero, mas me faltou coragem. (*Olha pra blusa*) Não vou conseguir com você me olhando desse jeito! (*Pega a blusa e coloca de costas em outra cadeira, atrás dela*) É que... se eu soubesse... que era aqui... nesse amontoado de coisas... Meu Deus, precisamos terminar de arrumar isso!... Mas, o fato é que, se eu soubesse que aqui eu ia encontrar meu abrigo, que não ia ter segredos, gritos, repreensões; que eu ia poder ser eu mesma e ainda de bônus ter amor, eu viria antes. Me perdoe Gina, por gastar tanto tempo tentando ser aceita pelo meu pai. O medo às vezes é tão grande! O mundo parece ser tão cruel. Às vezes você se

sente tão pequena pra enfrentar tudo. Afinal, quem é você? Mulher... Um homem quando fala mais alto é um trovão! Quem eu sou diante de um trovão? Eu sou a chuva. Como eu ia assumir que não queria outro trovão para guiar e me orientar na vida? Para dizer o que eu tinha que fazer, pensar, ser. Como é que eu ia contar que eu era lésbica? Como que eu ia contar que eu era apaixonada por você se eu mal conseguia existir? Fui adiando. Adiei demais. Você nunca foi chuva, Gina. Você sempre foi mar! Forte, constante, paciente, nunca me cobrou, sempre me esperou. Porque você sabia, que quando eu chorasse todas as minhas lágrimas, a chuva se tornaria rio e qual o único destino de um rio? Me perdoe pelo tempo que perdemos, Gina...

Gina volta de súbito!

Gina – Perdoe!

Eva (*leva um susto*) – Isso! Perdoa e mata a velha de susto! Pelo amor de Deus!

Gina – Que coisa linda que você disse, meu amor. Não sabia que você era poeta! O negócio do trovão, da chuva, do granizo.

Eva – Não falei nada de granizo!

Gina – Não, falou? Jurava que tinha ouvido. É que atrás da porta fica meio abafado.

Eva – Coisa feia isso!

Gina – Eu tinha esquecido minha carteira, aí vi que você tava falando sozinha. Achei engraçado! Resolvi ouvir pra depois te zoar.

Eva – Ah, filha da puta!

Gina – Mas aí, comecei a ficar emocionada... *(As duas se olham com ternura, se aproximam e se beijam)* Ainda temos muita coisa pra viver, Eva! *(Canta)* “Minha pequena, Eva, o nosso amor na última astronave!”

Eva *(olhando para plateia)* – Ela sabe que eu gosto da Ivete Sangalo...

Gina – Vamos fazer uma cerimônia de casamento!

Eva – Gina, que coisa brega.

Gina – Você sabe que gosto das formalidades.

Eva – Nossa, se sei...

Gina – Sim. E por isso você sabe que a culpa não é só do seu pai, ou sua, é minha também. Eu também me acomodei quando você disse que queria a aprovação do seu pai. Somos de outra época, meu amor. Hoje em dia os jovens têm mais coragem para enfrentar o mundo.

Eva *(fala olhando para o público)* – Estão mudando o mundo.

Gina – Verdade.

Olham para plateia e procuram com olhos pessoas da plateia, sorrindo, apontam para pessoas aleatórias, e fazem corações com as mãos.

Gina – Tenho uma surpresa!

Procura na sala uma caixa, abre e tira um bolo de envelopes.

Eva – O que é isso?

Gina – Os convites do casamento!

Eva – Convites? E se eu não aceitasse? (*Fala baixo*) Não me lembro de ter aceitado...

Gina – Eu rasgava tudo, oras! Olha, eu sei que você não gosta de cerimônias, mas sei que você adora uma festa!

Eva – Vai ter festa?

Gina – Com tudo que temos direito! Bolo, salgadinho, Champanhe, Ivete Sangalo!

Eva (*exaltada*) – A Ivete Sangalo vai cantar no nosso casamento?

Gina – Claro que vai! (*Vira-se para pegar alguma coisa na bolsa*).

Eva (*mais exaltada*) – Minha nossa, não tô acreditando!

Gina – Aqui ó! (*Mostra um CD da Ivete Sangalo*) Comprei pela internet!

Eva – Caramba! (*Cara de decepcionada*) Há quanto tempo você tá planejando isso?

Gina – Há três semanas. Percebi que você estava tristonha, queria te animar. Vamos comprar um vestido pra mim e pra você.

Eva – Ah, já tenho os vestidos!

Gina – Já tem?

Eva – Ah... eu fiz um pra cada. Coisa simples. Deixei guardado caso um dia a gente resolvesse se casar.

Gina – Que lindo, amor! Há quanto tempo você guarda isso?

Eva – Desde 1978.

Pausa.

Gina – Cadê?

Eva abre umas das caixas, animada, tira um vestido azul escuro e mostra para Gina, que sorri e coloca-o em frente ao corpo. Vira-se e tira um vestido enorme com muitos babados, branco, e coloca em frente ao corpo dela.

Gina olha com cara de espanto.

Eva – O que foi?

Gina – Super simples!

Eva – Ah, amor, ficou com umas manchas amarelas.

Gina – Melhor assim, meu bem. Cor de pérola. Afinal, você não tá casando virgem.

Eva – E o tecido... Tá com uns buracos...

Gina – Acabei de ver na Marie Claire que é última moda em Paris!

Eva – Se você tá dizendo... Deixa eu ver o convite.

Gina mostra animada.

Eva – Ah, que lindo! Essa parte foi feita a mão?

Gina – Sim! Veja: “Eva e Gina convidam para cerimônia e festa”...

Eva – Que lindo... Ah Gina, tá faltando uma letra.

Gina – Aonde?

Eva – Aqui ó. (*Aponta*) Não tem o “e” entre nossos nomes.

Gina – Vish... Verdade. Ficou EvaGina!

Eva (*com os olhos arregalados*) – EvaGina (*pausa*).

Pausa. Uma olha para a outra.

Eva e Gina – PERFEITO!!!

Se dão as mãos, olham pra frente. Toca música de festa, luz de festa, chuva de confetes prateados.

FIM

transas esdrúxulas Para serem lidas na rede

@sai da sala



@HILDA30

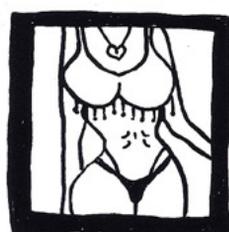


@PAGU10

... esta digitando...



@APHRA40



@VIRGINIA82

@esta ascenando pra vc



@ROSITA35

@entra na conversa.

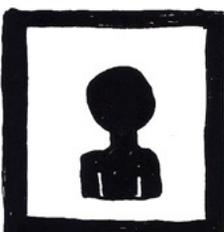


@uiva abruptamente

@LETICIAXX

tô valendo no instagram

@te cutucou



CONCEICA046

@Br te cng?



@esta com o papel e a caneta na mão

NIEVE81

TRANSAS ESDRÚXULAS PARA SEREM LIDAS NA REDE

Melina Leal Galante

APRESENTAÇÃO

Mulheres, a gente pode até não mandar no nosso coração nem no nosso tesão, mas a gente é dona sim do nosso prazer. Pensando nisso, reuni algumas histórias de relacionamentos e transas, digamos assim, incomuns porém frequentes. E quando falo desses relacionamentos comuns, falo de TU-DO. Não me restrinjo a relacionamentos daqueles padrões namorado e namorada, marido e mulher. Falo do relacionamento que se estabelece entre dois seres que se olham na balada e resolvem correr para o motel mais próximo. Ou marcam um encontro no bar e dali correm para a casa de um dos dois. Nem falo só de transa como o ato sexual entre duas ou mais pessoas. Porque é de uma eloquente hipocrisia não dar nome aos fatos e não aceitar que as relações nos movem e nos envolvem, sejam elas quais e como forem. Transar e relacionar-se são dois verbos constantes na vida de quem nasce, cresce, se desenvolve e fode. Daí que eu me lembro de todos os caras que já acharam que a menina estava achando que eles estavam “sei lá o quê” porque “sei lá o quê”. Pera lá, parça. Alguém já te disse que você nem é tão bom assim? Eita que me perdi! Voltando: a ideia é espalhar essas histórias pelo mundo por ter ali um bichinho que rói me dizendo que quase TO-DA e QUAL-QUER mulher já se viu na história da coleguinha seja qual for seu lanche de preferência - e aqui vou pedir licença a Meiriele Lemos e usar sua precisa visão de mundo - se é Mc Donalds ou Burger King, ou se é combo de um e sobremesa do outro. Ousada, né? Sabe o que é: nas andanças por aí, vivendo, falando e escutando muito, sobretudo, percebi que todas nós, em algum momento da vida, vamos nos pegar numa

situação do tipo “como é que eu vim parar aqui?”. E esse pensamento vem na hora de terminar a relação - ou quando terminam com você; vem naquela mensagem escrota que não significa absolutamente nada; vem ali minutos antes daquele orgasmo engasgado que não sai nem por um decreto. Daí é melhor deixar o boy de lado e você se resolver. Porque já dizia lá o ditado antes só que mal acompanhada, então, é melhor um orgasmo múltiplo de você com você mesmo do que aturar o cara te fazendo de boneca inflável. Porque não está fácil para ninguém e nem nunca esteve. Mas, na boa? Não deveríamos depender do “alguém” para estar fácil, pois você se basta e está tudo bem você procurar prazer com você mesma. Dividi-lo com outra pessoa é uma escolha, é um arranjo, é uma relação. Além disso tem outra coisa que bate forte quando proponho a universalidade do assunto: a empatia feminina. Aquela que por tanto tempo nos foi ensinada a ignorar, pois a outra mulher é um perigo, ela é sua concorrente, sua inimiga. Mana, não mais! A empatia entre mulheres é uma das coisas mais brilhantes da existência humana, não há nada que supere mulheres que se colocam no lugar da outra. É força descomunal que move planetas. Depois de tanta conversa fiada, chego então ao ponto G: um compilado de diálogos ficcionais, baseados em episódios quase documentais da vida de mulheres, livremente adaptados de relatos dados por elas, sobre elas e outras mulheres mais, tendo tido eu o devido cuidado de preservar a identidade de todas, naquela de brincar com o reconhecimento na história da outra, deixando só uma penúltima provocação: nesse bololô tem casos pessoais - só não digo quais. Por último e fundamental, minha pujante gratidão a todas as mulheres que compartilharam um cadinho de suas experiências para que pudéssemos construir esta corrente.

Personagens

@hilda30

@rosvita35
@aphra40
@pagu10
@virginia82
@conceicao46
@leticiaXX
@nieve81

CENA 1 - TRANSA DOS TEMPOS

Há oito mesas espalhadas pelo espaço com dispositivos usados para comunicação em cima de cada uma delas. Esses dispositivos são: um smartphone; um computador modelo anos 2000 desses com monitor de tubo, gabinete, mouse e teclado; um pager; uma máquina de datilografia, um telefone de disco; um papel e uma caneta esferográfica; um telégrafo; e um papel e caneta tinteiro de pena. Não há nada além disso no espaço.

CENA 2 - TRANSA DAS AGENTES

Oito mulheres entram uma a uma e posicionam-se diante de cada uma das oito mesas. Essas oito mulheres vestem roupas distintas entre si. São roupas icônicas, que representam a moda usufruída por mulheres ao longo dos tempos, valendo absolutamente tudo: desde um traje típico da tribo iorubá, passando pelo hábito de uma freira medieval até os trajes de banho usados por Leila Diniz no auge do verão carioca. O imprescindível é que as oito mulheres se vistam de formas diferentes. É fundamental que sejam oito mulheres nada parecidas em suas caracterizações e seus tipos físicos.

Dispostas pelo espaço, as oito mulheres ficam ali por um tempo, paradas, caladas, imóveis. Até que todas começam a interagir com seus objetos. A mulher que está à mesa do smartphone, @hilda30, interage por alguns instantes com o dispositivo e caminha até se posicionar à frente das outras mulheres, sem tirar os olhos do aparelho. Mais alguns instantes na movimentação, ela se detém e então se põe a falar, agora encarando o público.

@hilda30 – se alguém por acaso me perguntá onde habito na internet, vou logo dando o twitter como CEP. não à toa que foi de lá que tirei o devaneio expurgante desse troca-troca

@hilda30 – chegou aqui na timeline num retuíte, bem de supetão, na hora exata. Mas vou logo adiantando que não sou exclusiva de lá. nem você deveria ser. tô valendo do instagram, facebook, tumblr, vine e até de orkut - se vc quer falar de falecidos

@hilda30 – mas dados os propósitos e os primeiros encontros, vamo ao que interessa!

Blecaute.

CENA 3 - TRANSA DAS TRANSAS

As luzes se acendem e as oito mulheres estão reorganizadas pelo espaço de modo que não estão à frente dos mesmos dispositivos da cena anterior. Uma pausa e elas começam a interagir novamente com os dispositivos. Os barulhos gerados por cada um deles tomam conta do espaço e vão diminuindo gradualmente.

A mulher que agora está interagindo com o smartphone, @virgi-

nia82, começa seu relato.

@virginia82 – eu acho engraçado como homem só conta história de transa boa e mulher só conta história de transa merda.

@virginia82 – começou assim: tava eu e o @ e o @ e eu de trelelê. Eu tava numa festa na praia bem louca e ele no bar com os amigos. Nos falamos, nos encontramos, transamos, foi ótimo, seguiu a vida.

@virginia82 – meses depois a gente se encontrou numa festa e ele veio até a mim. Fiquei toda-toda achando que ia rolar mais uma foda sem compromisso, quebrei a cara.

@virginia82 – *(imitando a voz de um garotão qualquer)* “Pô gata aquele dia foi foda mas bem que cê podia ter tomado um banhozinho antes né?” Como é que é? Falei com ele. *(imitando a mesma voz de um garotão qualquer)* “Pô cê tava todo suja de areia e eu todo limpinho. Mandou malzaço”

A mulher que está à mesa do telégrafo, @conceicao46, entra na conversa.

@conceicao46 – MENTIRA! e o que cê falou?

@virginia82 – fiquei olhando pra ele com cara de paisagem, sem reação. mas a vontade mesmo era de meter a mão na cara dele.

@virginia82 – e nunca mais encostei nele né. O djabo de vez em quando atenta, mas a deusa é forte e a gente tira amor-próprio da ppk!

Elas fazem uma pausa. Todas saem de cena. Blecaute.

CENA 4 - TRANSA DOS TÉRMINOS

As luzes se acendem. As oito mulheres estão reorganizadas pelo espaço, exceto @conceicao46 que continua interagindo com o telégrafo. Todas estão frenéticas em suas interações.

Num movimento súbito, @conceicao46 começa seu relato.

@conceicao46 – miga! lembrei de uma aqui

@hilda30 – manda!

@conceicao46 – meu primeiro namorado terminou assim comigo oh: eu vou termina como você não é porque eu não gosto de você não é porque eu te amo mas eu não consigo mais passar as noites acordados pensando se você vai morrer nessas cachaçadas suas.

@hilda30 – como assim, mulhé?

@conceicao46 – assim. eu tarra numa fase bem loucona, sabe? tinha largado a igreja porque né não aguentava mais aquela pregação, não queria mais ir etc e a família tava não sei quê não se quê lá

@conceicao46 – daí falei pro boy: amô, se eu não obedeço nem aos pedidos do meu pai, não são os seus que vão ser!

@hilda30 – e ele?

@conceicao46 – ele eu mandei pastar e fui pro bar porque não sou obrigada.

@rosvita35 que está à mesa com o papel e a caneta esferográfica dá uma gargalhada.

@aphra40 – lembrou de algo foi?

@rosvita35 – gata, tô rindo de nervoso!

@rosvita35 – chora pra nois

@rosvita35 – lembrei aqui de um namorado que tive. até então pra mim tarra tudo ótimo. relacionamento maravigold, a gente se dava super bem até que um dia ele DO NADA resolveu terminar comigo

@rosvita35 – e a questão não foi terminar comigo. terminar comigo tá tudo bem. real. só me explicar certinho que a gente se entende. o negócio foi onde e porquê

Todas as oito mulheres param abruptamente de interagir com os dispositivos e olham para @rosvita35

@rosvita35 – na cama. (*@rosvita35 pega a caneta esferográfica e insinua uma penetração com o objeto*) com o piru ainda dentro de mim.

@pagu10 – como?

@rosvita35 – ele gemeu, gemeu, gemeu e soltou “não dou mais conta de ficar com você. tô apaixonado por outra”. é mole ou quer mais?

@aphra40 – eita que eu não ia querer mais não!

@nieve81 – gata, e como é que você goza depois de uma dessa?

@rosvita35 – rum! nem me fale. ele falou isso, eu só olhei pra cara dele e falei “cê me dá uma licencinha aqui, por favor?” e vazei dali

@rosvita35 – uns dias depois ele me procurou cheio de conversa fiada e eu deixei ele falando sozinho, falei que era pra cada um seguir com a vida que tava de bom tamanho. o pior é que eu gostava do desgraçado

@leticiaXX – olha, eu ia até contá uma minha aqui mas depois dessa.. nem sei

@rosvita35 – aaaaah não! conta desse rolê, pfv!

@leticiaXX – não foi assim tãaaaaaaao brochante quanto a sua mas eu tava morando em outra cidade já tinha um ano e eu tava há quatro com esse cara. eu amava ele. amava mesmo e não tenho vergonha de falar.

@leticiaXX – pra mim era certo, com a relação à distância a pleno vapor, até o dia em que ele me mandou um zap zap falando que PRECISAVA terminar comigo porque NÃO CONSEGUIA suportar a ideia de me trair

@rosvita35 – essa cara de pau ele passou no débito ou no crédito?

@leticiaXX – nem quis ficar pra saber. eu sofri. sofri com força mas não olhei pra trás!

@nieve81 – ô gente! bom fui eu que namorei sem saber.

@conceicao46 – como?

@nieve81 – vira e mexe eu ficava com esse carinho de uma cidade vizinha da minha. sexo mara! o cara gostoso para um caralho. até que um dia ele me chamou pra conversar. eu idiota fui.

@nieve81 – cês acreditam que a conversa era pra terminar nosso namoro. eu fiz: oi? namoro? quando é que isso aconteceu que eu não tava sabendo?

@hilda30 – é cada um que aparece...

@nieve81 – daí que eu comecei a namorar e terminei no mesmo dia. falei: ei, viaja não, filhão.

@rosvita35 – e você terminou tudo com ele?

@nieve81 – cê acha? continuei até quando deu, que ele me inventou uma crise de ciúmes e umas cachorrada e aí eu parei de beber daquela água.

Blecaute.

CENA 5 - TRANSA DOS REENCONTROS

As oito mulheres estão completamente reordenadas pelo espaço e mantêm a interação com os dispositivos.

@aphra40 está à mesa com o papel e a caneta e sem desviar a atenção do que faz começa seu relato. Ela está compenetrada na ação de escrever e ao mesmo tempo põe força em seu relato.

@aphra40 – gata, tem umas coisas que eu acho que só acontecem comigo. tava eu no meio do carnaval já terminada com o sujeito. Tava louca já colo-ca-dís-si-ma, quem me aparece?

Do outro lado espaço, @pagu10 grita:

@pagu10 – mana, já imagino quem e tô nelvosa aqui

@aphra40 – pois é. O próprio. Quer dizer, impróprio né. Porque ele não só veio falar comigo. Ele resolveu encher a porra do meu saco falando um monte de merda.

@pagu – EM PLE-NO CAR-NA-VAL. que tipo de gente faz isso?

@conceicao46 – *(muito enfática)* macho chato

@aphra40 – calma que não para por aí. Ele falou, falou, falou e falou. Eu já cansada daquilo ali olhei pro lado e vi um espetáculo de homem do meu lado. olhei pro sujeito, olhei pro homem e taquei um beijaço no desconhecido

@nieve81 – gente, ahazô!

@aphra40 – nenhum dos dois entendeu foi nada. aí que o sujeito olhou bem no fundo do meu olho e soltou a pérola: Aphra, você sempre foi uma cretina!

@aphra40 – soltei uma gargalhada e voltei a beijar o outro moço. Dei loucamente aquele dia.

O barulho dos dispositivos novamente aumenta e fica estrondoso. Até que @rosvita35 começa um novo relato.

@rosvita35 – gente, para tudo! lembra daquele cara que terminou comigo no meio da foda pq tarra xonado em outra? pois bem. segu-

rem essa: anos depois eu tava num bar esperando uma amiga. bar vazio, eu sozinha na mesa, cigarro na mão, copo na outra bebendo um litrão, um blues melancólico de fundo

@rosvita35 – ah, e um detalhe: nera nem pra eu tá ali porque nem naquele bairro eu morava mais, mas enfim

@rosvita35 – eis que o meu ex passa com a tal menina por quem ele disse que tava apaixonado e ERA UMA CONHECIDA MINHA!

@conceicao46 – eita, migla! fingiu que não viu?

@rosvita35 – tentar eu tentei mais não rolou e trocamos aquele sorzinho truncado, amarelo ovo podre e eu pude lê na cara dele aquela coisa de “olha como eu te deixei na merda. tá até hoje fudida”

@conceicao46 – que tour errada!

@rosvita35 – que nada, menina! passou já! isso tem duzentos anos. tô aqui maravilhosa e feliz com minha vida, com meus litrões. e parei em definitivo de frequentar aquela região porque posso até ser de livre com a vida, mas de auto-flagelação eu tô fora!

Blecaute.

CENA 6 - TRANSA DAS REPRESSÕES

As oito mulheres voltam a interagir com os dispositivos e novamente o barulho deles toma conta do espaço. O barulho é altíssimo. @leticiaXX que está com o papel e a caneta tinteiro começa a se acariciar com a pena da caneta. Ela entra quase que numa transe e num

súbito se lembra de algo. O barulho dos dispositivos se esvai e @leticiaXX começa a contar sua história.

@conceicao46 – tava aqui pensando e lembrei dum trem aqui. vem comigo que é babado.

@virginia82 – atenta!

@conceicao46 – tava eu recebendo o melhor oral da minha vida. gozei até achar que eu ia desidratar. tava no paraíso!

@nieve81 – querida, e o que rolou?

@conceicao46 – apenas que quando ele levantou ele tava com um bigodinho de hitler na cara com a minha porra

@nieve81 – cê tá brincando!

@conceicao46 – real oficial. aí eu comecei a rir e não dei conta de continuar. peguei minhas coisinhas, parti do motel e não olhei pra trás

@pagu10 – gente, fiz o mesmo aqui: uma vez tava com um carinha lá em casa e na hora do rala e rola o cara me começa a gemer que nem uma CABRA!

Todas as oito mulheres caem na gargalhada.

@pagu10 – eu fiquei: cara, o que cê tá fazendo? cê tá passando bem? quer que chame a ambulância? e ele ficou todo desconcertado e brochou instantânea e imediatamente. coitado... mas coitada de mim que tava achando que tava num curral.

@hilda30 – pior do que esse - se é que tem pior - só o que me pediu CINCO vezes pra latir pq não ficou satisfeito comigo ignorando no primeiro pedido. SOU SURDA NÃO, AMÔ. E NEM CADELA.

@pagu10 uiva abruptamente. Todas caem na risada.

@virginia82 – lembrei aqui de um boy mais novo que eu pegava. nada sério. safadeza mesmo. o cara tinha uns espetáculo de braço. uma pegada que só o 100-or na causa. aquele que te pega de jeito, sabe? que cê fala ME COME AGORA!

@rosvita35 – eita que até subiu um calor aqui *(enquanto faz um gesto com as mãos ventilando a região pélvica e encara o público)*

As outras sete mulheres se juntam a @rosvita35 e começam a gemer, suspirar, se tocar, se acariciar e se abanar ora encarando o público, ora encarando-se entre si. Algumas até insinuam atingir o orgasmo, entre elas @virginia82.

@virginia82 – *(voltando do orgasmo imediatamente para um tom de frustração)* e tudo ficou por isso mesmo.

As outras sete mulheres se põem em estado de choque, como se tivessem brochado, e olham para @viriginia82.

@virginia82 – O cara era tão bom, mas tão bom que não podia nada! ABSOLUTAMENTE nada e EU era ABSOLUTAMENTE NADA

@rosvita35 começa a se acariciar e volta a gemer bem baixinho.

@virginia82 – *(imitando a voz e os trejeitos do sujeito)* “você é muito gostosa, mas olha pra mim. olha esse bíceps” “me pega devagar”

“cuidado com as minhas costas” “não me arranha, sou sensível”
“não sei o quê”

@virginia82 – *(largando o dispositivo com qual interação e mostrando as duas mãos)* QUERIDE, NEM UNHA DIREITO EU TENHO quem dirá paciência pra lidar com você! se poupe e principalmente me poupe! vai é dá uns pega no espelho que cê ganha mais

@virginia82 – mas depois fiquei pensando e deu até pena: só pode que esse homi fica de pau duro olhando as próprias selfies. ieuhein!

@rosvita35 geme alto e tem um orgasmo.

Blecaute.

CENA 7 - TRANSA DOS ARRANJOS

As oito mulheres estão reordenadas pelo espaço. A interação com os dispositivos é novamente frenética e os barulhos gerados por eles são altíssimos. A mulher que está com a caneta esferográfica bate-a na mesa, em movimento acelerado e a mulher que está com a pena se acaricia. @hilda30 se põe a falar.

@hilda30 – a gente falou tanto do passado mas não foi lá no passado-passado, tipo primeiro.

@hilda30 – tô aqui pensando na minha primeira vez. nada romântica. eu tava completamente bêbada, me joguei no cara, tava doida pra dar, queria saber como era, cansada de só bater siririca - não que eu tenha parado né

@rosvita35 – amém, irmã!

@hilda30 – mas foi UÓ de horrível! não só porque eu tava bem loucona mas pq ele tinha ejaculação precoce e não fez o mínimo de esforço pra me fazer um agrado extra, sabe?

@hilda30 – coitado, era só explicar que tava tudo bem. como fez o outro lá uma vez que brochou. “bicho, tá tudo certo. essas coisas acontecem. bora fazer de outro jeito”.

@hilda30 – mas nãaaaao. tem que ser tudo travado e não dito. depois não vem reclamar que eu vomitei o banheiro todo. não foi culpa minha porém lei do retorno né

@pagu10 – aaaah mulher, primeira vez. a minha foi numa festa no ritmo do pancadão. e quando eu digo ritmo do pancadão é que o cara se movimentava ao som de glamourosa, rainha do funk, poderosa, olhar de diamante. ele estragou tudo. adorava a música.

@leticiaXX – a minha não foi bem minha primeira vez mas foi a primeira que eu tava com um cara que queria muito parte da minha vida. então quando eu terminei o relacionamento que eu tinha caí pra cima.

@leticiaXX – o moço era da minha cidade. conhecia desde pirralha. aí tamo lá na minha casa, naquela pegação guardada por muito tempo, botando o papo e o sexo em dia e ele me solta, em cima de mim, olhando no fundo dos meus olhos, “éee o zé e a maria capricharam!”

@leticiaXX – *(em tom de indignação)* MANA, QUEM FALA ISSO? É MEU PAI E MINHA MÃE PÔ!

Blecaute.

CENA 8 - TRANSA DAS CONCLUSÕES

As oito mulheres já não estão mais interagindo com os dispositivos. Elas estão em pé, próximas umas das outras, interagindo entre si. Elas dão risadas, se abraçam, se tocam, se acariciam, se dão as mãos e permanecem interação por um razoável tempo. Há também uma troca de elogios e admirações livres, espontâneas. Promessas de reencontros e fortalecimento são feitas. Elas carregam um ar de alívio por partilharem o momento.

A interação chega ao seu ápice e as oito mulheres se abraçam lado a lado, formando uma fileira. @hilda30 está no meio e é quem puxa o desfecho.

@hilda30 – depois de tudo isso já deu pra entender que não adianta correr: esses embustes vão passar pela nossa vida.

@hilda30 – então só temos um conselho pra te dar, um negócio que li num bottom por aí: MULHER, NÃO FINJA ORGASMO. Deixe o cara saber que ele fode mal!

@hilda30 – e aí seguimores que a gente reza pela cura hétero pois mulher ser divino. poréem não podemos julgar a coleguinha que gosta do preenchimento e tamo aqui pra respeitar pq o negócio é sentir prazer com outro serumano maior de idade e sozinha também porque sim

@rosvita35 – *(Gritando)* E VIVA A SIRIRICA!

Todas vibram.

FIM



casa

della

"EM TEMPO DE CHUVA,
PASSARINHO

NÃO CANTA,
PASSARINHO

Grita!

CASADELL@S

Alessandra Pin Ferraz

“Em tempo de chuva, passarinho não canta, passarinho grita!”.

Leônidas

APRESENTAÇÃO

Numa casa de travestis, nomeada de Casadell@s, com arroba, comandada por uma cafetina quarentona, profissão e afeto se confundem. Com a chegada da novinha Leônidas, as questões de cada moradora entram em debate, já que Mama Rolonda, a dona da casa, demonstra preferência acentuada na novata. O universo travesti, desvelado em suas minúcias e dilemas, através da visão de uma trans, a partir de uma vivência com pessoas reais, ainda que perceba esta experiência em terceira pessoa. Um segredo, almas femininas em corpos distintos, humor ácido e uma realidade crua, invisibilizada e tão necessitada de espaço em tempos de retrocessos.

Glossário Pajubá LGBTQI+

Boy – Menino novo, que desperta interesse.

Tombar – Arrasar alguém.

Quiridas – Forma irônica de chamar os desafetos.

Aqué – Dinheiro.

Diária – Taxa cobrada pelas cafetinas pelo uso do ponto de prostituição.

Mariconas – Clientes de travesti, geralmente mais velhos.

Novinha – Garota, jovem, inexperiente.

Bombar – Colocar silicone líquido nas nádegas.

Montar – Vestir-se femininamente, maquiarse.

Transex – Termo usado por Travestis para autoidentificação. Geralmente ligado à prostituição.

Drag – De Drag Queen, artistas que se vestem com roupas femininas, geralmente exageradas.

Rival – Teatro carioca que recebeu show de travestis nas décadas de 60 a 80, lideradas pela artista Rogéria.

Amapôa – Mulher Cis.

Picumã – Peruca, cabelo.

Não deita – Não desiste, não se rende.

Bicha/Viado – Tratamento entre trans que tem intimidade. Resignificam a ofensa.

Odara – Maravilhoso, lindo.

Mati – Pequeno.

Alibã – Policial, autoridade.

Milico – Militar.

Neca – Pênis.

Tapué – Vasilhame tipo Tupperwares.

T-lovers – Homens que se atraem por travestis.

Xuxu – Barba.

Tá boa? – Tá doida?

Vicioso – Que quer fazer ou faz de graça o programa.

Edi – Ânus.

Mona – Travesti, mulher, gay afeminada.

Loosho – Luxo.

CENA 01 – ELL@S

Janja – Fiz o segundo grau duas vezes. Uma com o nome de Jonsson Espiridião, e outra depois que mudei meu nome para Janaína, só para ter o prazer de ser chamada de Janja. Quer coisa pior para uma

travesti que ter nome de batismo de Espiridião? Qualquer coisa com “ão” é assustadora para uma travesti. João, Peão, Pezão, Grandão. A Escola é um pesadelo. Mas eu fiquei acordada até o fim.

Britiney – A Janja é a mais inteligente daqui. Ela fez o segundo grau duas vezes. Conseguiu um boy *adevogado* que trocou o nome dela na justiça. A gente duvida. Acha mesmo que ela deu prum falsificador que fez um RG frio pra ela.

Stefanny Kerolaynny – Não acreditem em tudo que a Britiney fala que ela é venenosa. Adora tombar as amigas. (sussurra) Ela passou um barra na Europa, voltou deportada, quase morreu. Agora taí, amarga. Ninguém presta no mundo.

Veluma Joy – A Stefanny Kerolaynny com ene ene e ká-ypsolon é muito sonhadora. Desde que era um boy, lá nos cafundó da Paraíba, que sonha fazer sucesso como artista. Mas sabe quando a estrela da pessoa não brilha? A minha? Nunca parou de brilhar meu bem.

Prepara a dublagem, vai começar o show das glamurosas. Mama Rolonda interrompe.

Mama Rolonda – Que história é essa?! Vocês pensam que essa casa é bagunça?! Ninguém vai ficar fazendo show não quiridas, podem me passar o aqué que o pão não se assa só.

Todas se coçando para pagar a diária.

Veluma Joy – Mama Rolonda, sempre preocupada com todas nós. Mas não se enganem. Se não pagar a diária, o pau come feio aqui... E não to falando daquele pau não. É esporro mesmo...

Mama Rolonda – Veluma Joy, logo você, a mais velha! (*reagindo ao olhar de censura de Veluma*) Experiente! Olha o chiqueiro que está esta casa! Quer que as mariconas se assustem fazendo uma visitinha? Quem vai manter este casarão?

Britney – Acabei de fazer a unha, Mama.

Mama Rolonda – Ah, mas vai limpar a cozinha assim mesmo, nem que tenha que enfiar essa unha de gel no seu edi.

Janja – Eu cozinho hoje! Tô fora da limpeza.

Stefanny Kerolaynny – Não senhora dona Janja, a senhora cozinhou ontem, hoje é a vez da Veluma.

Veluma – Isso mesmo! Até comprei o camarão seco pra fazer o bobó.

Britney – Pra senhora sobrou o banheiro! Vai lavar privada sim, quirida! E se reclamar vai ter de lavar nossas calcinhas também!

Grande polifonia de reclamações. Mama traz Leônidas para apresentar as meninas.

Britney – Hummm... Novinha sensação! Que milagre foi esse Mama? Abriu a carteira?!

Mama Rolonda – Essa é Leônidas, ainda não tem nome de guerra.

Veluma Joy (*olhando para o corpo*) – Ainda não tem nada.

Janja – Sem peito, sem bunda.

Veluma Joy – Novinha! Vai ficar delícia. Mas nada de hormônios ou o flu (*assobia*) não sobe.

Britiney – E mariconna gosta é de dar, quirida! É tudo dadeira.

Stefanny Kerolaynny – Mas novinhas como você sempre tem chance de arrumar um marido.

As três – Marido?! (*batem na madeira três vezes*) Bate três vezes.

Stefanny Kerolaynny – Meu sonho é arrumar um marido rico!

Mama Rolanda – Deixem a criança em paz seus urubus! Deve estar cansada. Tá viajando de ônibus desde às seis horas de ontem.

Britiney – E de onde ela vem, Jesus?! Mama investindo em novinha, tem caroço nesse angu.

Leônidas – Eu vim de Oriximiná, no Pará, a Princesa de Trombetas!

Todas se olham arregalam os olhos e soltam uma gargalhada!

Janja – Bem-vinda, Princesa de Trombetas!

Veluma Joy – Melhor nome!

Mama Rolonda – Deixem a menina!

Stefanny Kerolaynny – Hummm, uma nova queridinha pra Mama Rolonda!

Britiney – Que estranho, desde que Veluma Joy era virgem que

Mama Rolonda não investe numa novinha deste jeito!

Janja – Monas, quando vamos bombar a garota?!

Enquanto as meninas falam elas vão “montando” Leônidas.

Britney – Ela precisa de um nome.

Stefanny Kerolaynny – Tem que ser um nome forte, cheio de ypsolon.

Veluma Joy – Na minha época Roberta era o Close!

Britney – Eu sempre preferi Rogéria!

Stefanny Kerolaynny – Roberta é mulher! Rogéria era mona.

Janja – Tem que ser mona, mas tem que ter nome de mulher!

Britney – Toda Transex ela! (*fazendo voz de pato*).

Janja – E tu, Britney Spiritus, começou de Drag que eu sei.

Veluma Joy – Eu sempre fui vedete! Comecei no Rival (*puxando bem o L e imitando a Rogéria*).

Stefanny Kerolaynny – É verdade que teu nome é por causa da chacrete trans?!

Janja – E tinha uma chacrete trans?!

Britney – Não é da minha época! Não se ache burra por não saber, Leônidas.

Veluma Joy – Tinha! Mas tudo velado por causa da ditadura.

Todas se calam e ficam imóveis.

Mama Rolonda – Tá pronta a criança?!

Britiney – Só falta o nome.

Leônidas – Meu nome será Leônidas.

Todas: ãh?!

CENA 02 – TÔ NA PISTA

A Iluminação muda e as meninas se organizam pelo espaço. Mama Rolonda sai. Elas estão na pista.

Janja (*para Leônidas*) – Menina, não vá pra lá! Ali, só as amapôas...

Stefanny Kerolaynny – Garota é babado! Não vai pegar o ponto de nenhuma daqui ou vão arrancar seu picumã.

Britiney – Antes fosse só o picumã! Esses marginais degolam mesmo. (*aponta*) As dali são as da Poly Batalhão. (*aponta*) As daquele outro lado são da Kelly Carabina. Não chega perto que elas matam.

Janja – Ai, que exagero!

Britiney – Experimenta, bebê!

Janja (*para Leônidas*) – Escute, boquetinho é 40! Mesmo se eles chorarem, você não deita.

Britiney – 20 reais só as rondonienses que fazem.

Janja – Menina, tu qué apanhá?!

Stefanny Kerolaynny – Escute... Use camisinha sempre... Nada de cair nessa de pagar mais caro.

Veluma – Meninas! Vejam! Um boyzinho passando, se aprumem.

Todas se colocam em posição sensual.

Veluma (*para a mais próxima*) – Oh lá! Parou o carrão pra novinha.

Leônidas fica toda errada, Janja a empurra pra frente.

Britiney – É sempre assim com as mariconas, chega carne nova, já tudo se interessa.

Stefanny Kerolaynny – Bicha, a senhora é muito chata.

Britiney – Meu amor, não dou um mês pra ela tá fazendo por 20 só para pagar a diária.

Leônidas sai da cena.

Veluma – Oh lá, já foi com o boy.

Stefanny Kerolaynny – Manas, que boy odara!

Veluma – Pegou um boy desse logo de cara. Espero que não seja mati.

Britiney – Ai, gente, é mati com certeza, com essa cara azeda.

Luzes de sirene policial

Janja – Meninas, Alibã! Vamos dar um rolê que a coisa vai ficar feia aqui.

Britiney – Em pleno século 21 e ainda tem gente com medo de travesti.

Stefanny Kerolaynny – As monas ficam fazendo cocô na frente *das mansão*. Depois sobra pra todo mundo.

Britiney – É, mas quando os ricaço vem cagar na nossa neça ninguém reclama.

Janja – Eles dizem que onde tem travesti desvaloriza o imóvel.

Britiney – Eu escrevia era com bosta no muro... Vende-se!

Veluma – Melhor correr meninas, os alibãs vêm com tudo aí...

Saem correndo da cena.

CENA 03 – ELE É MILICO?

Leônidas entra na cena feliz. Mama Rolonda em sequência.

Mama Rolonda – Mas que sorriso é esse? Fez bom trabalho?

Leônidas – Acho que conheci o homem da minha vida.

Mama Rolonda (*cuspingo o café*) – Que homem da vida? Deixe de ser iludida.

Todas as outras entram.

Leônidas – Ele foi tão gentil. Me tratou como mulher de verdade.

Britiney – Ai, coitada! Não tô crendo não.

Veluma (*para Janja*) – Ispia!

Steffanny Kerolaynny – Ai, me conta tudo!!

Leônidas – Ele se chama Miltinho. É filho do dono da loja de pesca.

Mama Rolonda – Ih, é milico.

Janja – Esse eu nunca fiz.

Leônidas – Ele disse que nunca saiu com travesti antes.

Todas – A-hã!

Steffanny Kerolaynny – E ele era mati?!

Leônidas – O que é mati?!

Britiney – Ai, Mona!

Veluma – Se ele era nequinha ou necona.

Leônidas – Neca normal eu acho.

Janja – ai, virgem de tudo essa criança.

Britiney entra com um monte de caixas de tapués.

Britiney (*entrega um pote para Mama Rolonda*) – Pega, Mama, não foi dessa vez.

Veluma – Mas, menina, com o dinheiro que você gasta nestes tapué já tinha ido para Europa por conta própria.

Stefanny Kerolaynny – (*para o público como fofoca*) A Britiney compra vários tapués, porque espera ganhar na promoção do rótulo premiado e voltar pra Europa. Como ela foi deportada, agora só entra se tiver um documento que justifique a entrada dela.

Britiney – Bicha, a senhora tá fofocando da minha vida, é isso mesmo?!

Stefanny Kerolaynny – Mas desde quando?! A senhora nem tem uma vida interessante para sair comentando por aí...

Britiney – Quando eu quiser contar a minha vida, eu mesma conto... (*olha para plateia*). Saí de Pindamonhangaba novinha, 13 anos. História clássica: pai espancou, mãe defendeu, apanhou, fugi. Fui pra casa de Kika Granadina. – Que Deus a tenha! Ou o Diabo, quem sabe?! Bombei, pus peito, mega, fiquei maravilhosa. Já ganhei uma grana logo de cara. Aqueles machos todos babando pela gostosa aqui. (*para plateia*) Hey, a senhora já perguntou pro seu marido se ele dá pra travesti escondido?! Sim, porque essas mariconas casadas são as que nos sustentam. Toda noite na pista! Vários e vários. Depois não reclame, eu avisei! Quando estava com 18 anos elas me

mandaram para Europa. *L'Italia è il paese più bello del mondo, su questo non ci piove!* Comi o pão que o diabo amassou com aquela bicha que me explorava, mas sou mafiosa, consegui pagar tudo e ainda comprei minha liberdade. Mas ela ficou com meus documentos, fui pega pela imigração e me mandaram embora, lisa, com a roupa do corpo. Meus Euros todos ficaram trancafiados num cofre de banco. Agora não consigo voltar. Vim parar aqui na casa de Mama Rolonda. R\$90 reais a diária. É muito?! É! Mas também é selecionado o negócio. Aqui é respeito! Tá pensando que travesti é bagunça?!

Veluma – Vige, surtou a bicha.

Luz de sirene passando, sem som.

Janja – Meninas, silêncio.

A luz faz a ronda e vai embora.

Stefanny Kerolaynny – Que tempos difíceis!

Veluma – Menina, nem na minha época era tão complicado. Deram tanto poder para essa gente ignorante, moralista e fanática que tá difícil ser a gente.

Janja – Tudo ficou pior depois do golpe de 16!

Britiney – Não deito para esse povo. Vou presa, torturada, morta, mas não compactuo com essa gente cheirosa que nunca passou dificuldade vir falar na minha cara sobre moral e bons costumes.

Stefanny Kerolaynny (*para Leônidas*) – Você está tão quietinha!

Leônidas – Estou esperando ele ligar!

Britiney – Ah tá boa, se apaixonou pelo primeiro cliente.

Stefanny Kerolaynny – Vige, deve bem ser milico que nem o pai. Só falta a loca se apaixonar por um alibã e trazer ele aqui pra prender a gente e dar porrada.

Britiney – A história sempre se repete. Os viciosos chegam, fazem três ou quatro coisas românticas e no fim nos trocam por outra mais nova ou mais bonita.

Leônidas – Mas ele disse que nunca fez com travesti antes.

Gargalhadas muito altas.

Janja – Menina, de tudo! Querida, aprenda! Para os t-lovers nós só existimos da cintura pra baixo, de noite e às escondidas. Quem sou eu pra dizer que não vai dar certo, mas quero que você abra bem os seus olhos. De dia eles batem na cara, de noite eles batem na nossa porta.

Mama Rolonda (*brava, puxa o celular com rispidez*) – Garota imbecil! Deixe de ser romântica. Onde já se viu isso?! Cliente é assim, ele chega, paga, goza e vai embora. Próximo! Alguns fidelizam e voltam, tá certo, mas cliente é cliente! Era só o que me faltava!!

O telefone toca.

Leônidas – É ele! (*Sai para atender longe. Todas se entreolham desconfiadas*).

Elas esperam Leônidas voltar.

Stefanny Kerolaynny – E aí?

Leônidas – Ele quer me ver de novo.

Veluma – Mas ele vai pagar?!

Leônidas – Não sei!

Janja – Vicioso!

Mama Rolonda – Menina, isso é um t-lover querendo dar de graça.

Stefanny Kerolaynny – Ele dá ou come?!

Leônidas – Ele me comeu!

Britiney – Pode ser que ele hoje queira dar... Eles chegam fazendo a ativa, depois vão virando a bundinha.

Janja – Nem todos!

Veluma – Quirida, em 35 anos de pista, diria que 99% querem a neca. Os mais saradões então, bobeou tá de quatro piscando o edi.

Stefanny Kerolaynny – Ai, vocês não conseguem mais ser românticas. *(todas isolam em algum lugar batendo três vezes. Fala para Leônidas)* Eu aposto que ele está apaixonado e que vocês vão casar logo, logo.

Britiney – Ai, Stefanny Kaypsolon, sai dessa, mona. Não tem mais idade!

Veluma – Tem gente batendo na porta!

Mama Rolonda – Cliente uma hora dessas? (sai de cena para atender).

Janja (*para Britiney*) – É pra você, bicha?

Britiney – Tá loca! Essa hora eu viro vampira, meu bem.

Mama Rolonda volta com um buquê de flores.

Mama Rolonda – Para você! É do rapazinho.

Nesta hora um silêncio constrangedor. Algumas desacreditam, outras acham lindo, Mama Rolonda se mantém brava.

Mama Rolonda – Escute aqui! Você é uma profissional, entendeu?! Você tem deveres para com esta casa. E não é porque eu sou boazinha que você vai ter regalias. Eu não tenho nada a ver com sua vida amorosa, com esse bofe, t-lover, o que seja. Mas eu exijo que você esteja de cabeça erguida sempre. A hora que essa farsa acabar, eu quero que você esteja poderosa para faturar, entendeu?! Primeiro a senhora, depois o seu aquê, depois os seus sonhos, depois de tudo, lá no finalzinho... O Boy. A senhora entendeu?!

Leônidas – Entendi, Mama.

Mama Rolonda – Já pro seu quarto!

Leônidas sai apreensiva. As outras meninas pasmas olhando para Mama Rolonda que se recompõe e sai de cena.

Britiney – Meninas, tô bege com esse sermão!

Janja – Deixa a Mama. Ela tá envelhecendo.

Veluma – Deixa ela ouvir isso para você ver!

Luzes de sirene. Elas silenciam e esperam. Barulhos. Quatro forças masculinas, fardadas e armadas às revistam com violência, mão na parede. Mama Rolonda aparece em defesa.

Mama Rolonda – Vocês não podem fazer isso aqui! Onde está a ordem judicial para invadir a minha casa?!

Sob ameaça, ela silencia. Todas ficam a espera, em silêncio, acuadas.

Mama Rolonda – Aqui está o dinheiro. Agora nos deixem em paz. Só queremos ficar na nossa casa. Não estamos incomodando ninguém.

A ameaça some.

Janja – Afe, Mama, como a senhora aguenta?

Mama Rolonda - Em tempo de chuva, passarinho não canta.

Veluma – Mas, Mama, estes...

Mama Rolonda (*interrompe*) – Se o tempo fechou, é melhor ficar no seu ninho e esperar a chuva passar. Já viu que quando chega a primavera a primeira coisa que se ouve é o canto dos pássaros.

Britiney – Essa primavera que não chega nunca! A gente precisa meter logo uns pipoco na cara desses escrotos.

Mama Rolonda – Quisera eu ter conseguido vencer tudo na base do

tiro. Já tinha exterminado toda da cidade.

Veluma – Qualquer dia desses eu infarto. Só de ver essas luzes eu já fico me tremendo todinha que nem vara verde.

Janja – Pensei que eles iam pedir o documento. Porque se pedissem o documento, não ia ter como fazer nada comigo.

Britiney – Bicha, acorda! Eles tão preocupados com documento?! Eles querem é exterminar a gente.

Veluma – E em nome de Deus, o que é pior!

Stefanny Kerolaynny – Gente, olha o carrão lá! É o boy loosho da novinha!

Todas correm para ver

Janja – Leônidas! Quirida, cliente chegou.

Leônidas aparece.

Leônidas – Não é cliente, é meu namorado.

Britiney – Coragi!

Leônidas – Ele me pediu em namoro! Colocou no buquê o pedido.

Stefanny Kerolaynny – Ai, que romântico! É um homem como antigamente.

Janja – Deus me livre de um homem de antigamente. Não quero nem

os novinhos, imagina aqueles de antigamente, cheio de preconceitos.

Stefanny Kerolaynny – Não deixa o boy esperando.

Mama Rolonda (*ríspida*) – Você não vai!

Leônidas – O quê?!

Mama Rolonda – Primeiro ele vai pagar, aí você vai.

Leônidas – Ele não vai pagar, ele é meu namorado.

Mama Rolonda (*violenta*) – Não me tira, eu tô falando sério!

Leônidas – Não! Você não vai me proibir.

Janja – Menina, não responda pra Mama!

Mama Rolonda – Deixa, Janja! Eu resolvo aqui com a novinha! Se você sair por aquela porta, não volta.

Leônidas – Mas eu não tenho pra onde ir.

Mama Rolonda – Então se vire com o boy! Pra ficar nessa casa tem que me obedecer.

Leônidas – Não! Eu vou pegar as minhas coisas. Eu já vim até aqui, você que não vai me impedir.

Mama Rolonda – A porta da rua é a serventia da casa.

Veluma – Garota, você não sabe o que é essa cidade aí fora.

Mama Rolonda – Deixa, Veluma! Você sabe que você tem uma dívida comigo e eu vou atrás para cobrar, né?!

Leônidas – Miltinho e eu vamos pagar.

Britiney – Acorda, Alice! Essa maricona vai enfrentar o pai para te assumir. É um playboyzinho desses de condomínio. A senhora nem tirou o xuxu no laser.

Mama Rolonda – Quieta! Escute. Você ainda não conhece essa vida. Eles estão soltos, esperando a gente ficar sozinha para atacar.

Leônidas – Eles... Mas nunca ninguém me amou assim. É a minha chance.

Mama Rolonda – Esqueça esse t-lover! É uma ilusão menina.

Todas – Ih...

Veluma – Mama! Deixa a menina. É o primeiro namoradinho.

Mama Rolonda – Mas ela vai sofrer.

Veluma – Como todas nós! Conte logo a verdade para ela não ir embora.

Mama Rolonda – Não tá na hora.

Veluma – Não é tão difícil assim.

Mama Rolonda – Leônidas... Meu nome é Ezequiel Leônidas Pereira.
(*pausa*)

Leônidas – Quê?!

Mama Rolonda – Eu nunca ia imaginar que meu filho também era travesti. Eu era evangélico, sua avó me fez casar com sua mãe. Ela ficou grávida de primeira, eu era uma criança também, 17 anos, mas eu já queria ser garota, fui embora pra capital. Agora, quando voltei lá, fiquei sabendo que você estava sofrendo maus tratos, te peguei de volta.

Leônidas – Pegou de volta o caralho, você estava me explorando.

Mama Rolonda – Não, eu ia devolver o dinheiro e te contar tudo! Contar para todas.

Leônidas (*brava*) – Você não tá esperando um abraço, né?! (*sai*)

Silêncio geral.

Veluma – Dê um tempo pra criança. É muita informação.

Britiney – Que babado!

Janja – Calma, Mama, vai ficar tudo bem.

Stefanny Kerolaynny – Talvez esse moço seja um bom rapaz.

Britiney – Ai, Stefanny, a senhora às vezes me irrita.

Stefanny Kerolaynny – Qual é, viado? Eu não tô amarga, ainda acredito nos homens!

Passa a luz de sirene novamente. Silêncio. A luz permanece. Todas

observando como numa janela.

Mama Rolonda – Abordaram o carro. Eu vou lá!

Veluma – Não, Mama, devem estar extorquindo o milico.

Mama Rolonda – Mas eles podem fazer alguma coisa com a Leônidas.

Janja – Melhor não servir de testemunha.

Mama Rolonda – Mas eu não vou ficar aqui esperando o pior. (*sai*)

Stefanny Kerolaynny – Xi, vai dar merda!

Veluma – Que Mamãe Oxum as proteja.

Britiney (*para Stefanny*) – Sai daí, Demônio... Se eles perceberem, eles atiram.

Stefanny Kerolaynny – Eles vão liberar o Boy.

Janja – Claro! O macho vai embora, as travestis que se fodem. Quero ver o que o apaixonado vai fazer agora, se ele vai deixar a Leônidas e a Mama na mão destes monstros.

Britiney – Ih, tá indo embora!

Veluma – Puto! Era só mais um vicioso.

Stefanny Kerolaynny (*alto*) – Hey, eles tão batendo na Mama.

Britney tapa a boca de Stefanny.

Britiney – Cala a boca, eles vão atirar aqui dentro.

Veluma – Eles estão batendo na Mama. Eu não vou ficar aqui quieta. *(sai)*

Janja – Nem eu! *(sai)*

Britiney – Eu hein, vai ter chacina de Travesti! Tô fora.

Stefanny Kerolaynny – Eu não vou deixar elas lá apanhando! *(sai)*

As três vão para fora da cena prontas para o ataque e fica apenas Britiney.

CENA 04 – TAPUÉ PREMIADO

Todo o entorno deve parecer caótico. Luzes, sombras, vento, qualquer coisa que contraste com a calma de Britiney e o seu egoísmo. Ela pega um tapué e tira da caixa. Faz cara de surpresa, pois está premiado. Enfim chegou a hora de ir para Europa. É um sonho realizado. Ouvem-se vários tiros. Ela comemora. Beija o tapué. Sente uma dor na região da escápula. Sente que levou um tiro. Morre.

CENA 05 – TODO DIA

Com Rolonda morta, nos braços.

Leônidas *(ensanguentada)* – Parece que pra nós nada acontece. Nasci sem pai, mãe expulsou, vó espancou.

Escola não me quis, o homem que dizia me amar é só mais um macho qualquer.

Não sei nem se me resta Deus.

Nestas páginas sagradas, que nos fazem amaldiçoadas, nem sequer restou Jesus para acalmar essa violência.

Ai que dor...

Estamos todas mortas.

Desde de menina, o ódio vem e me abraça.

Mal sei lê, escrevê.

Estuprada no banheiro dos meninos. Eu era só uma criança. Rasgou o cu, rasgou a alma.

Me fiz de engraçada para esconder minhas dores. Ferida na alma.

Ai que eu tenho muita raiva aqui guardada...

Olha só pra todas nós... Tão maquiadas pra esconder as feridas íntimas... Lutando para nos mantermos jovens, quando morremos aos 35.

Se você vivesse até os 35, você não ia viver intensamente?!

Como não ser violenta ou agressiva quando o mundo te soca no estômago?

Soca. Soca. Soca.

Sem amor, sem nome, sem corpo, sem dignidade, sem direito, sem dó nem piedade...

Não! Não. Em dia de chuva passarinho não canta, em dia de chuva passarinho grita...

Passarinho grita! *(Pausa)*

Eu te odeio sociedade...

Eu rompo contigo, me divorcio, rasgo meu contrato, desisto.

Crio meu próprio corpo, invento uma língua, me fecho com as minhas e luto.

Eu luto. Eu vivo de luto.

Aqui enxugo minhas lágrimas.

Agora eu mato, roubo, agrido, atiro, esfaqueio...

A vida só mantém o brilho no meu sapato manchado de sangue.

O sangue de todas as minhas irmãs... Todas mortas.

Não fale da minha prostituição. Do respeito que eu fiquei devendo.

Das regras que não cumpri. Do lixo que eu devolvi na sua calçada,
cuja porta tá fechada na minha cara.
Não cuspa na minha cara pela manhã quando de noite eu terei que
comer seu cu numa rua escura cheia de lodo.
Não tente mais fingir que não existo.
Eu não vivo mais, eu sobrevivo.
Pegue toda sua moral e enfia no seu rabo cheio de bosta.
Eu não aguento mais sua hipocrisia.
Eu tô sozinha...
Eu tô sozinha...
Eu vou destruir com a tua cara. Eu vou tirar de vocês tudo que tira-
ram de mim.
Botem mais esse número nas suas estatísticas. Acabou de nascer
mais um marginal.

FIM

PARA EXISTIR

coexistente

qual é a senha



COEXISTENTE

Xis Makeda

APRESENTAÇÃO

Coexistente nasceu de uma grande angústia.

A artista que há em mim quis falar das mulheres que me rodeiam, que me introjetam e de todas as outras que estão escondidas.

Fala dos espelhos invisíveis espalhados em meio ao tempo-espaço que nos cerca, que refletem uma parte do nosso todo confundido muitas vezes com “o outro” e da incrível potência curativa dos mesmos, acessando mecanismos de escuta, reflexão e que tratam mulheres.

Esse é um problema escondido, invisível, coisificado, apelidado. Vagabundas, desesperadas, loucas, mal amadas, incompreendidas, burras, amarguradas. Mas nunca, aos olhos da sociedade, codependentes.

A codependência parece um abismo profundo com uma corda bamba sobre ele, um passo em falso e o fundo vira seu lar. A corda treme tanto que às vezes parece muito difícil ela se salvar. Seu balanço hipnótico e térmico congela e acende emoções. E, enquanto se está sobre a corda, o relógio não para. Qual é a senha? Qual é a senha para se salvar?

Coexistente é uma dramaturgia que fala de dependência emocional, de abuso, de violência doméstica, de caminhos transformados, de sonhos interrompidos, de corpos silenciados, de mundos sombrios, sedentos e molhados. Fala do poder da escuta, da acolhida, da potência da fala e do efeito revolucionário e transformador do espelho de mulher.

Aos versos de “Sem açúcar”, de Chico Buarque, que dão o tom dessa dramaturgia, trago a história de três mulheres em tempos e planos diferentes e coexistentes, intercalando emoções, fatos e lembranças.

Coexistente só existe por que passei a existir em outros lugares: nas letras do Chico, nas tramas desse livro, nas memórias de corda bam-

ba desse e de outros lugares ainda.

Novamente a invisibilidade e o abuso tornaram-se páginas, que tornaram-se cenas, que tornaram-se espelhos, que tornaram-se reflexão. Qual é a senha? Qual é a senha para se tornar espelho?

A peça acontece em três planos simultâneos e isolados e ao mesmo tempo conectados e únicos, em tempos reais e diferentes.

Universo Peito – É habitado por Diana, uma mulher madura, mãe de dois filhos, que busca acolhimento feminino para abrir o seu peito de dor.

Universo Voz – É habitado por Pérola de Lwanga, mulher negra, do morro, que luta contra si mesma para não calar sua voz.

Universo Corpo Mudo – É habitado por um Corpo Mulher sem rosto, silenciado pelo medo e o abandono.

Três pequenos mundos invisíveis e coexistentes.

A música “Sem açúcar”, de Chico Buarque, dá o tom dessa dramaturgia, e as demais são sugestões musicais para ambientação de cena.

Personagens

Voz do vento

Vânia

Pérola de Lwanga

Magrão

Diana

Corpo Mulher

Corpo Homem 1

Corpo Homem 2

Anônima1
Anônima 2
Amigo Homem 1
Amigo Homem 2

Corpo Mulher, Corpo Homem 1 e Corpo Homem 2 têm os rostos desfigurados sem nenhum traço físico.

Corpo Homem 1 e Corpo Homem 2 sempre se apresentam com roupas idênticas.

CENA 01 – 1ª estrofe

*“Todo dia ele faz diferente,
não sei se ele volta da rua
não sei se me traz um presente,
não sei se ele fica na sua.
Talvez ele chegue sentido,
quem sabe me cobre de beijos
ou nem me desmancha o vestido,
ou nem me adivinha os desejos...”*

Chico Buarque

A peça começa no escuro. E uma voz narra o seu enredo. Som de vento do alto de uma montanha. E um uma espécie de mantra em vibrato grave e médio dão o tom da cena.

Voz do Vento – Trago aqui três histórias que se misturam em tempos e planos iguais e diferentes. Quase invisíveis aos olhos cotidianos, quase escancaradas em índices de violência e doenças causadas... invisibilizadas... coexistentes. Dedos ou flechas ou balas ou tapas... algo sempre nos acerta... Qual é a senha? Qual é a senha pra virar espelho?

Qual é a senha? Qual é a senha? Qual é a senha pra espelho? Qual é senha? Qual é senha? (*Repetidas vezes e em tom cada vez mais baixo até sumir juntamente com a música*) Espelhos estarão expostos essa noite!

A luz se acende no **Plano A – Universo Peito.**

Uma mulher chega a um discreto prédio de dois andares, localizado no Centro de uma discreta cidade, com um segredo do tamanho da hipocrisia cotidiana.

Ela, a mulher, está vestida discretamente, com ar de quem não quer ser reconhecida mas sem se esconder. Lê a placa: ONG ESCUTA DE MULHER

Vânia – É aqui.

Ela entra e tudo que vê são modestas cadeiras de plástico em um simples mas aconchegante salão de espera, e algumas poltronas de paletes e chita colorida. Observa à sua volta e começa a perceber algumas prateleiras de caixotes de feira com livros e revistas, dizeres positivos em pequenos quadros nas paredes, fotografias de paisagens e uma porta para uma sala, com um desenho pintado de uma silhueta de mulher, que está de braços abertos para o Sol. Uma mulher vem em sua direção sorrindo.

Diana – Oi! Você chegou cedo! Sou Diana! Pode se sentar e esperar que já já todo mundo chega. Qual é seu nome? Seja bem vinda! Aqui somos todos iguais e uma escuta a outra. Enquanto não começa, posso te dar um abraço?

Diana se lança num abraço com a espontaneidade de uma criança.

Diana – Sempre esqueço de esperar a resposta pro abraço, desculpe.

(Sorriso) Mas acho difícil alguém não gostar de abraço!!! Que ele seja o início da acolhida! Toma!

Diz entregando uma lanterna e mostrando um grande cesto farto de livros variados.

Diana – Aproveite e ilumine seu tempo! Temos uns trinta minutos ainda até começar, sinta-se em casa! Tenho certeza que encontrará aqui algo que pareça um pouco com você... *(Entrega o cesto de livros e livretos de poesia) Qual é mesmo seu nome?*

A mulher olha pro desenho da silhueta da mulher ao sol e responde.

Vânia – Vânia. Meu nome é Vânia.

Diana sorri e sai. Vânia pega o cesto de livros. Mesmo sem entender muito o que ela havia dito, pensa que uma leitura não seria nada mau e se lança a procurar algo. Uma capa lhe chama a atenção. Uma montanha e alguém de costas olhando o por do sol. Ela onde ela queria estar. Acende a lanterna e lê o título.

Vânia – *Contos de Lwanga (abre o sumário) Capítulo I – Pérola de Lwanga. Dedicatória “Às ousadas batidas e escritas curativas! O autor.”*

Pensativa e surpresa, ela direciona a luz da lanterna para o alto iluminando sua face por alguns segundos. Não ouvia quase nada a não ser sua própria respiração, parecendo paralisada diante do livro que a confundia com a estranha sensação de um espelho. Sabia que encontraria uma mulher ali dentro, mesmo sem saber se ela caberia dentro de seu peito. Aproxima o livro mais perto do ouvido. Ouviu uma batida forte de coração, como a de uma mulher com o peito abarrotado de amor. Três segundos de dúvida e, com curiosa

cautela, ela abre o livro, ilumina o peito com a lanterna e seu peito se abre. E ela ouve também as batidas do seu coração e, sem mais pensar, redireciona sua lanterna para o livro e começa a ler:

Vânia – “Uma mulher está sentada sozinha no balcão de um pequeno bar com luz neon azul e um pequeno palco, que ora era casa dos músicos locais e os legais que passavam por ali, ora era palco dos corajosos do videokê ou dos solitários com o peito abarrotado de fogo em brasa... E naquela noite ela estava ali. Bebia tequila José Cuervo. Por dentro, intensa e calma. Tinha pouca gente no bar aquele dia. Era uma quarta-feira e só os intensos iam ali às quartas. Ela gostava. Era noite de música brasileira. E a coleção de vinis do bar era maravilhosa. Ela ouvia e tomava lentamente a sua tequila. Parecia longe ao ouvir um vinil do Chico, que canção após canção vasculhava mulheres e mais mulheres dentro de si. Qual das mulheres era ela?”

Pérola está sentada no balcão da Caverna do Magrão, boteco tradicional do Morro de Lwanga, estilo pub fechado, com sinuca, máquina de videokê, pequeno palco com pedestal e microfone, luz neon, fumaça de cigarro, balcão com bancos altos, algumas poucas mesas, vitrine de bebidas atrás do balcão, vitrola de vinil e muitos vinis. Decoração temática de clássicos da música nacional e internacional (Ella, Aretha, King, Chico Buarque, Hendrix, Joplin, Betânia, Sivuca, Ivone Lara, Clara, Milton...).

Pérola dá uma um gole na tequila, acende um cigarro, dois tragos com um intervalo confeccionar argolas de fumaça no ar e olha pro dono do bar já se levantando.

Pérola – Guarda ela pra mim, Magrão! (Coloca sobre o balcão sua pequena bolsa de vinil vermelha, que tinha o tamanho ideal para seu kit básiquinho: um absorvente interno, carteira, batom, espelho de bolsa, isqueiro, maço de cigarros e um baseado. Magrão sorri e

guarda a bolsa do lado de dentro do balcão).

Magrão – Vai nessa, menina Pérola! (*Ele a conhecia desde moleca. Sempre seria para ele uma menina. A iluminada Pérola Negra do Morro de Lwanga!*)

Ela vai até o videokê, dá o último trago no cigarro, escolhe a música “Sem açúcar”, de Chico Buarque, sobe no palco e pega o microfone.

Pérola – Aqui eu me escondo bem dentro de mim. Aqui sou Ella, Aretha, mulher de Chico, Elis... Aqui todas elas me fazem companhia. (*Pausa de silêncio para mais dois tragos e um gole*) A noite percorrerá longa... De lembrança em lembrança, uma mulher rasgará o peito e sairá refeita de si. A noite percorrerá longa... De gole em gole engolirei, não mais secamente, mas engolirei cada lágrima que derramei por você, ou melhor, por mim mesma, e por me permitir te sentir além do que deveria. (*Ela passa o batom e tira o excesso na palma da mão. Sorri para sua boca na palma, ergue a cabeça, morde o lábio inferior e diz com ar de malícia*) Pelo menos eu gozei!

Luz foco, ambiente em luz vermelha. Ela começa a cantar “Sem açúcar”, de Chico Buarque.

Corpo Mulher sentada na beira de uma cama, esperando apreensiva por alguém.

Corpo Homem 1 entra no quarto com o rosto transfigurado e sem expressão, com pinta de malandro, gíngua de sedutor, de sapatos de bico, calça de vinco, camisa e chapéu. Dá dois giros de mestre sala, estende a mão para Corpo Mulher de forma carinhosa, beija-lhe a mão e entrega-lhe um mimo, um cordão dourado. Com um giro malandramente sedutor, (que lembra os antigos malandros da Lapa)

Corpo Homem 1 fica atrás de Corpo Mulher, envolvendo-a com seu cheiro de perfume misturado com bebida e sua respiração quente e amplificada na nuca dela. Ele coloca o cordão dourado no pescoço dela, cheira seu ombro e, com delicadeza, sai da cena. Corpo Mulher permanece envolvida e umedecida naquele momento sedutor.

Corpo Homem 2 surge à cena, caracterizado idêntico à Corpo Homem 1. Com ar indiferente e um pouco embriagado. Ignora Corpo Mulher e deita-se friamente na cama. Ela se deita ao seu lado com um ousado decote e um vestido sexy mas não muito curto, de alcinha. Ele se vira de costas e ela fica olhando para o teto. Discreta, decepcionada e ainda quente e umedecida, começa a se masturbar mas não ousa gozar. Levanta-se para apagar a luz e, frente ao espelho, encara Pérola no Plano B, que, ainda com o microfone na mão e extasiada da emoção de um coração liberto pela canção, desperta com os aplausos vazios e modestos do diminuído público da quarta-feira na Caverna. Ela coloca o microfone no pedestal e vai até a parede de espelho retocar o batom. Por um instante quase congela, como se conseguisse enxergar Corpo Mulher que a olha do outro lado do espelho. Elas se observam por alguns segundos até que o silêncio da cena é cortado por uma música que começa a tocar no videokê, um instrumental de “Gota d’água”; e ninguém na Caverna do Magrão ousa se arriscar ao microfone.

Corpo Mulher apaga a luz e o Universo Corpo se escurece.

Pérola retoca seu batom, dirige-se ao balcão, termina o último drink em meio aos olhares atentos de Magrão.

Magrão – Faz tempo que não temos tempo pra conversar, minha menina! Acho que vou fechar mais cedo, o que acha? Podemos pedir uma pizza. Ou fazer uma daquelas misturas com tudo dentro, que você tanto gosta... “Restodontèè”! (*Risos*)

Pérola – *(Sorrindo)* Hoje não, Magrão. Deixa pra próxima.

Magrão – Te faria bem conversar um pouco. Você ainda não o esqueceu, não é mesmo? Você ainda tem esperança que ele volte? Já faz três meses. É bom mesmo que ele fique por lá. Deixou sua vida confusa. Precisa se reencontrar!

Pérola – Tá tudo bem comigo... Você se preocupa demais... Todos os dias acordo linda e desço a ladeira do morro, vou apertada na condução, trabalho e pago minhas contas. É disso que eu sei. E se vai voltar ou não nem sei. Só sei que minhas contas continuam chegando e outras que nem fiz deixadas de herança por ele. Saudade do tempo que o meu salário me bastava. É, Magrão! A vida anda cara e o samba não pode parar! *(Beija a testa de Magrão)*

Magrão – Você como sempre a fortaleza de Vó Maria! Sua vó faz falta nesse morro. Mas um pouco de colo não te faria mal, é como filha para mim.

Pérola – Duração, eu? Talvez... talvez... nem sei. Sobrevivente, talvez? Ou em busca da... sobrevivência... melhor vivência... anestesiência... ou qualquer coisa que me ajude a não perder o foco de mim? Mesmo que o cotidiano possa ser um grande e desagradável encontro com poeiras velhas no canto da casa... poeiras que insistem e persistem mesmo após serem varridas... Mas não quero falar sobre isso. O Chico fala por mim. Devo ir, seguir em frente, pois amanhã de manhã o palco amanhece vazio e as luzes apagadas. Meu trabalho meu remédio. Minha música minha voz.

No Plano A, Vânia aperta o livro ao peito, como uma lembrança que quisesse guardar. A lanterna agora ilumina seu peito.

Pérola se despede e sai da cena.

Acende a luz no Universo Corpo e Corpo Mulher se levanta da cama e vai pegar um copo d'água. Abre a janela como quem quer se refrescar do calor que a toma. Olha pra cama que agora se encontra vazia. A luz foco sobre a cama vai se apagando aos poucos. Acende um cigarro, abre uma cerveja long neck, senta-se próxima à janela e o som do vento invade a cena. Ela toca o colo, acaricia seus seios e pescoço, tentando suprir um pouco a carência de carinho. Um foco de luz vai se abrindo sobre a cama. Corpo Homem 2 está deitado e parece dormir profundamente como uma pedra imóvel. E ela a olhar para a lua na janela, sentindo o vento, acariciando o corpo, tragando seu cigarro, bebendo sua cerveja, uivando muda e quente para a lua.

No Universo Peito, a lanterna cai da mão de Vânia, que logo se abaixa para apanhá-la. O barulho chama a atenção de Corpo Mulher. Elas se olham de longe e por alguns segundo parecem se enxergar. Vânia aponta a lanterna para Corpo Mulher. Elas se observam mudas e Vânia direciona a lanterna de novo para o seu peito e depois para o seu rosto, como quem quisesse, em um primeiro e rápido momento, mostrar-se e enxergar-se. Ela apaga a lanterna e o Universo Peito se apaga. E seguida, o Universo Corpo também se apaga.

CENA 02 – 2ª estrofe

*“Dia ímpar tem chocolate,
dia par eu vivo de brisa.
Dia útil ele me bate,
dia santo ele me alisa.
Longe dele eu tremo de amor,
na presença dele me calo.
Eu de dia sou sua flor,
eu de noite sou seu cavalo”*

Universo Pérola

Escuro. Pérola chega em casa, acende a luz, joga sobre o sofá sua bolsa e depois a si. Olha ao seu redor e tudo que vê é uma casa impecavelmente arrumada, como se nada tivesse sido tocado há muito tempo. Tira os sapatos, acende um incenso, coloca um vinil de jazz instrumental, ajeita-se no sofá, acende um baseado, fecha os olhos. Entrega-se à lembrança da última vez que ouviu esse vinil. Foi com Júlio. Sentia sua falta apesar de tudo. E, mesmo pra ela, vaidosa mulher, isso parecia absurdo depois de todos os abandonos.

Luz baixa na cena. Pérola acende o abajur. Inevitavelmente passeia a mão por seu corpo, do pescoço até a vulva. Conhecia seu corpo. Sabia do seu florescer.

Barulho de chave na porta. A porta se abre e Júlio entra à cena. Assustada e ainda trêmula às portas do gozo, Pérola permanece muda e ofegante ao vê-lo. Ele olha para ela, bate a porta, dá um sorriso, e, bêbado, joga-se sobre ela com a voracidade e a fome de um lobo. Sugestão de música de fundo: “Tira as mãos de mim”, de Chico Buarque.

Anestesiada e com o coração na boca, ela vive um misto de desejo e medo e nojo do cheiro de cachaça que invadia seus sentidos. Não sabia nem conseguia resistir. Não gritava, nem gemia, nem gelava nem correspondia ao seu sexo. Apenas era tomada da forma menos desejada por ela, mas a forma que ele mais a possuía. Sem carinho, apenas o desejo pulsante de um vampiro que lhe arrancava orgasmos, um após o outro. Não de prazer mas de medo. Naquele instante sua voz se calou e leves sussurros de prazer se confundiam facilmente com sussurros de dor.

Júlio – Eu te amo, mulher! Tá na hora da gente ter um filho! (*Adorcece satisfeito sobre ela, suado e fedendo a cachaça*)

Pérola olha para o lado. Vânia, do Universo Peito, ao lado de um bebedouro, com um copo d'água na mão e o livro e a lanterna na outra, olha-a estática. A lágrima escorre no rosto de Pérola. E os olhos de Vânia se enchem de lágrimas.

Diana se aproxima de Vânia.

Diana – Vânia? Você está bem? Vânia?

Vânia – *(desconcertada)* Oi! Sim, sim, estou só um pouco distraída com essa leitura, mas estou bem sim.

Diana – Vejo que achou algo que lhe atraiu. Que bom!

Diana – É... Leitura bastante interessante! Sim, estou gostando muito. Parece nos levar pra longe no tempo... *(Em tom mais baixo)* E pra muito perto também...

Diana – Ótimo! Então leve-o e traga na próxima reunião.

Vânia – Não sei... Mas, e se eu não voltar?

Diana – Tenho certeza que você volta. Vamos começar a reunião. Venha comigo!

Elas se dirigem a uma sala discreta e bem ventilada. Paredes claras, cadeiras em círculo e um pequeno grupo de mulheres. Já iniciada a reunião do grupo, Vânia senta-se no círculo. Uma mulher começa a falar.

Anônima 1 – Oi. Meu nome é Anônima. O adicto da minha vida é meu marido. Está na ativa e ainda vive comigo. *(Corpo Mulher, quase*

abraçada a uma vassoura na mão, senta-se em uma pequena mesa de cozinha e liga o rádio, sintoniza e ouve atenta os depoimentos do Universo Peito. Corpo Homem 1 levanta-se da cama com entusiasmo e leveza. Beija Corpo Mulher que quase se encolhe, num misto de medo e surpresa. Ela aponta o café sobre a mesa, mas ele recusa, manda-lhe um beijo e cheira-lhe os cabelos com ternura. Corpo Homem 1 pega o paletó e o chapéu e sai dançando porta afora, como se estivesse numa gafieira. Corpo Mulher continua ouvindo os depoimentos no rádio.) (Anônima 1 com voz trêmula) Não sei por quanto tempo eu vou suportar, mas estou tentando. Quase não temos mais intimidade e, quando temos sexo, já não sei se sou eu que estou ali. Me sinto confusa às vezes, quando vêm aquelas sequências de dias próximos do pagamento e as idas no boteco aumentam. Ele sempre tem tanto a discutir com os amigos... política, futebol... e, quando chega em casa, já está tão cheio de ter sido confrontado por seus amigos de times e partidos diferentes, que qualquer olhar que ele julgue estranho ou palavra simples que eu diga se torna o alvo de um pontaria impecável, de fúria com alto teor alcoólico e grande periculosidade. Ele entende mesmo de castigar uma boca “maldita”. E, nesses momentos, eu sinto um medo, um medo tão grande que me dá um nó na garganta e parece que fica difícil respirar. Nunca grito. Tenho vergonha de que os vizinhos saibam que eu apanho. Mas graças a Deus ele não bate nos meninos. Tenho a esperança de que ele um dia saia e nunca mais volte. Nunca falei disso com ninguém fora daqui. Porque quando ele tá bom e não bebeu, ele é um bom chefe de família e dá conta de tudo. Mas tem época que perde o emprego. Tem um gênio difícil. Às vezes vai trabalhar à tarde, quando está de ressaca. Não leva desaforo pra casa. Não aceita que o chamem de cachaceiro. Vivemos em altos e baixos. Mas meus filhos têm direito a viver com o pai, precisam do pai. E o pai, acho que, do jeito dele, precisa da gente também. (Abaixa a cabeça e seca as lágrimas) Estou tentando viver um dia de cada vez, como vocês dizem aqui. E vir

aqui ver vocês me faz bem de alguma forma. Poder falar... Ai, como é bom falar e ser ouvida sem críticas e julgamentos... Poder falar... Poder falar... Só por hoje eu posso falar!

Corpo Mulher passa mão carinhosamente no pescoço, acariciando sua voz silenciada com um corpo de tristeza. Vânia tem a mesma reação. Elas se encaram.

Pérola acorda e não o vê Júlio ao seu lado. Não sabia se teria sido um sonho ou um pesadelo. Levanta-se e vê, sobre uma pequena mesinha, uma bandeja com torradas, café, geleia, queijo minas, uma flor roubada e um bilhete perfumado.

Pérola – *(cheira o bilhete e o lê)* À joia mais rara de Lwanga! Tenha um lindo dia! Alimente-se bem e espere por mim... Você é meu poema! Com amor, Júlio.

Embaixo do bilhete ela vê três envelopes com faturas de cartão de crédito e o preço daquele amor. Um suspiro de decepção lhe foge do peito e aperta sua voz. Ela se levanta, prega as novas faturas na geladeira com um imã, aumentando seu pequeno acervo de contas a pagar; liga o rádio e toma um copo d'água. Vaidosamente faz sua higiene e veste-se apropriada para o trabalho. Era auxiliar administrativo. Parou a faculdade depois que Júlio entrou na sua vida e as contas aumentaram. Mas pra ela era só uma fase. Verifica a hora e bebe o café frio deixado por Júlio na bandeja, como um quadro de natureza morta. Era mesmo real. Acende um incenso para disfarçar o cheiro da lembrança. Ajeita a casa mexida por ele, deixa tudo como sempre, quando só ela habitava ali. Mexe na gaveta e acha uma fotografia dos dois, apaixonados. Pendura na geladeira entre as contas do cartão e os extratos negativos do banco. E fica observando como um portal de lembranças. Pega uma foto sua do último passeio de balão com os

amigos do 2º período da faculdade. Coloca no topo do quadro da geladeira. Fica observando. (No rádio da cozinha de Corpo Mulher começa a tocar a 2ª estrofe de “Sem açúcar”). Pérola pega a sua fotografia do passeio de balão e cola em seu peito. Em seguida vai até o espelho e cola a foto com Júlio, apaixonados, em sua boca, com uma fita preta por cima numa tarja de censura. Censura com a fita seu sexo livre e prazeroso, seu ventre fértil e seu peito abarrotados de lembranças boas. Olhando para o espelho vê Corpo Mulher do outro lado e dá a ela um rolo de fita. Corpo Mulher coloca a fita como censura em seu sexo e em sua boca. Olham-se com tristeza.

CENA 3 – 3ª estrofe

*“A cerveja dele é sagrada, a vontade dele é a mais justa
A minha paixão é piada, sua risada me assusta
Sua boca é um cadeado e meu corpo é uma fogueira
Enquanto ele dorme pesado eu rolo sozinha na esteira
E nem me adivinha os desejos Eu de noite sou seu cavalo”*

A cena começa com a 3ª estrofe de “Sem açúcar” tocando no rádio da cozinha de Corpo Mulher, e ela esta sentada à mesa.

Corpo Homem 1 entra em casa com uma sacola de cervejas na mão, acompanhado do Amigo Homem 1 e do amigo Homem 2, com violão e pandeiro. Cumprimentam-na tirando os chapéus e logo tomam seus lugares à mesa. Corpo Mulher tira o rádio da mesa e leva-o consigo para perto do fogão, longe da farra do marido. Começam a beber e a brindar com extremo entusiasmo, enquanto ela vai para o fogão preparar alguns aperitivos. A música acaba e os depoimentos voltam no rádio.

Vânia continua sentada na roda de mulheres. Atenta a cada depoimento de cenas que se parecem muito com as que viveu.

(Sugestão de fundo musical: instrumental de “Gota d’água”, de Chico Buarque)

Anônima 2 – Meu sobrenome é Violada! E é assim que me sinto desde o dia em que percebi que não era amor de verdade aquilo que eu chamava de sonho. O adicto de minha vida já não mora mais comigo, graças a Deus. Eu tive que fugir. Aproveitei que o juiz amigo da família aconselhou que ele fosse para a clínica pra não prendê-lo. Ele batia em mim. Batia e ria. Mas não bate mais. E eu nunca mais vou me esquecer daquela gargalhada. Chego a me arrepiar só de pensar. Hoje, estou aqui nessa cidade tentando reconstruir minha vida ou o que sobrou dela. Não é a primeira vez que eu fujo, que me escondo. Tentando um recomeço. Também não é a primeira vez que a família dele o interna pra fugir da justiça. Eles têm dinheiro pra isso. Eu só sei que jamais achei que um homem que tomava só os melhores uísques, que se vestia de forma elegante e que falava tão bem pudesse ser um viciado violento. Me dei mau! O ciúme, que no início me envaidecia perante minhas amigas, se tornou o meu quase caixão. Eu, que achava que casando com ele ia ter uma vida confortável e com um futuro certo pra mim e pro filho que sempre quis, me vi enterando um feto prematuro que não sobreviveu à última surra que ele me deu. Tomei meu primeiro tapa na noite de núpcias quando quis brincar para apimentar nossa primeira noite de amor. Me chamou de vadia. Disse que aquela não era a mulher que ele queria pra ele. Que eu não servia. E se queria me portar como uma puta, então ia me tratar como puta. E eu vi como puta sofre. Mas achei que minha sogra estava certa, que ele tinha bebido um pouco demais e que isso ia passar, pra eu ter calma. No outro dia, ele me pediu desculpas e disse que não queria fazer aquilo, que foi tomado de ciúme quando

me viu de coelhinha. Pensou em todos os caras que sabia que me desejavam e no quanto era inseguro. Sabe o que eu aprendi? Que a pior coisa pra uma mulher é perdoar o primeiro tapa, pois depois eles pensam que você é obrigada a perdoar todos. Mas sobrevivi. E aqui, numa sala como essa, aprendi o “viva e deixe viver”. Não foi fácil pra mim deixá-lo. Mesmo apanhando. Eu tive que quase morrer pra conseguir isso! Quando ele não bebia, ele era o homem mais perfeito! *(Corpo Homem 1 pega Corpo Mulher pelas mãos como se fossem um mestre sala e ela sua porta bandeiras, enquanto os amigos tocam um samba)*. Ele era o mais galante e mais lindo do mundo. Trazia flores, me levava a lugares incríveis e até serenata ele já fez. Ele me fazia rir e me sentir plena de alegria. Seu sorriso era doce e sua risada se tornou tempestade na minha vida. Mas, só por hoje, eu não quero mais lembrar de nada disso. A lembrança dos momentos bons torna tudo bem mais difícil pra mim... Só por hoje... não. Eu não quero lembrar, eu não quero lembrar.

Corpo Mulher parece estar mais feliz do que nunca! Brinda com Corpo Homem1 e seus amigos e dança com ele a dança dos momentos felizes, que acabavam logo.

Vânia olha para Corpo Mulher que dança e brinda com Corpo Homem 1, tentando aproveitar ao máximo aqueles momentos de prazer. Ela o abraça e percebe Vânia olhando-a fixamente. Corpo Mulher serve mais cerveja a todos e juntos saem abraçados da cena rumo a um bar.

Universo Corpo se apaga. Vânia guarda o livro na bolsa e acende sua lanterna em direção ao seu peito abarrotado de lembranças. (Diminui a luz da cena - luz âmbar). Pela primeira vez ela chora de saudade. Senta-se em um canto perto do bebedouro, retoma a leitura para fugir e se encontrar:

Vânia – “Essa era sua história.

Pérola morava com Júlio. Ou melhor, Júlio fora morar com Pérola. Mas há semanas não aparecia em casa.

No início, ele apenas ia pra lá e acabava pegando no sono depois de muitos orgasmos múltiplos que arrancava do corpo dela. E de gozar ela amava. Se jogava de corpo e alma nos braços de um amante viril quando achava que valia a pena.

Não tinha pudor na cama e se tinha alguma coisa que a incomodava, parava tudo, vestia a calcinha provocantemente com a bunda virada pro amante, passava um batom, um beijo na testa e ia embora, como dona do seu corpo e de seu caminho!

E todos a desejavam!

Quando descia a ladeira do morro, de salto, sem torcer ou tropeçar, todos os olhos eram pra ela. Dava a benção aos mais velhos, tirava o salto para jogar bola e pular corda com os pequenos filhos de Lwanda.

Bebia sozinha, bebia com todos, ria, se garantia e no samba ela arrasava!

Mas quando o peito parecia que ia explodir, ia na “Caverna do Magrão”, tomava sua tequila e cantava. Como loba solitária, uivando de dentro da caverna, seduzida pela lua, protegida pela parede de pedra”. (Aperta o livro no peito e sorri orgulhosa)

Universo Corpo

(música de gafieira)

Corpo homem 1 e Corpo homem 2 estão fisicamente idênticos – Corpo Homem 1 dança um samba de gafieira com Corpo Mulher. Ela gira num passo de gafieira, cai nos braços de Corpo Homem 2 e continuam dançando. Corpo Homem 1 continua dançando sozinho como se ainda estivesse com Corpo Mulher. Ela se distancia para pegar dois copos numa bandeja e, quando se volta para Corpo Homem 2,

encontra-o dançando e beijando uma boneca de pano. Corpo Mulher enche-se de ira e atira o vinho em Corpo Homem 2 que, surpreso com aquela reação e indignado de ter sua camisa branca de botão manchada pelo vinho, coloca a boneca delicadamente em uma cadeira, cruza as pernas da boneca de pano, ajeita-lhe a saia, beija-lhe a mão de pano e parte violentamente para cima de Corpo Mulher, agredindo-a com vários golpes de tapas, socos e chutes. Corpo Mulher tenta se defender, agarrando-o pela camisa, inutilmente tentando resistir. Ela cai e ele a chuta e rasga sua camiseta deixando seu peito à mostra para expô-la ainda mais. Ela já não se defende mais. Nem chora nem grita. Muda. Depois de alguns segundos levanta-se, tenta ajeitar a roupa de forma a tampar os seios. Olha à sua volta. Vê Corpo Homem 1 ainda dançando sozinho como se estivesse sorrindo e Corpo Homem 2 sentado na cadeira, sedutor, com a boneca de pano sentada em seu colo. Ela olha para os dois alternadamente. Cospe, com medo, na direção do chão de Corpo Homem 2. Olha para Corpo Homem 1 por alguns instantes, estica o braço como se quisesse alcançá-lo. Desiste. Olha para Pérola, que seca uma lágrima ao ver aquela cena. Corpo Mulher foge correndo.

Pérola assiste toda essa cena de pé quase imóvel, com o corpo censurado, com a mão na maçaneta da porta de saída, como se fosse sua própria lembrança. Seca suas lágrimas, retoca seu batom e sai endurecida para o trabalho, carregando toda a tristeza daquela lembrança.

A luz do Universo Voz se apaga.

Luz fraca no Universo Peito. Vânia levanta-se e aponta a lanterna para seus pés. Olha para o Universo Corpo apagado e aponta a lanterna parecendo procurar Corpo Mulher mas não a encontra. Procura Pérola com a lanterna no Universo Voz mas não acha. Ilumina a

própria face de olhos arregalados e urgentes por encontros. Aponta a lanterna para seus braços e vê a inscrição em seus braços “sem açúcar” e em seu peito “Peito Corpo Voz”, percebe que a fala deveria sair dela. Segura sua garganta com a boca aberta, olha para o teto e coloca a lanterna a iluminar por dentro de sua garganta.

Pérola entra em casa com um martelo e fixa um trinco novo em sua porta. Rasga as fotos apaixonadas, as faturas e extratos vencidos. Vasculha os armários, pega tudo que encontra de Júlio, coloca em um saco de lixo e joga tudo porta afora. Começa a sorrir e gargalhar como louca. Acende um cigarro, apaga. Acende um baseado, traga e sente-se plena. Abre a geladeira, pega uma latinha de cerveja, levanta em um brinde solitário e sorridente, dá o primeiro e único gole. Abre a porta e joga fora a latinha e o maço de cigarros com raiva e com um grito. Bate a porta. Ri como louca até ir ficando séria de novo quando vê uma foto caída no chão. Apanha com cuidado e fica olhando atenta. Som de Corpo Mulher desperta sua atenção.

Corpo Mulher entra em casa chorando muda e com medo. Luz se acende. Corpo Homem 2 chega logo atrás dela, pega-a com violência, como se seu corpo fosse de papel. Debruça Corpo Mulher de costas sobre a mesa e a estupra violentamente. Corpo Mulher permanece obediente e parada como uma égua mansa. Corpo Homem 2 pega uma muda de roupa no varal e troca camisa, calça e paletó. Abre a geladeira, pega uma garrafa de cerveja, abre, dá um bico na cerveja e olha para Corpo Mulher. Pega uns trocados no pote em cima da geladeira, tira a poeira dos sapatos, cumprimenta-a com o chapéu e a cara de um malandro da sua elite e vai embora. Ela estendida de dor na mesa não tem coragem de olhar em sua direção. Nervosa e rasgada levanta-se, tenta lavar as mãos e os braços e o rosto sem expressão, como quem quisesse se limpar a todo custo do sangue, do seu próprio sangue derramado. Algumas marcas no corpo da pesa-

da mão dele. Olha a pia da cozinha ainda cheia de copos e cervejas e em fúria joga tudo no chão, enlouquecida por seu cotidiano adicto (som de vidros se quebrando). Era seu limite. Tudo agora ia sair.

Fortaleza (Chico Buarque)

*“A minha tristeza não é feita de angústias
A minha tristeza não é feita de angústias
A minha surpresa
A minha surpresa é só feita de fatos
De sangue nos olhos e lama nos sapatos
Minha fortaleza
Minha fortaleza é de um silêncio infame
Bastando a si mesma, retendo o derrame
A minha represa.”*

Ao som de “Fortaleza”, de Chico Buarque, Corpo Mulher dança jogando toda a sua emoção corpo que vai e vem e parece querer rasgar o peito abarrotado pela dor da traição. Tenta gritar mas a voz não lhe sai. Chora e se ajoelha com a cabeça entre as pernas. Desesperada, humilhada, raivosa, rola no chão como louca e rasga a própria roupa.

Novamente ela foi traída na frente de todos. Deita-se no chão a chorar muda, encolhendo o corpo como um feto protegido pelo útero. Por dentro e por fora ela sentia dor.

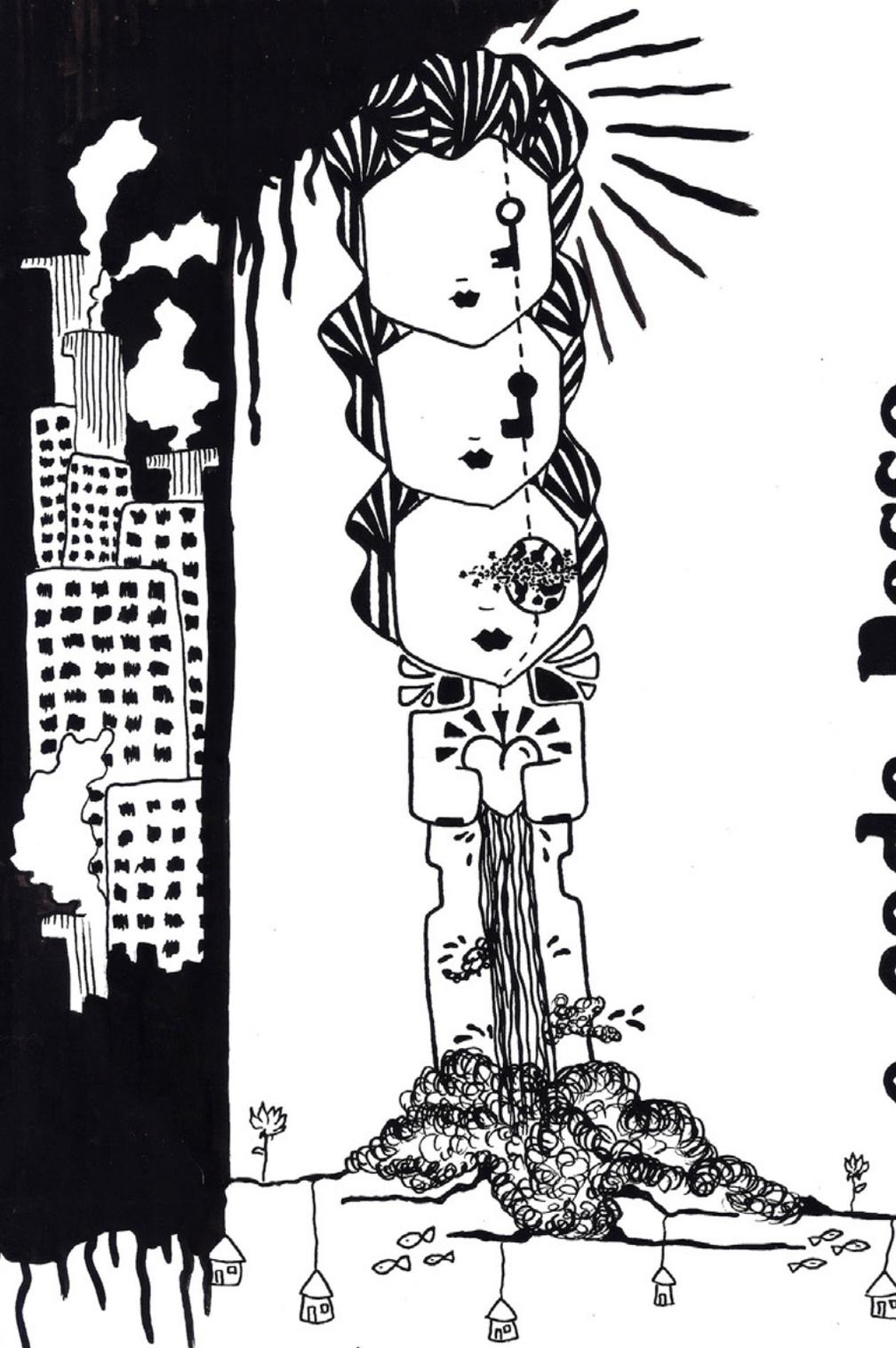
Foco em Corpo Mulher encolhido no chão. Diminui a luz.

Vânia tira a lanterna da garganta. Aponta a lanterna para seus pés, olha triste para Corpo Mulher e depois para Pérola, que lhe sorri sem alegria.

Vânia – Meu nome é Vânia. Já fui só uma codependente do álcool. Hoje, eu também sou uma alcoólatra em recuperação. Só por hoje é ótimo poder ser eu mesma! *(Ilumina sua face e caminha até o espelho. Pérola a observa surpresa e Vânia a abraça com carinho. Elas se olham e ainda abraçadas olham para Corpo Mulher soluçando no chão. Pérola tira as fitas de censuras do corpo. Passa o trinco na porta, retoca o batom e segue com Vânia até Corpo Mulher. Pegam-na do chão, colocam-na sobre a cama, enquanto Pérola canta “Sem açúcar” e juntas tratam suas feridas. Oram as três juntas a “Oração da Serenidade”. Forte vento invade a cena. A luz vai fechando e fica o som do vento).*

Vozes: Voz do Vento, Pérola, Vânia e Corpo Mulher – Qual é a senha? Qual é a senha pra virar espelho? Qual é a senha? Qual é a senha? Qual é a senha pra virar espelho? Qual é a senha? Qual é a senha? *(Repetidas vezes e em tom cada vez mais baixo, até sumir a voz das mulheres e ficar a voz do vento juntamente com a música, diminuindo até sumir).*

FIM



a cada Passo

O CAMINHO É O PRÓPRIO CAMINHAR. E

ELE SE FAZ

A CADA PASSO

Kate Parker

APRESENTAÇÃO

A água que abastece o Povoado amanhece contaminada por minério. Os habitantes sabem do que se trata: são os condutos da Fonte que estão obstruídos. Por isso, o líquido - que brota no alto de uma montanha - carrega até os Vales o minério que se desprende das margens e acompanha o fio d'água.

Enquanto os condutos não forem reparados, a água da Fonte será imprópria ao consumo. Assim, cabe à população fazer uso da água da chuva que bicas conduzem dos telhados das casas até um velho poço. Matar a sede, preparar o alimento, banhar o corpo, lavar as roupas, irrigar as plantas, dar de beber aos animais. O racionamento leva a população ao pânico, à disputa e ao desentendimento.

Para realizar o reparo é necessário que alguém vá até a Fonte. Ela fica no coração da Mata, no cume de uma das montanhas que cerca o Povoado. É um percurso desconhecido e temido por muitos. A subida íngreme e a demanda física, a floresta densa e o medo que se enfrenta no escuro, a solidão da caminhada e a incerteza do caminho a seguir.

Amélia foi a única a se apresentar para trilhar este caminho. A narrativa começa quando ela se apropria deste papel e compartilha sua decisão com os outros habitantes.

Personagens

Amélia está em cena através de três atrizes. De aparências diversas, cada uma representa uma expressão da personagem. As Amélias encenam separadamente os aspectos físico, emocional e mental de Amélia. No início, elas não se dão conta da existência uma da outra. Não se entreolham, ainda que seus passos se cruzem e se sobreponham. Só depois do confronto na Mata é que as Amélias passam a se reconhecer.

AMÉLIA CORPO representa o aspecto físico da personagem. Ela é a ação, aquilo que os outros percebem concretamente, a voz de Amélia que se ouve do lado de fora dela. Amélia Corpo é o que Amélia imprime no seu viver, passando pelo filtro das emoções e pela lógica do pensamento.

AMÉLIA EMOÇÃO representa o aspecto emocional de Amélia. Ela expressa com inteireza de entonação e gesto o sentir da personagem. Não faz uso de muitas palavras. O suficiente para identificar as sensações, as emoções e os sentimentos que ela corporifica à medida que são vividas.

AMÉLIA MENTE representa o aspecto mental de Amélia. Seu semblante é o mais próximo possível do inexpressivo, em contraste com o movimento amplo de seus lábios, boca, língua e mandíbula. Sua voz sem emoção narra sem segredo o que passa pela mente.

Às vezes, Amélia Mente pensa no que está sentindo e suas palavras ecoam as de Amélia Emoção. Assim como acontece entre Amélia Mente e Amélia Corpo quando esta faz o que aquela pensa. Em toda manifestação de Amélia há a possibilidade de combinar seus três

aspectos: ela faz o que pensa ou faz o que sente, pensa no que faz ou pensa no que sente, sente o que faz ou sente o que pensa. Às vezes, faz sem pensar ou pensa e não faz.

Quando em conflito, todas as Amélias se expressam de forma oral. Alinhadas, isto é, em equilíbrio. Com uma intenção comum, elas falam e se movem juntas, independente de qual aspecto da personagem prevalece no contexto da cena. Quando estão alinhadas, elas manifestam a vontade da Luz-Interna de Amélia.

Sínteses das cenas

A Cada Passo é uma obra que pode ser compreendida em diferentes níveis, de acordo com o olhar, o grau de consciência de quem assiste e o momento da vida em que se encontra. Cada cena sintetiza a energia de uma etapa a ser vivida por aqueles que despertam para um viver consciente. As sínteses chegam ao espectador através de falas que as evidenciam e de símbolos que as acompanham, projetados no fundo do palco.

As Imagens-Síntese nascem dos elementos que já se apresentam nas projeções e que se agrupam no momento em que se dão as falas em questão. A intenção é que este recurso imagético torne o conteúdo que justifica esta obra mais acessível na memória.

As cenas 01 e 05 - a primeira e a última - não têm Imagens-Síntese próprias. A projeção que se realiza em ambas é um enlace poético, que projeta alternadamente e em *loop* os três símbolos das outras cenas. Na Cena 01 o objetivo da projeção é causar (nas cenas seguintes) a sensação de reconhecimento e compreensão simbólica, por já

se tratar de um reencontro com as Imagens-Síntese. Já na Cena 05, a mesma projeção pretende resumir e recapitular a intenção da peça, tornando-a um convite para trilhar uma vida consciente.

O CHAMADO é a primeira cena e traz a força do “SIM”. É o momento em que Amélia aceita o desafio da montanha para alcançar a Fonte em nome de todo o Povoado. Através de sua atitude afirmativa, Amélia se abre para que as energias atuantes do Universo habitem e permeiem suas ações. Seu “sim” não é uma reação às suas emoções ou a uma decisão vinda de uma conclusão mental. Ele nasce de sua intuição, do silêncio luminoso de seu interior.

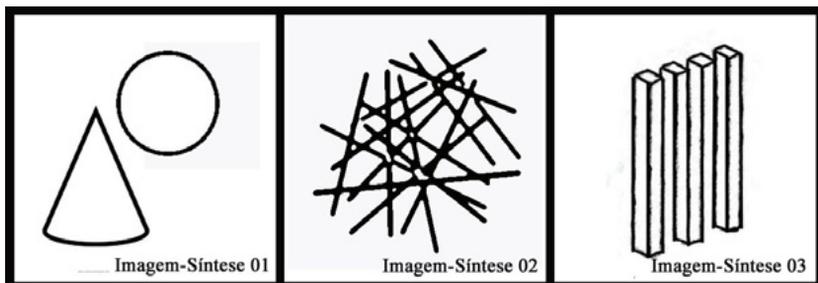
A SUBIDA não se refere apenas à montanha, ao sentido topográfico de subir. Na cena, deixar para trás as planícies e os vales para alcançar os cumes é ver por outra perspectiva e enxergar mais do que antes considerava ser o todo. ELEVAÇÃO também implica mover-se para o alto, em direção à Fonte, ao mais elevado potencial de si. Este distanciamento, tanto da base da montanha quanto das verdades relativas, também gera insegurança e inquietação, porque quanto mais nos elevamos, mais nos é dado ver e menos podemos afirmar que realmente sabemos. Imagem-Síntese 01: Um cone e um círculo, onde o primeiro representa uma montanha vista por quem habita os vales e o segundo é a mesma montanha através dos olhos de quem observa do alto.

A MATA, com seu aspecto escuro e desconhecido, ocasiona o ENFRENTAMENTO e, como é comum diante destas situações, a oportunidade de trazer à superfície, ao alcance da luz e à consciência, questões antes submersas. Além da floresta, enfrenta-se a própria condição humana e as divergências entre os aspectos de Amélia. Estes revelam-se à medida que o confronto se intensifica e, com

isso, permitem que a personagem identifique a atividade de cada um. Imagem-Síntese 02: Um amontoado aleatório de seguimentos de retas. São elas que desenham inicialmente o cenário - de troncos e galhos - e se “despreendem” formando uma pilha à medida que os enfrentamentos da cena se dão.

A FONTE é a cena em que Amélia alcança o ALINHAMENTO, isto é, a integração de corpo, emoção e mente à sua Luz-Interna. Agora a personagem age, sente e pensa de forma coesa e traz à cena o sentimento de integração consigo e de unidade com o todo. Imagem-Síntese 03: Desenho em perspectiva de três sólidos geométricos paralelos e verticais. Eles são três ao partirem em direção ascendente e depois, por uma ilusão de ótica, tornam-se quatro. Representam os aspectos físico, emocional e mental que se alinham e passam a ser direcionados pela Luz-Interna.

A MENSAGEM é um CONVITE a cada ser, para que faça ele mesmo a caminhada até a Fonte.



Cenário e elementos de cena

O CENÁRIO, que ilustra as diferentes etapas da subida da montanha, é composto por sombras - como as de teatro chinês - que desenham

o fundo do palco. Elas têm características geométricas e se movem para entrar, sair de cena e dar intensidade às falas e silêncios. É no cenário que se revelam as Imagens-Síntese das CENAS 02, 03 e 04. Além da projeção, estão presentes ELEMENTOS DE CENA. Eles são: três LAMPARINAS, um TECIDO PRATEADO e fino que aparece com propósitos diferentes nas cenas, além do recorte monocromático da SILHUETA DE UMA ÁRVORE, que se apresenta na CENA 02 de cor branca e na CENA 04 de cor preta.

Na CENA 01, O CHAMADO, e na CENA 05, A MENSAGEM, o fundo do palco apresenta apenas a projeção alternada das Imagens-Síntese das outras três cenas.

Na CENA 02, A SUBIDA, a projeção é de montanhas pontiagudas; como as que o olhar alcança daquele ponto da caminhada. Logo no início, quando os três aspectos da personagem ainda dormem, estes triângulos de sombra se movem como se flutuassem na água, levitando com as oscilações da sua superfície. A Imagem-Síntese desta cena nasce da mudança de perspectiva. Com o giro de 90 graus de um cone, que representa uma montanha, ele passa a ser vista como um círculo.

Além das sombras ao fundo, estão em cena a silhueta de árvore branca e o tecido prateado amarrado nela e preso ao solo. É uma tenda improvisada onde as Amélias se abrigam da noite. O pássaro que canta também é uma sombra.

A MATA é a terceira cena e se passa na densa vegetação que as Amélias atravessam para chegar à Fonte. Como as copas das árvores são altas, na projeção predominam os troncos. Eles variam em sua proximidade entre um e outro e em relação a quem vê. A verticalidade alternada de

claro e escuro entre uma árvore e outra é usada para dar visibilidade maior, menor ou parcial a cada Amélia. Os seguimentos de retas que desenham os pequenos galhos se desprendem dos trocos, um a um, à medida que os enfrentamentos entre os aspectos de Amélia se dão, e compõem o amontoado que caracteriza a Imagem-Síntese 02. O tecido prateado aparece próximo ao fim da cena, quando as Amélias começam a se dar conta de que seguem direções diferentes. É nele que todas elas se seguram para não se distanciarem ainda mais uma das outras.

A projeção em A FONTE tem mais luz do que sombra. As imagens no fundo do palco contornam e complementam a Fonte que se encontra em cena. No local em que ela está, uma luz fica mais intensa à medida que as Amélias se aproximam. Os sólidos geométricos paralelos que formam a IMAGEM-SÍNTESE desta cena vão se apresentando na projeção à medida que, ao entrar em contato com a Fonte, cada Amélia reconhece e afirma seus propósitos. Eles são três ao partirem em direção ascendente e depois, em perspectiva, tornam-se quatro. São os aspectos físico, emocional e mental que se alinham e passam a ser direcionados pela Luz-Interna. Aqui, o tecido prateado é a própria água.

A CADA PASSO

Cena 01 – O CHAMADO

Esta cena é composta pelas sombras de teatro chinês e pelas vozes das Amélias em off. Nela, a personagem reconhece como sua a tarefa de subir até a Fonte para reconectar os condutos que levam a água até o Povoado. São seus três aspectos, corpo, emoções e mente, que se revezam para vozificar a única fala desta cena. No fundo

do palco, as projeções dos símbolos que sintetizam as três cenas seguintes acompanham a fala da personagem.

Amélia Corpo, Amélia Emoção e Amélia Mente *(alternadamente)* – Sim. Eu digo que sim. Partirei, eu, ao encontro da Fonte. Serão minhas as pegadas até o alto daquela montanha. Estes pés, que nunca caminharam além dos Vales, me levarão ao interior da mata que cobre o cume. Lá, no alto, onde nuvens se desmancham no verde. Vou encontrar a Fonte e descobrir, então, onde o povoado se desconectou dela e porque a água, antes cristalina e curativa, hoje chega até nós contaminada por minério.

E não partirei apenas porque mais nenhum habitante dos Vales se dispõe a ir. Vou porque um silêncio luminoso me chama. Mesmo que eu não conheça o caminho, mesmo que eu tenha medo, mesmo que eu pudesse esperar que outra pessoa se dispusesse a ir, mesmo assim, uma força desconhecida, um silêncio luminoso, leva até os meus lábios a palavra “sim”. *(Vozes das Amélias dizem “sim” alternada e aleatoriamente enquanto as luzes do palco diminuem até cessarem).*

Cena 02 - A SUBIDA

É madrugada. O Sol ainda não se revelou atrás das montanhas. As Amélias dormem em círculo no chão, sob uma árvore. Protegem-se da noite com uma tenda de tecido prateado e uma lamparina. A luz tímida desta única chama permite que se veja uma forma sobre o palco, sem revelar que se trata de três mulheres. Ou melhor, de três aspectos da mesma mulher. Em um canto, um cantil de água e um pano de pratos envolvendo um pedaço de pão. Sons de natureza ao fundo indicam que Amélia está ao ar livre. Ouve-se ora a brisa percorrendo as folhas das

árvores ora os ruídos anônimos que habitam as matas. O cantar de um passarinho vai ficando mais próximo. Ele pousa ao lado das Amélias. Seu canto acorda Amélia Corpo. No começo ela apenas se ajeita em seu sono com os olhos fechados, depois senta-se em sobressalto.

Amélia Corpo – (Susto) Hum!

Amélia Emoção senta-se logo em seguida.

Amélia Emoção – (Pavor) Susto. Alarme. Sobressalto.

Enquanto não se recorda do porquê de estar ali, Amélia Corpo vai se colocando de pé, posição de contra-ataque, como quem se prepara para enfrentar o desconhecido. Ela se levanta passando por três ou quatro posições distintas, as mesmas que as outras Amélias usam, em seguida, para levantar. Cada uma revela, através de seus movimentos, características do seu aspecto.

Amélia Emoção – Confusa. Desorientada, Perdida. Desnorтеada. (Também se levanta. Movimentos como os de Amélia Corpo, só que mais amplos e tensos).

Amélia Mente é a última a se levantar. Senta-se e em seguida coloca-se de pé, passando pelas mesmas etapas que as outras. Faz isto de forma mais objetiva, resumindo cada etapa a um só movimento. As três Amélias estão agora todas em pé, na mesma posição, com diferentes tensões do corpo e expressões faciais.

Amélia Mente – (Olha para o horizonte. Amélia Corpo faz o mesmo, em sincronia) A Fonte. Os condutos da Fonte. Minério nas águas do Povoado.

As feições de Amélia Corpo e Amélia Emoção ficam mais suaves à medida que conseguem se lembrar da razão de estarem ali.

Amélia Emoção – Alívio. Abrandamento das emoções.

Amélia Corpo – *(alguns trechos são repetidos [em coro por Amélia Mente])* – Agora me lembro. [Preciso chegar à Fonte.] Estou a caminho. Por isso amanheço aqui. Já faz dois dias que refaço esta trilha, apagada pelo tempo e pela vegetação. Já faz duas noites que durmo ao abrigo das estrelas. Agora me resta [atravessar a mata para alcançar a Fonte]. É lá que a tubulação do povoado colhe a água da qual se serve para viver.

Amélia Corpo recolhe acampamento para seguir a caminhada. Desamarra da árvore o tecido que serve de barraca e dobra-o enquanto fala, devagar e com poesia, da trajetória circular e eterna da água. Amélia Mente faz mimica em cima do que Amélia Corpo diz, pronunciando apenas os verbos-chave. Amélia Emoção desenha em dança e gestos a narrativa. Os braços, como ondas paralelas, conduzem os movimentos do resto do corpo, como se ela fosse a própria água, líquido precioso de vida.

Amélia Corpo – *(Os verbos correspondentes às etapas de mudança de estado da água são repetidos [em coro por Amélia Mente])* – Água que [evapora] dos rios, lagos e oceanos. Que [transpira] das plantas e do solo, que se [condensa] em nuvens, geadas e orvalho ou [precipita-se] em chuva, granizo ou neve. Para, em seguida, iniciar um novo ciclo. Água, que nasce pura, mas que tem chegado ao Povoado contaminada por [minério].

Ao som da palavra “minério”, as Amélias cessam todo movimento e som. Em seguida elas se dispersam, cada uma a realizar uma ação diferente. Amélia Mente ocupa o centro do palco com seu pensar de poucos gestos. Ela não encara o público. Olhar perdido, às vezes para dentro, como se falasse para si. Amélia Emoção dialoga corporalmente, ora com o cenário projetado, ora com as inquietações narradas por Amélia Mente. Amélia Corpo pendura a lâmparina em um dos galhos da árvore e senta-se sobre o tecido dobrado. Bebe um pouco de água do cantil, desembulha um pedaço de pão que traz dentro de um pano de pratos e mastiga devagar. Seu semblante traduz as inquietações de Amélia Mente e Amélia Emoção.

Amélia Mente – O minério tem envenenado o povoado: água, terra, plantas e toda a população animal. Ele adoece, enfraquece a ligação com a vida.

Amélia Emoção (*Demonstrando fraqueza*) – Veneno. Contaminação.

Amélia Mente – O minério não vem da Fonte. Ao contrário, surge quando nos desligamos dela.

Amélia Emoção (*Demonstrando ainda mais fraqueza*) – Sujeira. Impureza.

Amélia Mente – Estou perto. Agora, para chegar ao lugar onde a água nasce da terra e reparar a tubulação, só me resta enfrentar a mata.

Amélia Emoção (*Baixinho*) – Medo. Coragem. Medo. Coragem...

Amélia Mente – Ao amanhecer adentrarei a mata. Assim, chegarei

ao seu miolo quando o Sol alcançar o Zênite.

Amélia Emoção (*Mais alto*) – Medo. Coragem. Medo. Coragem. Medo. Coragem... (*Repete até a interrupção de Amélia Mente*)

Amélia Corpo guarda o que sobrou do pão e limpa as migalhas da roupa. Ela pega o cantil e a lamparina e caminha até Amélia Mente, assim como faz Amélia Emoção.

Amélia Mente – (*Grita*) Coragem!

Neste instante, o Sol nasce diante das Amélias e modifica suas posturas e o cenário. Elas se recompõem diante de sua presença e saúdam-no em silêncio. A única a deixar um rastro de sombra é Amélia Corpo. Projeção da Imagem-Síntese 01.

Amélia Corpo (*Sensível*) – O sol nasceu e seus raios alcançam os Vales. Vejo o Povoado pela primeira vez desde que parti. Daqui, do alto, ele tem outra forma, outras cores. Tudo que eu pensava saber partiu dele. Tudo que eu acredito, tudo que eu sou. Agora entendo que o Povoado é outro. Talvez também o mesmo... Mas, quem sou eu, então, que sempre me percebi, me senti e me entendi a partir de uma falsa certeza? Quanto mais alto eu vou, mais eu vejo e menos é possível dizer que realmente sei.

As três Amélias saem de cena juntas e atravessam, à luz da lamparina, a fronteira invisível da Mata. O palco vai perdendo sua claridade, sua luz oscila, como uma vela ao vento. Ao som do soprar de folhas o palco escurece por completo. A chama da lamparina se apagou.

CENA 03 - A MATA

Palco escuro. Silêncio. As três Amélias estão em cena, mas ainda não são vistas. Este silêncio vai gradualmente se transformado. Primeiro, ouvem-se os passos das mulheres caminhando às cegas pela Mata, depois, suas vozes. Sem usar palavras, cada uma exprime os enfrentamentos próprios de seu estado de manifestação frente às provas da floresta e às forças dissuasivas. Depois que já tiverem sido ouvidos os sons feitos por cada uma, elas passam a fazê-los com suas lamparinas acesas. Estas, por enquanto, pouco mostram dos corpos. O que revelam são relances do ambiente em que se encontram e, através do movimentar da luz, como cada Amélia reage ao que está vivendo.

Amélia Corpo emite gemidos por conta do frio e dos troncos e galhos que marcam sua carne. A lamparina busca os obstáculos à medida que causam dor. Amélia Emoção expressa o medo em sua voz e a luz da lamparina percorre rápida e desordenadamente o ambiente, sem se fixar a nada. Amélia Mente balbucia palavras sem sentido tentando encontrar com a lógica uma saída da escuridão e das próprias sombras. A luz da lamparina se atém a iluminar, alternadamente, o pé que dá o passo.

Confronto interno entre as Amélias. Acumulam-se no palco os movimentos, os sons e as luzes, sem que elas se toquem. Quando esta confusão incômoda atinge seu ápice, Amélia Corpo tropeça e cai com um baque no chão. As lamparinas das outras Amélias voltam-se para ela. Sons e movimentos cessam.

Desta vez, Amélia Corpo não emite o som de costume, nem usa a luz

que ela porta para acender o que traz dor. Ela se recompõe e levanta devagar, olhando-se em detalhe com a lamparina, como quem acende a luz de uma casa onde sempre habitou no escuro. De pé, olhar em direção ao horizonte, Amélia Corpo fala com calma e clareza, sua lamparina apontada para ela. A voz não traz indícios do seu estado anterior, de enfrentamento na floresta. É como se quem falasse trouxesse a sua sabedoria, essencial e infinita, aquilo que se é apesar e além de circunstâncias. Assim será toda vez que as Amélias falarem olhando o horizonte.

Amélia Corpo – Eu sou o corpo de Amélia. A carcaça de carne, envolta em peles e pelos. Sou as células, tecidos, órgãos. O sangue: vivo, ativo, que conduz energia e que transporta a hereditariedade. Eu sou esta parte aqui, ó! (*Apalpa energeticamente diferentes partes do corpo*) Tangível, material, palpável, concreta. Sou aquela que Amélia vê no espelho, que as outras pessoas reconhecem como sendo ela. Corpo físico: máquina sofisticada e minuciosa, de sistemas respiratório, digestório, urinário...

Amélia Mente cita, junto com Amélia Corpo, os sistemas que faltam.

Amélia Físico e Amélia Mente – Sistemas esquelético, imunológico e linfático. Muscular, cardiovascular, excretor.

Amélia Mente e Amélia Emoção em conversa paralela. Uma estende a lamparina acesa em direção à outra. Amélia Corpo abafa ou apaga a luz de sua lamparina.

Amélia Mente – (*Fala para Amélia Emoção*) Estudei tudo isso. (*Bate com o dedo indicador na frente*) Mas acabo só precisando acessar e, portanto, lembrando, daquilo que me atinge, seja porque dói ou porque me envaidece.

Amélia Emoção – Ah! E daquilo que preocupa também. Basta que eu, o emocional de Amélia, desenvolva um medo qualquer, que você fica esmiuçando, tentando saber mais. Você acha que domina um problema quando entende ele. Mas, não. Acaba alimentando ele com sua atenção. A preocupação pode aumentar, sabia? Ficar maior que você.

Amélia Mente – Maior que eu? Mas eu que comando o corpo de Amélia. O raciocínio, a decisão vem daqui (*segura o próprio crânio com uma mão*).

Amélia Emoção – O corpo existe é para o prazer, para alegria, não para ser pensado, minha cara! E digo mais: para cada órgão deste corpo que você comanda (*Certo deboche.*) existem várias doenças associados a algum excesso meu. Eu sinto aqui, ela toma lá. (*Apon-tando para Amélia Corpo*) Quer ver?

Amélia Mente (*Responde afirmativamente*) – Aham.

Amélia Emoção se posiciona atrás de Amélia Corpo, a uma distância que permita que a lamparina da primeira contorne com luz a silhueta da segunda. Amélia Emoção corporifica os sentimentos antes de citá-los e Amélia Corpo reage à pronúncia de cada sentimento como a uma forte pontada e com o reflexo de posicionar as mãos sobre o local do órgão atingido.

Amélia Emoção – Raiva.

Amélia Corpo – Fígado.

Amélia Emoção – Tristeza.

Amélia Corpo – Pulmões.

Amélia Emoção – Angústia.

Amélia Corpo – Estômago.

Amélia Mente – (*Orgulhosa*) E eu? Você sabe o que eu faço? (*Parece se dar conta do que vai dizer e o orgulho vai se transformando em vergonha*) Eu afasto o corpo da possibilidade de se reconhecer pelo que ele realmente é. Coloco atenção em aparências e diferenças. Se acho feio ou bonito, forte ou fraco, gordo ou magro. Fico na superfície ou na estrutura.

Amélia Corpo volta a revelar sua lamparina e continua a se auto-descrever. Amélia Mente e Amélia Emoção voltam a direcionar suas luzes para ela.

Amélia Corpo – Em mim somatizam impulsos desarmônicos dos outros corpos (*Olha em direção às outras Amélias*) como doença, desajuste ou desarmonia.

Quebra da cena. A luz do palco oscila e o confronto interno entre as Amélias volta a ocupar a Mata, com seus movimentos, sons e expressões de luz característicos, da mesma forma que faziam antes de Amélia Corpo tropeçar e cair. Desta vez, elas esbarram umas nas outras durante o tumulto. Amélia Corpo deixa sua lamparina cair e, quando a quebra da cena termina, estão em pontos opostos: a lamparina apagada e Amélia Corpo de cócoras, encolhida, sem enxergar. O medo passa a dominar e Amélia Emoção dá um grito de pavor, que silencia e paralisa as outras Amélias e encerra a quebra de cena.

Amélia Emoção fala do fundo do palco, diante da projeção da sombra de troncos verticais de árvores. Ela se posiciona ora no claro, ora no escuro e fala para o horizonte. No primeiro plano estão a lamparina apagada e Amélia Corpo, que tateia o chão para encontrá-la. Amélia Mente observa de perto, de pé ao seu lado, e balbucia palavras inaudíveis.

Amélia Emoção – *(Olhando o horizonte)* Sou as emoções de Amélia, a ponte entre seu corpo e seus pensamentos, que eu interpreto e projeto sem cessar.

Amélia Mente se abaixa e, sussurrando palavras próximas aos ouvidos de Amélia Corpo, busca conduzi-la até a lamparina apagada.

Amélia Emoção – *(Olhando o horizonte)* Em mim circulam os sentimentos, o querer, as aspirações e outras reações emotivas. Alguns me consideram uma ilusão. Talvez porque eu crie a partir do desejo. Outros me definem como a experiência fisiológica do sentimento. Quando, através de mim, os afetos se manifestam desorganizados e os desejos sem controle, entro em crise.

Amélia Mente se locomove com dificuldade até a lamparina apagada.

Amélia Corpo – O mato, os galhos e os espinhos me arranham e me sangram a pele. O frio me tira o foco: me reduzo, me encolho, me retraio para não deixar que escape o calor do corpo. O medo me enrijece os músculos e causa arrepios.

Amélia Mente coloca sua lamparina ao lado da apagada e fala para o horizonte. Graças a este gesto, Amélia Corpo parece perceber, ainda que sem o auxílio da visão, o lugar em que se encontra a sua lamparina e passa a se movimentar com mais agilidade na direção certa.

Amélia Mente – Sou a mente de Amélia. Pensamentos, raciocínio, cognição. Sou incorpórea, mas com frequência me confundem com o cérebro. Sou a ponte entre passado e futuro. Em mim, as memórias e lembranças são processadas e revividas. Quando eu me der conta de que sou consciência, entender os mecanismos mentais não será mais necessário.

Amélia Corpo alcança sua lamparina e tenta acendê-la usando a chama de Amélia Mente. Amélia Emoção deixa o fundo do palco e, além de distrair Amélia Corpo com sua lamparina, sacode e prende o corpo dela para impedir que consiga recuperar a luz.

Amélia Emoção – Esta mata me apavora e me faz covarde. (*Sacode Amélia Corpo, fazendo-a tremer*) São poucos os habitantes do povoado que retornaram depois de vir atravessá-la. É escuro. Enxergo pouco. Sinto um medo vazio de quem enfrenta o inimigo sem saber quem ou o que é. (*Prende Amélia Corpo com os braços, dificultando seus movimentos*) Tenho raiva. Raiva de ter aceitado esta proposta estúpida, sem sentido, me arriscar para nada, pelos outros.

Amélia Mente caminha inquieta pelo palco, seu balbuciar característico entre frases.

Amélia Mente – Eu sabia que não deveria vir. Eu sabia. Por que eu? Por que fazer este sacrifício em nome de todo o povoado? Durante os dias que estou nesta jornada, o que fazem os outros? Esperam? Continuam a viver seus excessos e preocupações miúdas e a gastar o que nos resta de água pura?

Na tentativa de acender sua lamparina na de Amélia Mente, Amélia Corpo acaba apagando a chama daquela. Amélia Emoção é, portanto, a única em cena a portar a Luz. A seguir, quando ela expressa suas vontades, as outras a acompanham, como se fossem arrastadas pela lamparina através de fios invisíveis.

Amélia Emoção – Quero sentir alegria. Quero desejo. Quero sucesso. Quero tensão. Quero sentir tesão. Quero sentir! Mesmo que para isso tenha que ter medo. Medo de perder, de vencer e não estar à altura, da solidão, da violência, da morte ou, pior ainda, do incurável, do ir-

remediável. Quero intensidades e desequilíbrios. Euforia e tristeza profunda. Montanha Russa, *Bungee Jump*, mergulhar com tubarões, desafiar corredeiras e pedras pontiagudas num bote inflável. Tirolesa para atravessar rasgando um bosque de lagartas de fogo, montar no lombo do touro. Quero transpassar campos de girassóis correndo nua debaixo de raios e chuva.

Amélia Corpo consegue tirar a lamparina de Amélia Emoção e move-se na direção contrária. De posse da Luz, é atrás dela que as outras Amélias são puxadas.

Amélia Corpo – Preciso de movimento e de comprimidos, de músculos atrofiados e de massoterapeutas. Minhas ações são condicionadas: dirigir sentada, pedalar inclinada, caminhar apressada. Agachar não pode. Tenho que parir deitada e defecar sentada num vaso de louça. Escrever com a mão direita, de lá pra cá. Piscar sem entortar os lábios, passar rímel sem abrir a boca. Postura empinada, abdômen contraído, peito estufado. Cabeça erguida! Não sei se sou um corpo, se tenho um corpo, se estou num corpo, se o corpo deve me servir ou se eu devo servir ao corpo.

A última lamparina cai no chão e se apaga. A diferença entre as vontades de cada Amélia faz com que elas sejam arrastadas para rumos opostos. O tecido prateado reaparece entre as folhas no chão e as Amélias seguram-se nele para não serem levadas. Enquanto Amélia Mente fala, distanciam-se uma das outras, em direção às saídas de cena. Projeção da Imagem-Síntese 02.

Amélia Mente – Quero entender ou achar que entendo. Sinto que domino quando me aproprio de alguma coisa com minha capacidade intelectual e cognitiva. Preciso dar nome e sentido, criar conceitos, restrições e regras. Para resolver qualquer questão que seja, minha ten-

dência é a de analisar, classificar, rotular, hermetisar. Procuo a lógica, o mecanismo, o padrão, a origem. Quero conhecer, me aprofundar, descascar em camadas e mais camadas sem jamais chegar ao miolo.

Amélia Corpo – Para aonde vou?

Amélia Mente – Para aonde vamos?

Amélia Emoção – Por que seguir?

Amélia Mente – A fonte.

Amélia Corpo – A mesma intensão.

Amélia Emoção – Caminhemos.

Amélia Corpo – A intenção da Fonte.

Amélia Mente – Caminhemos juntas.

Amélia Emoção – Caminhemos com a intenção da Fonte.

Amélia Corpo – Juntas.

Amélia Mente – Caminhemos com a intenção da Fonte que ela aparece.

Amélia Corpo, Amélia Emoção, Amélia Mente (*Repetem alternadamente e cada vez mais baixo*) – Juntas! Juntas!

A esta altura, o tecido prateado ocupa grande parte do palco. As Amélias agarram-se a ele, como em um vendaval. Cada uma em um canto, em pé ou no chão, e as lamparinas espalhadas ou perdidas entre as folhas. A luz da cena oscila e as Amélias reduzem seus sons e movimentos, até alcançarem imobilidade e silêncio e o palco se apagar.

Cena 04 - A FONTE

Amanhece. Som de água corrente. Assim como no início da CENA 02, as Amélias estão sob a silhueta de uma árvore. Aqui elas não dormem, mas alinham os sentidos: posição de lótus, olhos fechados e respiração lenta. Nesta cena, o tecido prateado não se estende no ar, como na CENA 02, onde serve de tenda. Aqui, ele reveste o solo em que as Amélias estão sentadas e se alonga como um córrego, uma ponta em direção à Fonte.

Um pássaro canta. Elas permanecem imóveis. Ele se afasta. Tempo. As Amélias levantam juntas, movimentos sincronizados. De pé, elas esperam o Sol nascer no horizonte e cumprimentam-no. Depois, se entreolham em reconhecimento e seguem o som e o tecido até chegar à Fonte: uma fenda na terra de onde sai uma luz intensa. À sua volta, muitas lamparinas apagadas, desnecessárias diante de tanta luminosidade. As Amélias movem-se com o tecido de forma coreográfica e conduzem sua ponta à boca da Fonte.

Realizada a tarefa, elas olham para o horizonte. Cada uma fecha os olhos no momento em que tem a voz.

Amélia Mente – Ligada à Fonte, aprendo a observar alguns pensamentos ao invés de pensá-los. Dirijo minha atenção àquilo que me eleva.

Amélia Corpo e Amélia Emoção (Eco) – Eleva. Eleva.

Amélia Emoção – Ligada à Fonte, organizo minhas emoções para que em mim se manifeste o amor.

Amélia Corpo e Amélia Mente (Eco) – Amor. Amor.

Amélia Corpo – Ligada à Fonte, afino minha percepção e crio formas de viver que honrem tudo que é Luz.

Amélia Emoção e Amélia Mente (*Eco*) – Luz. Luz.

A cena termina com poesia coreográfica.

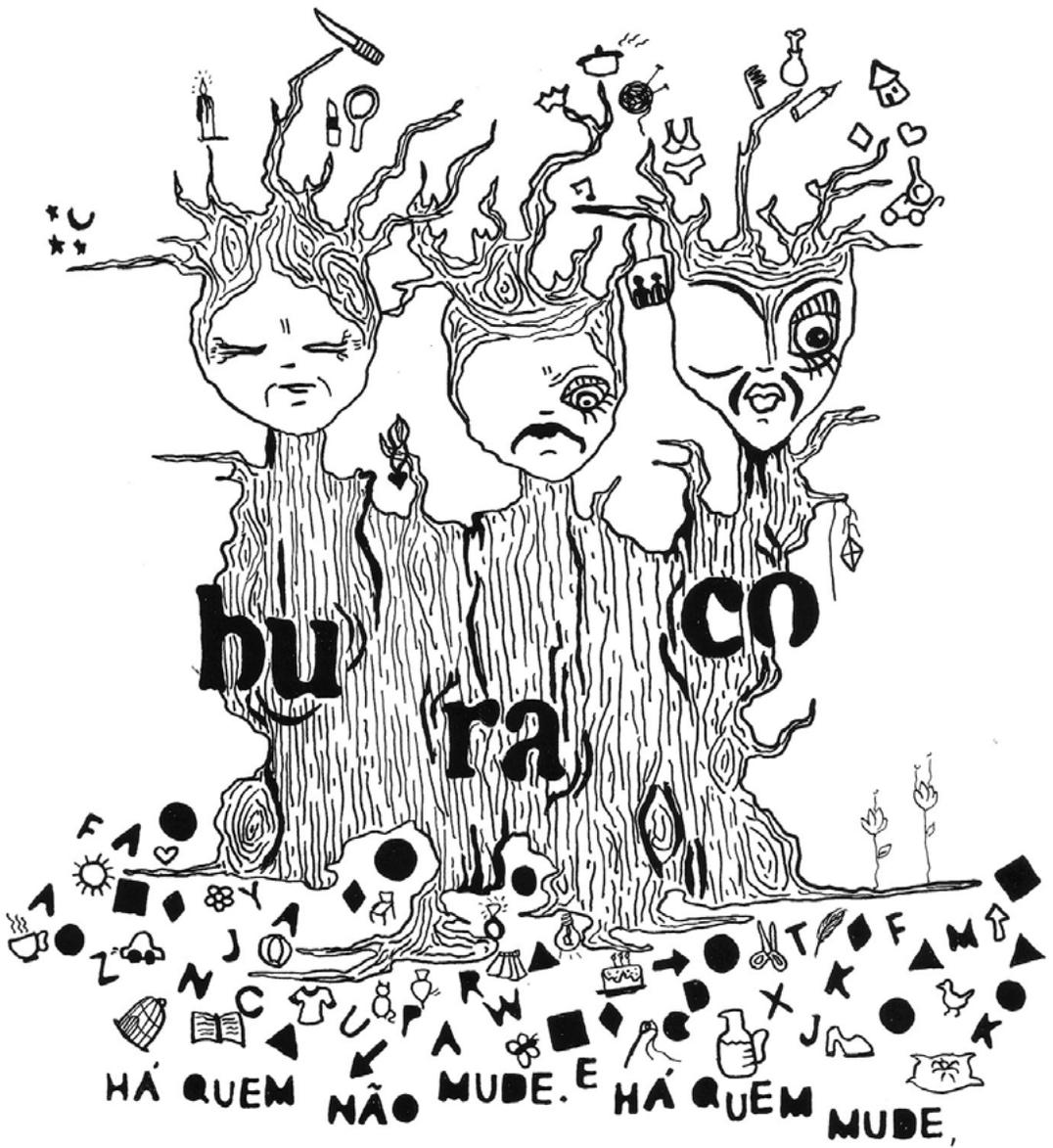
Cena 05 – A MENSAGEM

Assim como a primeira cena, a última é composta por sombras de teatro chinês e pelas vozes das Amélias em off. No fundo do palco, a mesma projeção da CENA 01. Desta vez, as Amélias convidam os habitantes do povoado (assim como os espectadores) a percorrerem eles mesmos o caminho para da Fonte.

Amélia Corpo, Amélia Emoção e Amélia Mente – A água está limpa, novamente em seu estado cristalino e curativo. Mas não demora ela volta a ficar turva. E cada vez menos o percurso até a Fonte se fará através de intermediários. Eles não são mais necessários. Cada ser já traz em si a capacidade de se conectar à sua Luz-Interna, de alcançar com seus próprios pés as águas translúcidas da Fonte. Chegou o tempo, portanto, de começarmos a caminhar.

Nesta história, a trilha até a Fonte dura dias. Mas ela também pode levar anos ou nunca acontecer de verdade. O certo é que ela se faz dentro da gente, de formas óbvias e misteriosas, todos os dias, nos projetos e nas lembranças, na poesia e nas ações do agora. O caminho é o próprio caminhar. E ele se faz a cada passo.

FIM



tanto faz

BURACO

Brenda Perim

APRESENTAÇÃO

Platão dizia que, na verdade, o que falta ao ser humano é a eternidade, eternidade na qual vivem Arlinda, Iolanda e Isaura. Três velhas que carregam consigo grandes buracos no meio do peito. Se a eternidade lhes supriu o que faltava, não se sabe, o que lhes resta é apenas lembrar por todos os dias do ano, por todos os anos da existência, durante toda a eternidade, histórias nas quais viveram em vida. Ou seja, meditar sobre a própria finitude (que nunca chegou), e talvez assim meditar sobre a liberdade (que também não apareceu).

A estrutura da dramaturgia aqui apresentada é regada de esperas e de passados, se confundindo ao presente das personagens. Arlinda, Iolanda e Isaura, comentam a própria vida, ao passo que Landa e Linda também, duas meninas que seguem em busca de coisas para taparem os próprios buracos. O que é passado e o que é presente, não se sabe ao certo. O tempo já não é uma questão em meio à espera.

Personagens

Arlinda

Iolanda

Isaura

Landa

Linda

PRÓLOGO

A peça é dividida em dois planos. De um lado temos o NÚCLEO 1 (VELHAS), de outro o NÚCLEO 2 (JOVENS). O público fica no meio se virando para onde o foco lhe puxar. Do lado das velhas temos 3 escadas, guimbas de cigarro, tecidos pendurados, cadernetas espalhadas pela chão e uma janela. Do lado das jovens temos sucatas, cones, pedras, metal, madeira, resto de coisas e um trilho de trem. Ainda no escuro ouve-se uma voz suave em off, quase que hipnótica, feita pelo coro de atrizes.

Voz em off – “Por razões inexplicáveis, todo ser humano vivo nasce com um grande e irreversível buraco no meio do seu peito. Não há de se questionar porquê e como eles surgiram. Eles sempre estiveram ali. E ainda que não seja desconfortável é normalmente considerado indesejável. Por este motivo, muitas pessoas tentam preenchê-lo com alguma coisa”.

CENA I

Silêncio. Ouvem-se alguns zumbidos, como se passasse vento por uma fenda. Ainda no escuro uma voz em Off.

Voz em Off – 02 DE NOVEMBRO DE 1900 E ALGUMA COISA, LINDA, LANDA e ISA SAIRAM EM BUSCA DE COISAS PARA TAPAREM SEUS BURACOS.

No Núcleo 2.

Linda – *(Cochichando)* Como você consegue?

Landa – O quê?

Linda – Deixar ele assim.

Landa – Deixando ué.

O apito do trem atrapalha Ana ouvir a resposta.

Linda – O que?

Isa – Ela disse “DEIXANDO UÉ”

A luz acende. O público vê pequenos buracos no peito de cada uma das moças. Em cena três meninas jovens de aproximadamente 20 anos, esperam o trem. Enquanto elas conversam ouve-se um zumbido suave, como se o vento cortasse por meio dos buracos. Elas se aquecem.

Landa – Não é difícil deixar ele aberto. *(Olha pro buraco.. Pensa)* Não me atrapalha.

Linda – *(Olhando as sucatas no chão)* Mas também não ajuda *(silêncio)*.

Isa – Eu não gosto nada do barulho que faz. Nem do barulho que vocês fazem. Inclusive, não gosto de barulho. *(Isa tira da bolsa que carrega um creme, e começa a passar no rosto, enquanto anda nos trilhos do trem ignorando Landa e Linda)*

Ouve-se o apito do trem novamente

Landa – Você também não ajuda muito *(pausa)* nem por isso eu tento tapar você.

Linda – *(Com indiferença)* Tenta tapar.

Landa – Tapar? Você ou o buraco?

Linda – *(Debochando)* Eu. É claro que é O Buraco. *(Elas riem)*

Ouve-se o trem chegando. Ouve-se o trem novamente. Blecaute. Apito do trem. Ouve ele se aproximando. O som fica cada vez mais perto. Uma luz como se fosse uma luz do trem corta o palco rapidamente, apito forte, a luz apaga.

CENA II

O silêncio é rompido pelo caos das velhas, Iolanda, Isaura e Arlinda. Três velhas banguelas, (mas com dentadura) com manchas, (mas com roupas que escondem) grisalhas (mas de cabelos pintados), peles flácidas (mas com cremes Natura) e, por fim, com um grande e irreversível buraco no peito, esse, elas não conseguiam esconder. Elas entram gritando pela plateia, passam no meio do público os cumprimentando, mas não dá para entender bem sobre que estão falando, elas gritam, se acusam, tudo de forma bem suja.

Acende a luz no Núcleo 1, onde se vê tecidos pendurados, velhos e rasgados, diversas folhas velhas e sujas espalhadas por todos os lados.

Arlinda – Vamos que já estamos atrasadas.

Iolanda – Hoje é o dia de quem?

Isaura – Depende.

Iolanda – Eu fui ontem.

Arlinda – Ontem foi Isaura.

Isaura – Fui?

Iolanda (*procurando*) – Cadê ele?

Arlinda – Eu guardei na terceira prateleira.

Elas olham. Não há prateleiras.

Isaura – Depois disso eu já usei.

Arlinda (*Cochichando*) – Mas não, não é permitido. (*Faz como se fechasse as janelas*) Não, não pode. (*Mais alto, como se alguém estivesse vendo*) Ajoelha.

Isaura – Não. Para com isso. Ninguém viu. Eu só queria ler um trechinho antigo.

Arlinda – Todos os trechos são antigos Isaura (*ri discretamente*). E você sabe, que não pode ler sem a gente. Não é permitido. (*Olha pela janela que fechou*) Está escrito na primeira folha, você sabe disso meu bem. Veja (*Procura pelas folhas no chão, a primeira folha. Pensa onde pode estar. Não acha. São muitas folhas*) Enfim, são muitas folhas. Mas você sabe disso, não preciso te lembrar sempre. Certas coisas a gente não esquece mais.

Isaura – (*pegando um creme e passando na pele com indiferença a Iolanda*) Ninguém nunca vem aqui. Por que iriam vir agora?

Iolanda – É sempre bom prevenir. Vai que...

Arlinda – Tudo bem, tudo bem, vamos que eu tenho pressa, onde está?

Isaura – Acho que... *(Pensa)* Não, ali não. Talvez esteja na... Não...
é... humm

Arlinda – Você está mentindo. Não minta Isaura. Você sabe muito bem onde está, e nós sabemos que você sabe. Não minta. Toda vez vai ser assim?

Isaura – *(Sem graça)* Em cima da luminária.

Arlinda e Iolanda – Em cima da luminária?

Não há luminária. Arlinda olha irritada para Isaura, Iolanda com tristeza.

Elas se empilham nas escadas com dificuldade e tentam pegar as folhas que estão escondidas, no alto. Elas se empurram desequilibram e caem derrubando uma chuva de papéis antigos. Tudo cai ao mesmo tempo, junto de algumas folhas amareladas, como uma chuva de papel. Elas tosseem.

Arlinda – *(Fingindo a paciência)* Isaura, minha querida, é por isso que a gente nunca acha as cadernetas?

Elas começam a arrumar a bagunça enquanto folheiam os papéis guardando o máximo que podem nos bolsos de seus vestidos e saias. Isaura logo se cansa, e vai indo despercebida se sentar em uma das escadas para não ajudar arrumar a bagunça. Acende um cigarro. As outras olham.

Isaura– Que foi? (*Dá um trago*) Estou cansada.

Arlinda– Cansada? Cansada? Cansada de quê? Não há o que se fazer, para estar cansada!

(*Arlinda e Iolanda voltam a procurar*)

Linda e Landa aparecem em algum lugar da plateia.

Landa – Arlinda! A velha mandona. Não tem muito empatia para entender o lado dos outros. Tentou tapar seu buraco com comida, e falhou miseravelmente. Tentou tapar seu buraco com rigidez, e falhou miseravelmente. Tentou tapar seu buraco com pessoas, e falhou mis...

Linda – (*Interrompe*) MISERAVELMENTE, já entendemos, Landa. (*Voltando ao público*) Iolanda! A velha indecisa, não se importa muito de ter um grande buraco no meio do peito. O que é um grande absurdo!

Landa – (*interrompe*) Não é não!

Linda – Posso continuar? Como eu ia dizendo, Landa tentou não tapar o seu buraco. E FALHOU MISERAVELMENTE!

Linda e Landa – Isaura! (*Olham-se*) A velha desaparecida.

Apaga a luz das meninas na plateia. Volta o foco para as velhas.

Arlinda – Achei! (*Com felicidade*) Dia 18 de Novembro. (*Folheia a caderneta*) É, parece que é mesmo a minha vez!

Iolanda – 18 de novembro? (*Forçando a memória*) Eu me lembro dessa. (*Com tristeza*) Talvez seja uma das que mais odeio ouvir. (*Confusa*) Não, não é não! Odeio a do dia 24 de Junho. Ou a de 24 de Outu-

bro. Não lembro, talvez seja 18 de Novembro. Ah, a essa altura do campeonato odeio todas elas!

As outras ignoram os devaneios de Iolanda.

Isaura– Termina isso logo.

Iolanda – Se deixasse as coisas no lugar já teríamos acabado.

Arlinda – *(Olha pela janela. Põe a mão no buraco de seus peitos. Sente o buraco aumentar. Assustada. Com arrogância)* Podemos iniciar nossas falas sobre o passado, enquanto não temos presentes? Presentes! Presente! *(Com felicidade)* PRESENTE! *(Olhando para as outras)* De certa forma isso é belo não é mesmo? Vamos encarar assim. É belo, porque é inútil, não vamos, nem chegamos a lugar nenhum com isso. Não há o que fazer se não aproveitar. E não resta o que fazer a não ser fazer isso por todos os dias de nossas... *(pausa melancólica)* vidas? Enfim, durante toda nossa eternidade.

As três respiram fundo. Arlinda e Isaura também acendem um cigarro; sobem nas escadas e cruzam as pernas ao mesmo tempo, sentadas no topo das escadas. Deixam o cigarro na boca. Batem palma uma vez. Como se fosse um ritual. Blecaute.

CENA III

Ainda no escuro ouve-se a voz das três velhas.

Em off – 18 DE NOVEMBRO DE 1900 E ALGUMA COISA LINDA E CONTINUAM A BUSCA DE COISAS PARA TAPAREM SEUS BURACOS.

Acende a luz do Núcleo 2. A cena agora acontece dentro do trem. Linda e Landa estão longe uma da outra. O trem pode ser feito através da iluminação, com lanternas ou sons feitos pelas atrizes.

Linda – *(Com felicidade)* Será que quando chegarmos lá realmente ele saberá?

Landa – Por que acha que é ele?

Linda – Não sei, não pensei sobre isso. Tanto faz quem seja. Ele ou ela saberá?

Landa – *(Apática)* Provavelmente não

Linda – *(Irritada)* Eu sabia que ia dizer isso.

Landa – Então por que perguntou?

Linda – Sempre fico na esperança de que você mude.

Landa – Sabe o quanto é desgastante?

Linda – O quê?

Landa– Nada.

Linda – Diz.

Landa – Não.

Linda – Diz!

Landa – *(Com certa resistência. Chateada)* Você sempre dizendo o quanto quer que eu faça isso. Que eu faça aquilo. Que eu mude. Que eu tampe. *(Olha para os buracos)* Eu tô aqui. Por que isso não é suficiente?

Linda – Eu não disse que não é.

Landa – E nem precisa.

Linda – Quer ir embora?

Landa– Quero. Mas não vou.

Linda – Obrigada... Quer sentar na janela?

Landa – *(Respira fundo)* Tanto faz. *(Ouve-se um zumbido como o do início. Landa Sorri. Linda está levemente chateada).*

As duas olham pela janela, como quem espera algo. A luz do Núcleo 2 continua acesa. Acende luz do Núcleo 1. As velhas estão nos topos das escadas, olhando para o Núcleo 2.

Alinda – Sabe que eu sempre achei Landa meio estranha mesmo. *(Olha para Iolanda, que fica brava)* Você pergunta: QUER OVO COM GEMA MOLE OU DURA? E ela responde:

Iolanda e Landa – *(Seus olhos se cruzam através da plateia que as separa)* Tanto faz.

Apaga a luz do Núcleo 2.

Arlinda – Tanto faz? Como assim tanto faz? Ou é mole ou duro. Não é mole, duro OU tanto faz. Mas, vamos seguindo. Quanto mais rápido

terminarmos, mas rápido iremos para a próxima.

Iolanda – E quando chegar à próxima? *(Acelerando a fala)* A gente torce para que termine rápido e continuemos sempre esperando a próxima? E depois a próxima? E depois a outra? E a próxima de novo, até chegarmos nessa e você falar novamente “quanto mais rápido terminar...” *(Arlinda interrompe)*

Arlinda – *(APÁTICA)* Exatamente!

Acende a luz do Núcleo 2. As duas agora caminham pelas ferrovias do trem, e alguns entulhos.

Linda – Que tal esse? *(Pega um terço)*

Landa – Esse era o da minha avó. Dela e mais de 42 milhões de pessoas que moram por aqui. Acredito que ela tenha sido “feliz” com ele, mas eu não achava que ela era. Por que não tenta você?

Linda – Eu já tentei, não gosto muito também. Mas quando chegarmos lá encontramos o meu.

Landa – Linda, *(pensativa, com medo)* e se não encontrar? O que você faz?

Linda – E se não encontrar? *(Com certeza)* Todo mundo encontra ué. Não existe a opção de não encontrar. Olha só... *(Aponta para frente)* Todo mundo encontra, uns mais rápidos, outros demoram mais, os mais indecisos encontram o tempo inteiro. *(Respira)* Mas tudo bem. Vamos sentar um pouco. *(Olha ao redor)* Isso é muito mais longe que eu imaginava, e tô com fome. Quer comer? *(Enfiando a mão em uma bolsinha que carrega)*

Landa – Acho que não.

Linda – (*De saco cheio*) Como assim “acha”, Landa? Ou é sim, ou é não.

Landa – Pra mim não é assim. Não é sim OU não. É sim e não ao mesmo tempo.

Linda – Mas não dá. Não dá para ser sim e não ao mesmo tempo. Sempre vai ser uma coisa ou outra. (*Pega uma pedra*) Olha, pega isso aqui. Sente. Olha. Isso é uma pedra? (*Com certeza*) SIM. Isso é uma pedra. Não dá para ser uma pedra e não ser uma pedra ao mesmo tempo. Dá?

Landa – Dá.

Linda – Claro que não dá. Você sabe disso. Você é tão difícil. Ai, tá. (*Respira fundo*) Bom, eu vou comer. Você quer?

Landa – Tanto faz.

Volta o foco para as velhas.

Arlinda – Viram só? Tanto faz. Para tudo Landa dizia: Tanto faz. Ovo mole ou duro?

Iolanda e Landa – Tanto faz.

Arlinda – Quer arroz ou macarrão?

Iolanda e Landa – Tanto faz.

Arlinda –Vamos no cinema hoje?

Iolanda e Landa – Tanto faz.

Arlinda – Sem contar os NÃO SEI. Qual seu cantor favorito?

Iolanda e Isaura – Não sei.

Arlinda – E a sua comida favorita?

Iolanda e Landa – Não sei.

Arlinda – Filme favorito?

Iolanda – Sabe que...

Landa – Eu também não sei.

Apaga a luz do Núcleo 2.

Arlinda – Como não sabe, gente? Como não sabe? Todo mundo sabe. Uns sabem desde sempre, descobrem mais rápido. Outros demoram mais para saber essas coisas. Outros mudam o tempo inteiro. Ai, ai, ai... Mas não saber?

Iolanda – Você é comentarista agora?

Isaura – *(rindo)* Desde o primeiro dia, não lembra?

Iolanda – E como lembro, já chegou feito uma maritaca sem entender nada, gritando com o vácuo, achando que sabia o que tava acontecendo. Foi bom ver a cara de tacho dela ao menos uma vez.

Isa – É verdade. *(Ri)*

Arlinda – *(Tosse)* Vocês vão deixar eu terminar ou querem contar tudo sozinhas?

Isaura – Querer eu até quero, mas não posso. Então continua.

Arlinda – Já tô quase acabando. Já já vai ser você.

CENA IV

Apaga luz do Núcleo 2, acende luz do Núcleo 1. Linda e Landa estão em um campo cheio de flores, olhando o céu.

Linda – Você sente falta?

Landa – Por que você tá falando disso?

Linda – Desculpa. Achei que quisesse conversar.

Landa – Quero, mas não sobre isso. Tá sentindo?

Linda – Tô.

Landa – Não, não saudade.

Linda – O quê então?

Landa – O cheiro, o vento. Essa mistura de laranja, amarelo, roxo, parece tinta, parece um quadro, um mar, que dá vontade de mergulhar e sair nadando. Uma mistura com cheiro. Cheiro de margarida,

rosa, orquídea. Cheiro de flor. *(Enquanto fala ouve-se o zumbido)*

Linda – Talvez seja isso.

Landa – Você não desiste. Não quero. Você não entende. É incrível. Não é assim. Já não aguento ter que te explicar sempre. Sem falar que eu acho que é pequeno demais. Ou grande mais. Sabe, eu não sei. Talvez seja pequeno de mais e grande demais ao mesmo tempo.

Linda – Pequeno de mais. Grande demais. Sabe que eu não te entendo, Landa?

Landa – Sabe que eu não te entendo, Linda?

Luz no Núcleo 1.

Arlinda – Sabe que eu não te entendo nem Landa e nem Linda.

Landa – Por que se preocupa tanto com isso?

Linda – Pelo mesmo motivo que você não se preocupa nem um tiquinho.

Landa – Que motivo é esse que eu nem sei qual é?

Linda tira uma flor do jardim em que estão deitadas e dá para Landa. Ela aceita e continua olhando para o céu. Em boca que usa, começam a cantar uma música.

Arlinda – *(Para a plateia)* Landa podia escolher os amigos que tinha. Mas nunca pode escolher a si mesma.

Iolanda – Eu nunca disse isso.

Arlinda – Mas a gente percebe.

Iolanda – Talvez, talvez seja isso mesmo.

*Linda e Landa se abraçam. É noite. Elas dormem no campo florido.
Apaga a luz do Núcleo
2. As velhas descem da escada.*

Arlinda – Satisfeita? Nem doeu. Acabou. Próxima! *(olha o buraco do peito, está maior)* Ai, eu não consigo entender.

Iolanda – Não é para entender Arlinda, é pra sentir. Bem, vamos dormir. Que amanhã é um novo dia.

Isaura – E se hoje a gente não dormisse? *(Empolgada)* A gente poderia fazer outra coisa talvez. Brincar, se divertir, inventar histórias?

Iolanda – Histórias? Astros me livrem, que já não aguento mais. *(Olha pela janela)* E você sabe que não podemos. Acordamos, lemos, contamos, fazemos nossos pequenos comentários. Por fim dormimos. *(Olha ao redor)* Afinal, onde foi parar a bendita primeira folha? Você não se lembra Isaura? Não é permitido meu bem. *(Abraça Isaura).*

Elas Saem.

CENA V

Isaura volta sozinha. Ouvem-se algumas tremidas. Ela olha pela janela, mas não se importa. Acende um cigarro. Deixa-o na boca. Tira um creme dos bolsos e começa a alisar a pele. Guarda o creme. Ouvem-se

mais tremidos. Ela olha novamente. Tira da bolsa uma coisa estranha que lembra a fones de ouvido. De repente começa a tocar Edith Piaf “Non, Je Ne Regrette Rien”. Os tremidos aumentam, mas agora ela não reage. Pega um batom. Passa. Guarda. Tira uma folha muito amarela, e rasgada de dentro do bolso. E Lê em voz alta, ao ritmo da música, andando pelas três grandes escadas, como quem quisesse cair. Lê. Ao fim da leitura, ela ri e chora. Blecaute. Ouve-se Arlinda e Iolanda gritando por Isaura. Elas entram em cena, acende a luz. O local está uma bagunça, as escadas tombadas e Iolanda dorme em meio ao caos.

CENA VI

Arlinda – Ah, aí está você. *(Percebe a bagunça, mas não se atreve a perguntar)* Vamos que já estamos atrasadas.

Iolanda – Hoje é o dia de quem?

Isaura – Depende.

Arlinda – Eu fui ontem.

Iolanda – Sendo assim fui anteontem. Cadê ele?

Isaura – Aqui. *(Levanta-se com as folhas nas mãos)* Sou eu!

As três respiram fundo. Acendem um cigarro, cruzam as pernas ao mesmo tempo. Deixam o cigarro na boca. Batem palma uma vez. Blecaute. Ainda no escuro ouve-se a voz das três velhas.

Em off – 19 DE NOVEMBRO DE 1900 E ALGUMA COISA, LINDA E LANDA CONTINUAM A BUSCA DE COISAS PARA TAPAREM SEUS BURACOS.

Acende a luz no Núcleo 2.

Landa – Linda, algum dia você já se perguntou por que temos esses buracos?

Linda – Você já se perguntou por que temos dois olhos, braços e pernas? Obviamente que não. Porque sempre foi assim, desde sempre.

Landa – Mas e se não fosse? E a gente só nascesse e não tivesse que sair por aí em busca de coisas pra tampar esse buraco por todos os dias, durante todos os anos de nossas vidas?

Linda – E faríamos o que?

Landa – Bem, é. Eu não sei, a gente poderia acampar, tomar banho de praia.

Linda – Então talvez isso tape o seu buraco?

Landa – Não, não é isso. É diferente. Eu não quero ter que achar alguma coisa. Não quero ter que procurar.

Linda – Mas não é assim, todo mundo acha. Eu já disse isso.

Landa – Eu sei que disse, mas...

Linda – (*remedando Landa*) “Mas e se não achar”? Você conhece alguém que não tenha achado?

Landa – Conheço.

Linda – Conhece?

Landa – É a gente.

Linda – Mas a gente tá procurando. Agora pensa comigo, o que a gente faria se não achasse?

Landa – Talvez a gente pudesse fazer qualquer coisa. De forma livre.

Linda – Não adiantaria Landa. A gente se prenderia em alguma coisa mesmo sem querer. Mesmo que fosse uma na outra. Qualquer coisa. No fim nunca sairemos disso.. A gente só ia viver sem saber onde estamos, e o que estamos fazendo. Já pensou nisso? Assim pelo menos a gente sabe o que tá fazendo e porque tá fazendo.

Landa – Você sabe por que tá fazendo?

Linda – (*Linda ignora. Achou algo*) Olha. É ali! Tá pronta?

Blecaute. Acende luz do Núcleo 1.

Arlinda – Não eu não sei o que estou fazendo. E nós sabemos exatamente o que vem depois (*Ouve-se os tremidos*) Já são 105.000. Por que continuamos a falar? Quem nos faz continuar falando? Por que eu falo sem querer falar? Sinto uma necessidade feroz de ter medo de que alguém possa entrar por aquela janela. Por que não aparece ninguém por aquela janela? Seria impossível, e eu tenho necessidade de ter medo disso. Parece-me que já não tenho a mim mesma. Já não sei em que parte da alma é que se sente. Para que é que contamos essas histórias? Para quem?

Blecaute.

CENA VII

Isaura volta sozinha. Ouvem-se tremidos. Ela fuma, põe os fones. Ri e chora, joga os papéis para cima. Começar a tocar Edith Piaf novamente.

Isaura – Sejam bem vindas ao seu primeiro dia após a morte. Está tudo bem. Suas vidas na Terra terminaram. E vocês estão na próxima fase da existência no universo. Aqui é o local destinado às pessoas que não souberam lidar com seus grandes buracos no meio do peito. Se aqui é o céu ou o inferno não se sabe. Na verdade tampouco importa. Não achem que são as únicas, mas nunca saberão quem são os outros. Aqui você estão limitadas a lembrarem de todos os dias da vida de vocês até encontrarem o motivo pelo qual não tamparam seus buracos, o que vem depois disso, caso achem uma solução, mais uma vez tampouco importa. Vocês devem seguir à risca as ordens destas cadernetas, nelas estão toda a história da vida de vocês. Vocês devem acordar, ler, contar, comentar, e dormir. Sempre juntas. Sempre na ordem.

Arlinda – Ah, aí está você novamente. *(Falam de forma monótona)*
Vamos.

Iolanda – Que já estamos...

Arlinda – Atrasadas.

Iolanda – Hoje é o dia...

Isaura – Eu fui ontem

Arlinda – Sendo assim fui anteontem.

Iolanda – Cadê...

Isaura – Em cima da...

Arlinda – Prateleira...

Linda e Landa na plateia novamente.

Linda e Landa – *(Para plateia)* Não há prateleiras.

A cena repete duas vezes, porém acelerado. Como se isso acontecesse várias vezes.

CENA VIII

Voz em Off – 02 DE NOVEMBRO DE 1900 E ALGUMA COISA, LINDA, LANDA e ISA SAIRAM EM BUSCA DE COISAS PARA TAPAREM SEUS BURACOS.

Voz em Off – 03 DE NOVEMBRO DE 1900 E ALGUMA COISA, LINDA e LANDA SAIRAM EM BUSCA DE COISAS PARA TAPAREM SEUS BURACOS.

Voz em Off – 04 DE NOVEMBRO DE 1900 E ALGUMA COISA, LINDA, LANDA....

Voz em Off – 05 DE NOVEMBRO DE 1900 E ALGUMA COISA....

Voz em Off – 06 DE NOVEMBRO...7, 8, 9, 10, 11,12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 de novembro de 1900 e alguma coisa.

CENA IX

Arlinda – E vamos continuando?

Isaura – Por toda eternidade.

Iolanda – Vocês sabem quem não me importo, não é?

Arlinda – Sabemos.

Iolanda – Escuta. *(Elas ouvem um zumbido como se o vento passasse no meio de seus grandes buracos no meio do peito)*

Arlinda – E se eles crescerem mais?

Isaura – *(pegando um creme e passando na pele)* Talvez nos torne-mos ouroboros.

Iolanda – Talvez aí seja o fim.

Arlinda – Duvido.

Enquanto conversam os buracos aumentam mais. E os tremidos ficam mais fortes.

Iolanda – Por você esconde a primeira folha Isaura?

Isaura – Você sabe?

Arlinda – Todo mundo sabe Isaura, já fizemos isso tantas vezes que não há nenhuma nova probabilidade variante.

Isaura – Eu sei que vocês ficam tristes.

Arlinda – Não tem problema estar triste.

Iolanda – Aqui estamos juntas.

Isaura – *(Olha pela janela)* Não estão preocupadas que estamos falando demais? E se alguém vier?

Arlinda – Só saberemos quando vierem. E se vierem.

Iolanda – Você falando isso? Quem diria.

Arlinda – Existir por muito tempo, faz a gente mudar. Apesar de me sentir velha demais para criar novos hábitos.

Isaura – Há quem não mude.

Iolanda – E há quem mude.

Isaura – Será que isso estava previsto para eles também?

Arlinda – Nunca saberemos. Talvez eles prevejam que eu vá para frente, que eu pegue o cigarro, que eu ande e que nós estamos tendo essa conversa sobre o presente. De fato o presente! Realmente, talvez isso seja belo. Falar do passado não nos coloca nele, coloca? Quem diria que essa era a eternidade. Nunca imaginei. Eu sei que você Iolanda, não liga para esse troço no meio do peito. Depois de todo esse tempo, eu parei de ligar. Mas...

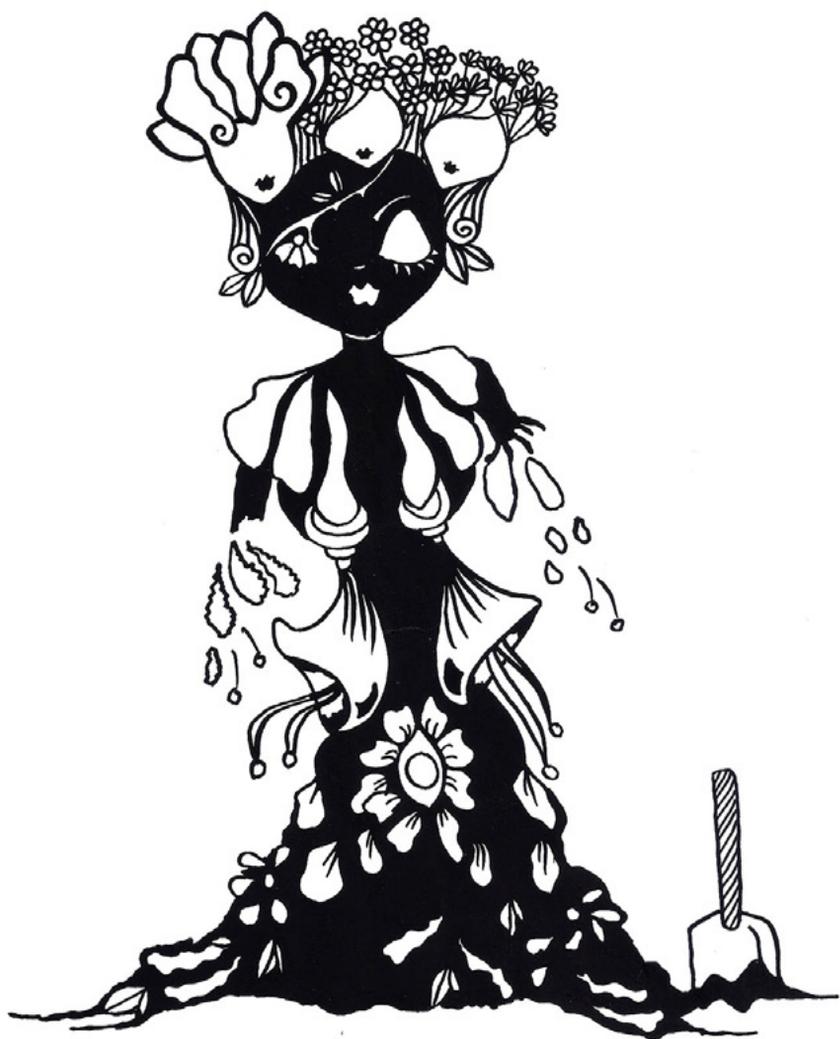
Iolanda – Realmente não me importa. Nada de nada. Tudo isso tanto faz para mim. Não me importa o passado. Está passado, varrido e

esquecido. Mas, vocês, Arlinda, vocês são a parte que falta em mim.

Os tremidos aumentam. Isaura tira da balsa os fones e dá para amigas. Toca novamente Edith Piaf “ Non, rien de rien”.

Fim

Jardim das Poesias



enterradas

JARDIM DAS POESIAS ENTERRADAS

Meirele Lemos

APRESENTAÇÃO

Enquanto mulher que escreve, digo que o processo de criação deste texto foi o mais dolorido que já enfrentei até hoje. Em dado momento da minha vida, me vi sem completa inspiração e coragem para colocar em palavras o que minha alma grita lá dentro.

As palavras salvaram-me, deram-me sentido e trouxeram-me até aqui, até essa dramaturgia.

Essa não é uma dramaturgia comum, essa é uma história sobre uma Mulher que, de tanta opressão, perde sua fala poética e precisa encontrar maneiras de salvar-se.

A grande motivação para essa dramaturgia é dar voz a essas mulheres e mostrá-las que é preciso cuidar do seu jardim, podar, regar e alimentar dia a dia a inspiração e a poesia que existe em cada uma.

Nascer mulher é uma dádiva, o problema é morrer por ser mulher.

Em cada frase dessa escrita ficcional, você encontrará uma pitada de realidade e autobiografia afinal, essa Mulher poderia ser qualquer uma de nós.

Esta história não é autobiográfica, mas poderia ser.

Uma pessoa capaz de mudar o palpável, muda qualquer invisível.

Personagens

A Mulher – Negra. Pele preenchida por pétalas de flores que caem no chão a todo o momento, A Mulher se despetala em cada cena.

Quem Já Fui – Uma cópia mal realizada da Mulher. Suas roupas são grandes e mascaram seu corpo imenso. Quem Já Fui usa algo no rosto que oculta sua face, é quase uma sombra do seu ser.

Minha Criança – Uma menina de nove anos veste vestido longo e com mangas bufantes. Seu ar é de fantasia, criatividade e doçura.

Jardineira Vó – Uma senhora de idade mais avançada, negra, cabelos grisalhos. Veste roupa de jardinagem.

Médica – Mulher, rosto firme. Veste jaleco branco.

Mulheres-Flores – Muitas mulheres vestidas de flores, cada uma de espécie diferente. São mulheres de diversos estilos.

CENA 01 – FALTA DE QUÊ?

Um feixe de luz ilumina um quarto com algumas cortinas brancas, uma cama, um lençol também branco e uma Mulher que dorme.

A Mulher acorda de um sono pesado. As cortinas do quarto balançam ao som do vento que entra pela janela. Ela acorda sufocada, leva a mão na garganta e esboça gritos de desespero, nenhum som.

Ela segue tentando gritar por algum tempo, sem sucesso.

Até que se dá conta, não tem mais voz.

A luz se apaga.

2 horas antes.

Uma luz agora ilumina a Mulher que está de pé sobre a cama do seu quarto pequeno, o rosto é uma expressão de dor imensa, lágrimas mascaram a face que agoniza em prantos. Sua expressão é de total desespero, a Mulher escreve com um batom vermelho nas cortinas, sua forma de escrita é agitada, alvoroçada beirando o desequilíbrio. O rosto da Mulher se transforma em loucura, os olhos se arregalam.

Um tempo depois, ela em pé sobre a cama se vira para a plateia.

A Mulher – *(gritando)* Quem mais vai partir? *(Diz olhando para o céu)* Quem mais vai me deixar? O amor me deixou, os amigos não eram. Agora meu melhor amigo se foi... O que será de mim? Eu sinto falta da falta. Falta de tudo que ainda não vivi. E quando me sinto liberta e pronta, tiram tudo de mim? O que mais há de me faltar? Minhas pétalas. *(Uma longa pausa, A Mulher toca no seu corpo e olha para baixo)* Elas são tudo que ainda consigo reconhecer. A sensação que tenho é que me perdi de mim em algum momento. Estou sofrendo de silêncio, minha solidão é barulhenta mas meu quarto é vazio. Tenho medo.

Gritos de angústia e lágrimas de solidão.

Blecaute

CENA 02 – MUDISMO POÉTICO

Um consultório médico, duas cadeiras, uma médica com seu jaleco branco sentada do lado oposto a esta Mulher. Elas se olham durante algum tempo, a médica pega os exames, examina com cuidado, enquanto isso a Mulher faz expressão de medo e dúvidas. É chegada a hora do diagnóstico.

Médica – Infelizmente, senhora, o seu diagnóstico é de mudez poética. Você passou muito tempo da vida engolindo palavras, deixando de dizer quando era necessário. Seu talento foi engolido no momento exato em que as palavras tornaram-se sua fuga. Você fugiu durante algum tempo, não dá mais.

A Mulher olha atordoada para a doutora, sem saber o que fazer, ela chora.

Médica – Esse é um caso raro de falta de palavras. É difícil, mas para quem passou a vida inteira inventando histórias e se calando nos momentos cruciais, você vai saber lidar com a sua mudez.

A Mulher agora encara a doutora, como se quisesse lhe dizer algo, nada sai. Nenhuma palavra.

Médica – Eu não tenho nada para lhe oferecer, suas pétalas diminuem à medida que você fala, e não falando, elas aumentaram. Todo cuidado é pouco neste processo.

Ela se levanta, e vira as costas para partir. A médica, que estava sentada todo o tempo, se levanta e vai em direção à porta.

Médica – Se quer um conselho, aproveite este tempo para lidar com tudo aquilo que ainda não teve que lidar. Malas são cruciais de abrir, mas o coração precisa se sentir cheio e vazio. Não dá pra cuidar da aparência e esquecer da alma.

A Mulher sai de cena, olhando para o chão, buscando respostas na ponta dos seus dedos, ela toca suas pétalas e sai de cena.

CENA 03 – JARDIM DE DORES, FLORES DE SOLIDÃO

O cenário agora é em meio à natureza, um jardim vivo é montado. Uma grande placa indica um nome: Jardim de dores.

A Mulher caminha em meio a muitas flores, todas elas com rostos humanos e femininos, cada flor e árvore representam uma Mulher diferente. São as Mulheres-Flores, que dançam o todo tempo. A Mulher percorre todo o caminho, enquanto as flores cantam.

Mulheres-Flores – *(cantarolando baixo)* O cravo brigou com a rosa. Debaixo de uma sacada. O cravo saiu ferido. E a rosa, despedaçada.

Quem Já Fui está vestida de forma que quase não consegue se notar em meio às árvores. Seu rosto é quase imperceptível, sua voz é firme e zombeteira. Ela circula em torno da Mulher o tempo todo, com ar de gracejo e ironia.

A Mulher senta em meio às flores, no chão, enquanto Quem Já Fui a ronda.

Quem Já Fui – *(andando em círculos ao redor da Mulher)* Ora, ora, vejam só, ela não consegue falar *(gargalhadas)*. A dona das palavras não consegue dizer coisa nenhuma *(Mais gargalhas e tom de ironia enquanto toca o rosto da Mulher, que segue cabisbaixa)*.

As árvores balançam e gritam muito, conversando entre si frases não audíveis. Elas fazem barulho alto causando medo.

A Mulher olha para o seu corpo despetalado, passa as mãos em cada canto e chora. O choro que sai é quase uma súplica, um pedido de socorro. Quem Já Fui senta de frente e fala enquanto encara A Mulher.

Quem Já Fui – Você se lembra de quem já foi? *(Tocando o rosto da Mulher)* Você consegue se lembrar de quantas vezes esteve sozinha? Você sabe lidar com a solidão? Muda ainda, você não vai dar conta. *(Gargalhadas)* Coitada, muda e sozinha. Escamada, despetalada e condenada. Que pena de você, que pena!

A Mulher chora, passando as mãos por todo o corpo e sentindo as pétalas queimarem sua pele solitária. Não sabe mais onde dói. Não vê a dor, mas a pode sentir. Não tem palavras, mas sabe que precisa.

Neste momento, surge um segundo núcleo que agora divide espaço no mesmo cenário, o jardim, porém mais distante. Uma senhora de idade já avançada surge no meio das flores, regando, jogando água nas plantas que falam simultaneamente, frases desconexas. A senhora está vestida com roupa de jardinagem, enquanto executa sua função de regar o jardim, ela não interage com A Mulher.

Quem Já Fui segue sentada, olhando para A Mulher que mantém a cabeça baixa.

A luz ilumina o segundo núcleo onde a Jardineira Vó rega plantas e fala.

Jardineira Vó – *(recitando)* Uma mulher sozinha, uma mulher preta sozinha. É normal de ser ver. Não é normal querer ser... A doença humana tomou seu coração quente na queda de braço entre arder e gelar. Seu coração optou por se calar. Nunca soube o que dizer. Nunca precisou se defender da solidão. Era lotada de palavras. Elas cobriam seu vão. Até que se foram com o tempo, com o vento, com o vazio. Não há nada que sangue mais do que a falta. Ausência. De presença. De essência. Foram-se todos - os amores, os amigos... Sobrou falta, faltaram sobras. Ela agora é escama e nada. Quer cama quente e abraço sincero. Não tem palavras, não consegue pedir afeto.

A luz volta a focar nas duas mulheres que estão frente a frente mais sem se encarar.

Quem Já Fui pega no queixo da Mulher e levanta seu rosto abatido.

Quem Já Fui – *(pausadamente)* Eu sabia que seria assim, tentei te dizer várias vezes, não confie no mundo. Ele não é pra você que nasceu agora. Tão nova e já no fim. Quem mandou não acreditar em mim.

A Mulher enche suas mãos de terra, e passa nas pernas e braços de forma violenta, rasga, sangra suas pétalas e chora, ensaia um grito que não sai.

Abaixa a cabeça e as luzes se apagam.

Todas saem do palco.

CENA 04 – VARAL POÉTICO DE DORES REPRIMIDAS

O cenário permanece no Jardim das Dores, agora com um varal de roupas vazio e uma mesa com uma cadeira ao lado.

A Jardineira Vó entra no jardim carregando seu regador e começa a regar as plantas enquanto cantarola entre os dentes uma música antiga.

As plantas reclamam da água, resmungam todas ao mesmo tempo.

Silêncio.

A Mulher entra no palco segurando um balde com várias folhas de papel molhados e os estende no varal poético, uma a uma.

A luz volta a iluminar a Jardineira Vó que mantêm-se a regar as plantas sem encarar a plateia.

Jardineira Vó – Durante toda uma vida nós colecionamos dores. Cada um escolhe a forma de lidar com sua coleção. Uns colocam pra

fora e se livram delas, outros as guardam. Com o tempo, essas dores perpetuam a alma.

A Mulher agora senta-se à mesa, trazendo uma folha de papel ainda seco e um lápis.

Na mesa, vários frascos de remédios. Os nomes dos remédios ficam à mostra: dores, solidão, inspiração, amigos, amores, tempo, escrita, poesia, alma... Ela pega o frasco da solidão e o encara por um período de tempo.

Quem Já Fui entra no palco e ronda A Mulher com ironia

Quem Já Fui – Tá pensando em quê, hein?

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Você é tão insegura.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Como acha que pode viver assim?

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Não coce suas feridas.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Cuide da aparência.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Eles nunca vão te aceitar.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Você não consegue se enxergar?

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Que tipo de ser humano vai querer você?

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Preta.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Sem graça.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Sozinha.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Diagnosticada.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Machucada.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Abalada.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Muda.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Vazia.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Apagada.

Mulheres-Flores (*sussurram*) – Não tome o remédio!

Quem Já Fui – Poeta? (*Gargalhadas, depois fala ironicamente*) Cadê sua inspiração, senhora poeta?

Mulheres-Flores (*gritando*) – SILÊNCIO.

Quem Já Fui vai saindo de cena, andando de costas, com aparente frustração por ter sido interrompida.

A Mulher troca de frasco de remédio, pega o de dores e bebe todo o líquido que havia ali. Terminado o vidro, joga-o no chão. Olhando para baixo, seu olhar é perdido. Ela vagueia em meio aos pensamentos que a tomam. As Mulheres-Flores resmungam alto, palavras imperceptíveis durante algum tempo.

Jardineira Vó, que agora está podando o jardim, fala sem olhar para a plateia.

Jardineira Vó – *(calmamente, como se recitasse uma poesia)* Dor é antídoto pra Mulher sozinha, tomado todo dia. Gole a gole. Goela abaixo. Carma da relação. Reflexo do abuso. Dos abusadores. Dos assediadores. Dores. Cada palavra é uma morte. Morrer é salvação ou só quietude? Palavra é furacão ou fuga da ação?

Um segundo cenário é exposto simultaneamente ao lado do Jardim de Dores.

Uma mesa, livros, cadernos, lápis e uma menina de aparentemente nove anos de idade escreve sozinha.

Enquanto a cena se passa, A Mulher olha fixamente para um papel a sua frente, o lápis da possibilidade está em suas mãos, mas a inspiração não quer lhe visitar.

A menina sai da sua realidade e entra no jardim de dores, encontra A Mulher, que a olha muito assustada, a menina pega nas mãos da Mulher e não diz uma só palavra.

Ela fica por algum tempo olhando nos olhos da Mulher como quem visita sua antiga morada.

Silêncio. Melancolia. Reticência.

Minha Criança olha com muita compaixão para A Mulher, fica em silêncio por algum tempo.

As árvores balançam e sussurram muitas frases.

Minha Criança – *(com voz firme e olhar forte)* Encare seus demônios moça, dê nome a eles... Não morra engasgada. Morra muda por ausência de palavras, não por excesso. Nós damos conta de nós!

Silêncio

Minha Criança – Eu sei, sei que dói visitar essas criaturas. (*diz acariciando o rosto da Mulher que a encara*) Eu vou com você, nós vamos! Escreva pra eles. Diga onde dói. Se as palavras se foram, use a dor que você tomou para servir de inspiração. Se não botar pra fora isso vai acabar conosco.

Quem Já Fui, surge na escuridão, é possível ver sua sombra e ouvir sua voz irônica.

Quem Já Fui – (*descrente e irônica*) Bobagem, não deixe ela iludir você. Você não tem coragem, nunca teve.

Minha Criança (*encarando A Mulher*) – Coragem é como o banho que tomamos todos os dias.

Mergulhe nessas águas, deixe transbordar.

A Mulher oscila olhares entre as duas e põe-se a escrever.

Minha Criança senta-se sobre a mesa onde A Mulher está e mexe seu pequeno corpo, de um lado para o outro. Quem Já Fui sai de cena.

A Mulher escreve durante algum tempo, as flores resmungam bem baixinho.

A menina sai de cena e volta carregando em suas mãos um balde grande e cheio de água.

Minha Criança – Essa é a coragem que você precisa. A coragem que ninguém lhe disse ser necessária. Ninguém nasce corajoso, coragem é pra tomar todos os dias.

Ela derrama toda a água sobre a cabeça da Mulher que se assusta e permanece sentada, calada e apavorada pela frieza a que foi exposta.

As pétalas de seu corpo caem, A Mulher começa a se desfazer em

pedaços e líquido, derretendo.

Jardineira Vó, que permaneceu toda a cena cultivando o jardim, agora fala olhando para a plateia.

Jardineira Vó – *(recitando cada palavra de forma poética)* Toda dor revivida precede cura. Sintoma de silêncio é a loucura.

Todas saem do palco.

CENA 05 – CARTA AOS AMORES QUE INVENTEI | SUICÍDIO INICIAL

Cenário do Jardim das Dores, a menina brinca com as flores passando a mão nelas e rindo, como quem brinca com a natureza viva que reside ali.

A Mulher entra em cena, pega uma das cartas no varal e dubla a leitura, a voz que sai é da boca de Minha Criança.

Enquanto a carta é aberta, as Mulheres-Flores cantam.

Mulheres-Flores – *(começam cantando alto no mesmo coro e vão diminuindo o volume lentamente)* Se eu roubei, se eu roubei teu coração, tu roubaste, tu roubaste o meu também. Se eu roubei, se eu roubei teu coração é porque, é porque te quero bem.

Minha Criança – *(tocando o peito e recitando a carta de maneira teatral)* Eu quero libertar de mim cada pessoa que já me tocou a alma

Cada homem que amei

Que me deitei

Me dei

Me doei

Que me convenceu a ficar e acreditar que o amor viria.

Eu quero me tornar água e lavar do meu ser cada um que me adentrou

Que me penetrou as entranhas

Meu corpo quente

Minha mente doente

Meu coração carente

Cada um desses que fez minha alma sucumbir ao pó.

Eu invento amores que não existem

Eu crio histórias profundas de amores inatingíveis

Eu embalo os que já morreram

Eu mato os que persistem em viver

Meu coração já não é o teu sagrado

Eu arranco vocês daí

Sumam!

Sinto-me exausta

Cansada dos abusos que vocês me cometeram

Dos assédios e assobios

Dos gozos que jorraram na última cama que me deitei

Eu não aceito mais

Eu não tenho mais necessidade de vocês
Desapareçam!
Cansei-me de fazer lar em areia movediça
Eu quero pisar meus pés em terras firmes
Eu expulso essas paixões selvagens que levaram de mim a paz
Eu quero me resetar
Esquecer que me dei pra quem nunca me quis
Vocês nunca existiram de fato
Eu os inventei
Agora chega, sumam todos vocês
Desapareçam!
Cansei de gozar prazeres covardes
Cansei de beber em copos vazios e alheios
Eu quero renascer das minhas próprias cinzas
Quero morrer em cada escama que cai de mim
Saíam, não tem espaço aqui.
Todo esse abuso covarde me transformou nisso
Eu não me lembro até que ponto vivi
Até que ponto inventei.
Quero recomeçar.
Como reiniciar o coração?

Mulher caem pelo chão, muitas, ela olha para o chão e num súbito ato de desespero ela rasga a carta com muita raiva e engole, pedaço a pedaço, e vai caindo lentamente no chão, morrendo aos poucos, se derretendo. Apagão.

CENA 06 – DEVOLVA MEU LUGAR DE FALA

O cenário do Jardim das Dores é iluminado e A Mulher já está sentada à mesa. À medida que o tempo corre, ela escreve de maneira robótica e com uma rapidez impressionante.

Um cenário é iluminado ao lado do Jardim das Dores, uma floresta fechada é vista. Lá estão Minha Criança com uma pá de jardinagem na mão; à sua frente está Quem Já Fui, com uma grande tesoura apontada para Minha Criança. Elas se olham com desdém e raiva.

Quem Já Fui – Você não pode chegar agora e achar que sabe tudo sobre ela.

Minha Criança – Chegar agora? (Risos) Fui um quem deu asas à imaginação dela. Eu já existia quando você roubou esse lugar.

Quem Já Fui – Mas não estava lá pra segurar as barras das inseguranças e dos medos dela.

Minha Criança – Foi você quem ditou as regras dos medos. Você a tornou assim, a culpa é sua.

Quem Já Fui – Culpa? Eu não tenho nada para me culpar, eu existo segundo a permissão dela.

Minha Criança – Mentira. Você a ronda, ocupa os pensamentos dela, coloca limites, escraviza, sodomiza e ela não percebe porque está preocupada demais em parecer em vez de ser.

Quem Já Fui – *(gargalha alto)* E você sabe o que, hein? Quantos anos você tem menina?

Minha Criança – Eu não tenho idade, eu existo dentro dos sonhos dela, eu sou a menina que ela criou. Faço parte das histórias que ela sempre inventou.

Quem Já Fui – Você nem existe então, não dê opinião no que não foi chamada. Uma de nós tem que morrer, e não serei eu.

Quem Já Fui prepara um golpe que pegaria na cabeça da Minha Criança e, assim, colocaria fim a toda a cena.

Neste momento, A Mulher, que escrevia sem parar, levanta-se da mesa e parte em direção ao núcleo onde as duas personagens disputam.

Elas não percebem a chegada da Mulher, que emite um som alto.

A Mulher – CHEGA!

As duas olham assustadas para A Mulher. A Minha Criança faz expressão de medo enquanto Quem Já Fui esboça ar de surpresa pela voz da Mulher.

Quem Já Fui – É milagre! *(Irônica)* Sua mudez foi embora.

A Mulher – *(encarando as duas com fúria)* Vocês que me tiram a voz. São vocês que me adoecem. Eu não posso mais viver refém dos remédios, nem do meu passado imaginário, muito menos refém dos

medos e demônios da mulher que já fui.

Quem Já Fui se aproxima da Mulher, que dá um passo atrás e faz um sinal de pare com as mãos.

A luz agora ilumina somente as duas. Um confronto de sobrevivência está prestes a acontecer.

A Mulher – Eu não me orgulho de ter chegado a você. Não me orgulho de ter me tornado tão distante de mim e ter deixado você me dizer o que fazer. Você é o fruto podre das más relações que tive. Você é a sombra do meu passado doente. Minha carne apodrecida. Eu não te ouço mais. Eu te expulso da minha vida. Todas as vezes que tento agir por mim, sua voz ecoa meu útero e me enche de dúvidas e inseguranças. Os medos que me rondam vêm de você. Eu te proíbo. *(diz com raiva)* Eu não acredito mais nas tuas ameaças. Se tiveres o poder de me parar, me pare agora. *(Bate no peito inflado)*

A Mulher abre os braços e espera pela reação de Quem Já Fui.

Quem Já Fui mantém seus olhos negros arregalados na Mulher.

A Mulher – *(grita forte e alto)* Saia da minha vida. *(Leva as mãos na cabeça)* Saia da minha cabeça. Eu não te ouço mais, você não quer minha docilidade, você quer a minha submissão. Eu não te dou. *(Grita mais alto)* Eu não te dou, nunca mais.

As Mulheres-Flores começam a balançar no Jardim das Dores, uma ventania muito forte, folhas caem pelo chão.

A Mulher dá um sopro forte no rosto de Quem Já Fui.

Quem Já Fui sai correndo do palco, como quem acaba de ser expulsa do Éden.

Mais pétalas pelo chão.

Escurecido.

CENA 07 – ENCONTRO FINAL – SUICÍDIO LÍRICO

A cena se passa no Jardim das Dores. Agora as Mulheres-Flores saem de suas roupas fantasiosas, fazem isso com muita lentidão e de forma expressiva e performática, dançando. Enquanto isso, A Mulher entra no jardim, sua expressão é de leveza, suas pétalas quase não são mais visíveis.

A Mulher entra no meio do jardim à procura de Minha Criança. Minha Criança surge saltitante.

Minha Criança – Que bom te ver tão melhor, vamos inventar histórias sobre o que hoje?

A Mulher – (*encara a menina*) Eu não vou mais inventar nada, me cansei disso.

As Mulheres-Flores seguem saindo, desabrochando, dançando, cantando nuas.

Mulheres-Flores – (*cantarolando*) Se eu roubei, se eu roubei teu coração, tu roubaste, tu roubaste o meu também. Se eu roubei, se eu roubei teu coração é porque, é porque te quero bem.

Minha Criança – (*fazendo voz infantil*) Você vai me abandonar agora?

A Mulher pega na mão da Minha Criança e a chama para sentar no chão do jardim, enquanto as Mulheres-Flores se despem, elas circulam ao redor das duas.

A Mulher – Agora, é o nosso acerto de contas. Quando eu emudeci, eu escrevi libertações, coloquei para fora o que me doía, você me

dói. *(Olha para a menina com carinho)* Dói-me saber que chegamos até aqui e ainda não nos separamos.

Minha Criança – *(choramingando)* Eu achei que fosse feliz com tudo que criamos.

A Mulher – Eu me cansei de imaginar, eu quero viver, de verdade, ser real e sair do lirismo. O motivo pela qual a minha voz se foi, é porque eu amadureci. Você tem o seu lugar na minha vida, mas precisa me deixar achar meu próprio caminho, minha própria inspiração poética.

A menina leva as mãos ao rosto, e chora baixo por algum tempo.

A Mulher – Eu quero ler para você, preciso que me escute, me entenda e me liberte.

Minha Criança – *(volta a encarar A Mulher)* Não sei se estou pronta

A Mulher – *(muito calma)* Eu estou! Essa história é sobre mim.

As Mulheres-Flores seguem circulando as duas e cantarolando baixinho.

A Mulher – *(olhando nos olhos da menina, tira do bolso uma carta e começa a declamar poeticamente)*

Hoje estava chovendo, agora o sol está nascendo.

Olha a natureza dizendo que nem todo dia nublado está salvo de um raio de sol.

Nem toda alma ferida está distante da cura.

Nem todo passado precisa morar no presente.

Eu não quero!

Quero poder tentar todos os dias. Sem parar.

Errando, caindo e me levantando, mas pra isso, eu preciso te libertar.

Deixar ir.

Esvaziar-me.

Os caminhos são outros.

Não guarde mais esses sentimentos, minha querida.

As pessoas que te feriram, elas também estavam e estão feridas.

Não se culpe mais pelo que passou.

Aprenda com isso.

Morra.

Eu vou seguir sozinha.

Você fica por aqui, não prossiga comigo.

Daqui a algum tempo, eu volto a lhe escrever, talvez não seja mais eu, mais uma outra que virá depois de mim.

Sem mágoas, sem ressentimentos e sem pétalas.

Vá em paz Minha Criança.

Se cure das invenções.

Eu vou realizá-las por nós.

Se ame menina, se cuide!

Eu te amo, eu te cuido!

Eu me amo, eu me cuido!

Minha Criança – *(voz embargada de tristeza)* Me diga para ir.

A Mulher – Vá criança, vá sem medo.

As duas se abraçam e choram juntas durante algum tempo, as luzes se apagam e, tanto as Mulheres-Flores como elas saem de cena.

Apagão.

A luz ilumina um grande aquário, dentro dele uma rosa vermelha, morta, afogada na água e muitas pétalas pelo chão.

CENA 08 – PALCO PARA SER MULHER

O palco é iluminado, nele, muitas mulheres, as mulheres que eram flores ocupam todo o lugar. Firmes e caladas, enfileiradas organizadamente elas encaram a plateia com expressão firme. Na frente delas está A Mulher, que floresceu e virou uma grande rosa neste jardim.

Jardineira Vó surge ao lado e olha com espanto, acaba de descobrir que seu jardim, tão bem cuidado, tomou vida e desabrochou suas dores em forma de luta e coragem. Ela olha orgulhosa para sua criação enquanto fala para o público.

Jardineira Vó – *(encara a plateia e agora diz com voz firme e expressão marcante)* Quando morre uma Mulher, muitas outras nascem. Quando uma Mulher conta a sua história, muitas outras se enxergam. Quando uma Mulher perde a sua voz, tem as que representam a sua fala. Porque a nudez de uma é o reflexo de todas.

As Mulheres-Flores, ainda de pé encarando a plateia, agora ocupam seu lugar de fala. Uma por uma vai finalizando a fala da outra.

Mulheres-Flores – *(voz exaltada de raiva)* Vocês dizem que ser mulher não dói, olhem para cada espinho que eu cuidei.

Mulheres-Flores – *(mostrando os braços cortados).* Vocês acham que não devo me orgulhar, olhem minhas cicatrizes.

Mulheres-Flores – *(voz exaltada de raiva)* Vocês acham que eu não tenho voz, é porque vocês não me deixam falar.

Mulheres-Flores – *(voz exaltada de raiva)* Vocês dizem que eu sou

ferida, pois me calo quando eu grito vocês ensurdecem.

Mulheres-Flores – *(voz exaltada de raiva)* Vocês acham que solidão é papo furado, assumam a mim e aos meus filhos.

Mulheres-Flores – *(voz exaltada de raiva)* Vocês acham que é só sair e resistir, dar conta sozinha é muito difícil.

Mulheres-Flores – *(voz exaltada de raiva)* Vocês acham que sabem muito. *(Toca o peito)* Vocês não fazem ideia do que se passa aqui dentro.

A Mulher, que agora já é uma imensa flor, florescida, circula por entre as Mulheres-Flores dançando alguns passos enquanto segue o silêncio. A Mulher para em frente à plateia e diz:

A Mulher – *(pausadamente, melancólica)* Eu precisei do meu silêncio para descobrir que várias me habitam. Eu precisei do meu tempo de solidão para descobrir que minha poesia me salva. Eu precisei lidar com meus demônios para só então calar as minhas vozes interiores. Eu precisei emudecer para aprender a não ouvir as inseguranças do meu passado. Eu descobri que fui chamada de flor por quem me queria na redoma, como um lindo objeto a vegetar, alheia ao tempo. Se te chamarem de flor, cuidado, seu jardim deve somente por você ser regado e podado.

Meu jardim é meu, você só entra aqui *(apontando para o peito)* se por acaso for convidado.

A luz vai se apagando lentamente.

FIM

PARA RESISTIR

Pai



**santos
espírito**

filho

VIDE BULA. CONTÉM IRONIA.

PAI, FILHO, ESPÍRITO SANTO

Alana Tesch

APRESENTAÇÃO

Vide bula. Contém ironia. Esta dramaturgia é sobre a família tradicional brasileira. Devo escrever com letra maiúscula? Pai, mãe, filho e filha. Maria; sem regulamentação trabalhista, mulher negra, mulher forte e mais velha. Já foi muito guerreira nessa vida; e ainda é. O pai da família, José Carlos, é um homem de meia idade, renda estável e trabalho fixo, quer preservar os bons costumes, é um cidadão de bem. Fátima é uma jovem senhora, viciada em remédios, principalmente para dormir. As coisas acontecem, ela permanece. Victor, filho mais velho, acabou de sair da escola e não prestou atenção nas aulas de história. Aninha ainda é adolescente, em muitas coisas é sensata. É aquela menina que tem resposta pra muito, mas quando precisa dizer, não diz. Mas não diz por quê? Falar sobre as pessoas é muito difícil.

Cena 1 – AS PESSOAS NA SALA DE JANTAR

Ao centro do palco. Mesa, luzes acesas, jantar de família. Bem arrumados apesar de estarem em casa, comem como bonecos de fantoche. Fartura de comida na mesa. Televisões circulam a cena, fora do ar ou sintonizadas. As mulheres apesar de executarem movimentos de fantoches seguem delicadíssimas, inclusive Aninha, a adolescente da cena. Com o seu fone de ouvido, ela aproveita o lampejo de individualidade sabendo que esses momentos não duram muito.

A mãe, mantendo um sorriso sereno no rosto, sempre que pega algo na mesa insinua oferecer mais ao marido, em ato de boa serventia. Todos

atentos, cada um focado em uma televisão. Aninha, entre uma garfada e outra, responde mensagens e visualiza tudo o que pode no celular.

Fátima – Maria! Pode trazer a sobremesa, por favor?

Entra Maria das Graças, com seu jeitinho doce. Movimentos contidos, porém naturais. A única da cena a movimentar-se sem parecer uma boneca de fantoche. Ela recolhe algumas coisas da mesa e abre espaço para a sobremesa. Neste momento, a família se olha, mas não se vê. Aninha olha para cima, mas continua atenta ao celular... Estava demorando, mas:

José Carlos – Ana Clara, pelo amor de Deus minha filha, sai desse celular!

Vitinho, o irmão mais velho, esparramado na cadeira com o braço pendurado e “embonecado”, encara Aninha, de modo a reforçar o olhar do pai. José Carlos olha de canto de olho para Aninha como quem vigia ela bloquear a tela, em seguida volta seus olhos para a televisão.

Maria – Óia, Dona Fátima, a senhora me desculpe, mas essa calda desse pudim não ficou das melhores não, viu? Mas vê se ocês aprova; qualquer coisa eu já me apresso pra fazer alguma outra coisa.

Fátima (*fala gesticulando com seus braços de boneca*) – Que isso, Maria, fique tranquila. E esteja atenta da próxima vez. Mas tenho certeza que se você não tivesse falado nem iríamos perceber. (*Reforça o “sorriso Coca-Cola” no fim da frase.*)

Aninha (*coloca a mão no rosto*) – Ai, meu Deus, pudim de novo...

Vitinho revira os olhos. Maria e Fátima servem a família. Fátima

sempre sorrindo, uma mulher que já nem força graciosidade. Afinal, que forçado ali não seria tão natural? A família volta a comer, ainda atenta à televisão. Às vezes, alguém solta uma risada, um “nossa...”, “olha lá!”, expressões típicas de família assistindo televisão em conjunto. Várias televisões simultaneamente. Barulho em todas elas.

Blecaute. Barulhos de vasilhas se mexendo, a refeição continua no escuro. Recolhem-se os pratos, os talheres. No escuro. Silêncio. Escuro. Silêncio.

No escuro silêncio vazio, uma luz se abre. Uma luz?

Aninha, deitada no chão, como quem se esconde de alguma coisa. Ela segura um celular em suas mãos, com brilho no máximo. Aninha, o brilho, o silêncio, escuro, vazio escuro. Não ainda tão escuro.

Aninha (*sussurrando enquanto digita*) – Júlia? Júliaaaa, tá aí? Ô meu Deus do céu...

Barulho de vasilha quebrando. Barulho de coisas caindo.

Aninha – Eita... (*Volta ao celular, manda áudio falando baixinho*) Ei, Júlia, espero que chegue até aí. Eu não sei se foi só na minha casa ou na sua também, sobre isso não “tô” entendendo. Mas enfim. Queria falar com você nesse áudio IMENSO sobre o que aconteceu hoje. Por favor, não liga não, viu? Meu pai é meio esquisito mesmo... Mas também, se não melhorar, a gente pode pegar aquele ônibus que vai pra Minas, da última vez nem me pediram documento não... a gente só vai, eu e você na estrada. Se você quiser a gente planeja. Já vi *kitnet* baratinha anunciada, talvez dá pra trabalhar de garçõete. Ou então eu faço igual o Victor: coloco meu nome pra uma faculdade bem longe daqui e a gente vai. Só não sei se aguento esperar mais dois anos nesse inferno. Ai meu

Deus... Tá grande demais esse áudio, me desculpa! Mas é isso.

Aninha espera o áudio encaminhar. Mas não vai... ou vai? A tela do celular apaga. Agora tão escuro. Silêncio.

Cena 2 – PACÍFICO BRASIL

Ainda no Blecaute, escuta-se uma vassoura varrendo louças quebradas. Luz baixa, Maria e Fátima recolhem coisas espalhadas, varrem o restante do palco. Aninha continua deitada olhando para o celular.

Maria – Ô Dona Fátima, ocê num precisa me ajudar não... Eu tô aqui pra isso mesmo.

Fátima esboça leve sorriso quebrando a expressão marcada e séria. Fátima entende Maria e às vezes até a considera como parte da família.

Fátima – Ah, mas aí só amanhã para terminar...

Vitinho e Zé Carlos entram em cena. Enquanto as mulheres varrem, sentam-se confortavelmente, se entreolham. Cada um pega seu tablet ou celular para manusear.

Fátima – Por falar nisso, Maria, aquela sua sobrinha, como é o nome dela mesmo?

Maria – A senhora deve estar falando da mais velha, a Keithylen, não é? Acho que é única que ocê conhece.

Fátima – Acredito que sim. Então, ela trabalha em casa assim também? Eu tava pensando em chamar mais alguém que você confiasse,

sabe, Maria? Às vezes você fica muito cansada e eu daqui a pouco já não posso mais ajudar.

Maria – Ih, Dona Fátima, essa geração de hoje é um troço de estudar pra ser alguém na vida... Keithyelen começou a faculdade, cê acredita? Graças a Deus.

Fátima – Nossa, Maria, que coisa maravilhosa! Mas vou continuar pensando. Sabe como é, dois filhos, a idade vai chegando e ainda tem muito pra resolver antes de aposentar.

Maria – Oxe, eu sei bem... Tô com dois lá em casa também. Um já foi embora, casou...

Fátima – Pois é, e agora aqui em casa Victor tá com tempo livre... Aí já viu!

Maria solta uma risada.

Vitinho – Mas, ô mãe, se tudo der certo, comigo você não precisa se preocupar. Semestre que vem tô indo pra Alegre, se Deus quiser!

Aninha levanta num súbito interrompendo a conversa de todos.

Aninha – Victor, a propósito que porra é essa que eu acabei de ver no Facebook?

José Carlos – Olha a boca, Ana Clara, isso são modos?

Fátima – Minha filha, o que é isso?

Aninha – Ah, gente, pelo amor de Deus! Vitinho tá querendo pagar pau pra fascista!

José Carlos – Ana Clara!

Vitinho – Ah, Aninha, dá um tempo. Você tá começando o Ensino Médio ainda, nem decidiu o curso, já tá parecendo aquele povo de humanas...

Aninha – Povo de sensatas! Pelo menos eu estudo história e sei que isso tudo que você fala é um absurdo!

Vitinho – “(...) Coisas que a natureza nos dá”

Aninha – Pelo menos eu respeito a natureza. Esses dias mesmo você tava aí defendendo Militar entrando em terra de indígena pra fazer merda...

José Carlos – Ah, Ana Clara! Se você continuar falando desse jeito vou te colocar de castigo lá no quarto, mas que coisa!

Vitinho (*falando com toda naturalidade do mundo*) – Ana, pra começar que índio nem é gente. Você acha que vai chegar na terra deles e eles vão estar lá te esperando com flores e penas? Índio já te espera armado naqueles arcos e flechas lá, não querem nem saber, vê um branco como eu e já quer atacar; vê branca como você e já quer forçar a barra – desculpa aí, pai, mãe, não vou entrar em detalhes porque sei que disso ela não entende ainda.

Fátima – Meu filho... Por favor, né?

Vitinho – Ah, mãe, tá na hora dessa menina acordar um pouco pra vida. Fica achando que o mundo é lindo, daqui a pouco tá virando comunista, se não já é! Acha que o trabalho dos militares é fácil, colocar todo mundo pianinho e fazer o desenvolvimento do Brasil acontecer.

Aninha – Por que você não vira policial então? Vai lá massacrar o povo! Parece ser divertido para você todo esse absurdo.

Vitinho – Eu acho isso horrível! Nosso povo nunca fez isso com o povo deles, por que eles já esperam todo mundo com posição de ataque? Parece um bando de animal, aquilo ali não é civilização!

Fátima coloca a mão no rosto, como quem preferia não ter escutado nada disso.

Aninha – Puta que pariu, Victor, você pulou a parte que a gente estuda história na escola?! Vai ser burro assim longe mesmo! Não sei se comemoro ou se choro porque você vai para o meio de um monte de repúblicas de caras idiotas na faculdade! Mas que merda!

José Carlos (*interrompendo*) – Ana Clara! Já chega, pelo amor de Deus! Vai pro seu quarto agora! E me dá esse celular! (*Ele guia a menina para fora de cena*).

Cena 3 – REFÚGIO

Aninha está em sua cama, dois livros ao lado, chateada. Alguém bate na porta.

Aninha – Pode entrar...

Júlia tenta entrar, mas a bagunça no quarto é tanta que as roupas espalhadas atrapalham a porta abrir.

Júlia – Meu Deus do céu, que quarto bagunçado, miga! (*Ela sorri para Aninha, que continua chateada*).

Júlia entra pegando as roupas do chão e tentando colocar no cesto, ou pelo menos tirá-las da passagem.

Aninha – É você? Desculpa... Eu não estou tendo tempo. Quanto mais disposição! Como meu pai deixou você entrar?!

Júlia – Ué! Três horas sem entrar no celular, quase quatro, e nada de notícia, vim ver se a senhorita estava morta!

Aninha (*rindo*) – Ufa, pelo menos isso é sinal de que não estão fuçando meu celular!

Júlia – Talvez não saibam a senha... Mas e aí, o que houve? Por que você tá aqui?

Aninha – Meu irmão é um babaca...

Júlia – Ok. Isso não é novidade.

Júlia pega os livros que estão em cima da cama e coloca na estante. Enquanto elas conversam, ela vai ajeitando o quarto de Aninha suavemente. Júlia não é da família, mas é como se fosse uma segunda mãe ou uma irmã mais velha para Ana Clara – ainda que elas tenham a mesma idade.

Aninha – Ele falou muita merda do povo indígena, você acredita? Disse que “não são gente”! Ai, Júlia, meu estômago embrulha só de pensar nele falando...

Júlia – Nossa, que horror...

Aninha – Ainda disse que nosso povo nunca fez nada com eles... Ah...

Júlia – Aha! História nota 10. Victor esqueceu que também descende de português? Mas ai, amiga, infelizmente é isso. Totalmente sem noção, zero consciência do espaço que toma no mundo. Mas vamos, sei lá, sair um pouco. Agora você já deve poder. Deixa seu celular aí com seu pai e vamos dar uma voltinha...

Aninha – Uai, mas você quem vai ter que pedir.

Júlia – Larga de ser sem disposição! Pra chamar irmão pra briga tem atitude, pra pedir desculpa pro pai?

Aninha – Mas você sabe que eles estão errados... Meu pai me colocou aqui porque eu tava falando palavrão, mas o bonitinho que falou um monte de asneira tá lá fora mexendo no celular, fazendo coisas no computador, enfim.

Júlia – Homens... Ai. Então vai lá na sua mãe, pede desculpa e a gente vai...

Aninha – Tá bom, vai...

Elas saem de cena.

Cena 4 – CAFÉ COLONIAL

Esta cena, a princípio, tem o intuito de entediar. Ilumina-se o palco. José está sentado numa cadeira de luxo vestindo uma roupa típica de burgueses e barões do café do século XIX. Ao lado, mesa de madeira, charuto cu-ba-no, garrafa de whisky com copo do lado, castanhas e chocolates. Fátima está na outra cadeira, ao lado. Postura, delicadeza e seriedade. Ela está de vestido longo, pomposo e

bem costurado. Sem decotes. É entediante. Bastante. Nesta cena, Fátima fica sentada o tempo inteiro olhando na mesma direção. Às vezes olha para o marido e assente com a cabeça. Concorda absolutamente. Tudo isto é muito óbvio, já estou entediada só de escrever.

José Carlos (*mantendo a seriedade, fala com vigor, como se conversasse com outro homem*) – Entenda, devemos amar nosso país. Isso que estão fazendo por aqui é um absurdo! Defendem vagabundos com Direitos Humanos. Direitos Humanos? Pra quem? Minha filha e minha mulher não podem andar sozinhas na rua, para elas não tem direito. Eu sou a favor dos direitos humanos para homens direitos! Ora. E aí vem esse monte de professor marxista, comunista, demonista, esquerdista, macumbista, gayzista ensinar pra minha filha e meu filho na escola que tá tudo bem. Tá tudo bem! Tá tudo bem você ser viado, tá tudo bem em Cuba, tá tudo bem ter um ban-di-do como presidente! Tá tudo bem no SUS... Eu é que não uso SUS, tá maluco, sei nem como é dentro daquilo ali, só vejo por foto, no jornal, as notícias. Tá tudo bem?

Entra Maria com vestido simples, xícaras e a garrafa de café na bandeja. Serve o café, depois retorna com a bandeja vazia.

José Carlos – Victor mesmo quase não passou na faculdade. Sabe por quê? Tá tudo bem ter cotas! Tá tudo bem você pagar caro pro seu filho estudar e depois vir um que não estudou nada na escola direito e só porque tem a cor mais escura tomar a vaga. Eu hein. Esse povo tá surtado mesmo. Vou te falar, viu?

Entra Aninha na cena. Maria ao lado segura uma bandeja cheia de livros. Aninha está vestida com roupas despojadas short jeans rasgado, tênis e camiseta.

José Carlos – E na escola tá só a tristeza. Porque agora não tem mais

jeito. É como eu tava falando, os professores tão malucos nas ideias e aí aproveitam aquelas matérias lá... Filosofia e Sociologia! Ah! Meu Deus... Tiraram Moral e Cívica pra colocar Filosofia e Sociologia? Pra aprender o quê? Teoria Marxista né?

Aninha – Jean Jacques Rousseau. *(Joga um livro no chão)*

José Carlos – Ou Sociologia pra aprender a sociedade... Sociedade de quem? Da União Soviética?

Aninha – Aristóteles? *(Joga outro livro no chão)*

José Carlos – Ou será de Cuba? Por que esse povo não vai pra Cuba ensinar filosofia?

Aninha – Emile Durkheim. *(Joga livro no chão)*.

José Carlos – Isso é tudo desculpinha pra ensinar a estatização! *(Livro)* Doutrina comunista! *(Livro)* Ninguém ama a pátria! *(Livro)* Ninguém respeita! *(Livro)* Não querem que meu filho goste de mulher! *(Livro)* Não querem que minha filha aprenda a se dar o respeito! *(Livro)* Querem unir a América Latina e transformar num puteiro! *(Livro)* Querem que as mulheres matem suas crianças! *(Livro)* Aborto!!! *(Livro)* Pela família, *(livro)* por nossa liberdade, *(livro)* por DEUS!!! *(O último Livro)*

Aninha *(enquanto José fala)* – Michael Foucault. Maquiavel. Santo Agostinho. Platão. Hannah Arendt. Weber. Adam Smith. Kant. Schopenhauer. Simone de Beauvoir. Nietzsche. Constituição brasileira! *(Aninha arranca uma página, faz uma bola, coloca na bandeja, pega a bandeja, leva para o pai comer).*

Blecaute.

Cena 5 – MULHER MÃE

Certas coisas se repetem. Aninha está deitada na cama, no celular. Fátima entra como um furacão no quarto. Rosto vermelho, expressão de raiva e tristeza contida. Segura o choro. Começa a arrumar todas as coisas de Ana, novamente bagunçadas.

Aninha – Mãe?

Silêncio.

Aninha – Mãe, o que houve? Foi meu pai? Victor ligou? Aconteceu alguma coisa?

Silêncio. O choro de Fátima é quase incontrolável e sai, devagar, em disfarce na bagunça.

Aninha – Mãe!

Fátima – Seu pai, Ana, seu pai!

Aninha – O que aconteceu? Fala! Tá vendo, é isso que eu falo, nós mulheres não podemos nos permitir! Estamos vivendo opressão dentro de casa, mãe! Isso é um absurdo! Que ódio! Ah! O que eu faço?

Fátima – Ou não faz nada ou começa a arrumar esse quarto!

Aninha – Desculpa. Mãe... o que isso tem a ver? Eu quero saber o que meu pai fez! Eu vou lá falar com ele!

Fátima – Não!

Aninha – Eu vou lá falar com ele!

Fátima – Ana Clara, sossega!

Aninha – Eu não tenho medo de macho, vou lá falar com ele sim!

Aninha sai num súbito. Fátima segue arrumando o quarto, lentamente, mastigando sua própria dor enquanto recolhe todos os objetos. Lentamente...

Cena 6 – CURA?

Consultório médico. Branco. Mesa. Cruz vermelha.

A moça usa escapulário no pescoço. Elegância e delicadeza – a princípio. Aos seus pés, próximos de uma lixeira, caixas de remédio no chão.

Ela – Você toma algum medicamento?

Fátima – Sim, para pressão alta.

Ela anota.

Ela – Bebe?

Fátima – Raramente, um copo ou outro.

Ela – Fuma?

Fátima – Parei de fumar há uns...

Ela (*interrompe*) – Faz uso de algum tipo de droga?

Fátima (*continua*) – Acho que já tem uns cinco ou seis anos, né?
(*Olha pra Aninha*)

Ela (*insiste interrompendo, incisiva*) – Faz uso de algum tipo de droga?

Fátima – Eu continuo tomando café... Com açúcar.

A moça faz anotações. Quanto antes terminar a consulta, antes termina todas, antes termina o dia.

Aninha – Café com açúcar, mãe?

Fátima – É, minha filha, ela tá me perguntando que droga eu uso, vou falar o quê?

Aninha – Ué... Então pode anotar aí! Chocolate, aqueles soros de limpar o nariz, Rivotril, Ritalina, anticoncepcional, sal, Paracetamol, Jornal Nacional, Coca-Cola, Nutela, Leite Ninho, Bicabornato de Sódio.

A moça finalmente repara Fátima. Suas feições.

Ela – A senhora é casada?!

Fátima – É... (*Suspira*)

Aninha – Moram juntos, mas não se veem.

Fátima (*continua*) – Sim.

Aninha – Não se encontram.

Fátima (*continua*) – Eu sou casada sim.

Aninha – Não se sentem.

Fátima – A gente mora junto, estamos juntos há 23 anos.

A moça olha para a ficha... Analisa. Observa. Tenta conter, mas transparece lá no fundo uma expressão de desconforto. Num súbito, toda a frieza médica se esvai.

Ela (*de forma simpática e atenciosa*) – Você é esposa do Zé Carlos?

Fátima – Sou sim! Você conhece? (*Sorri*)

Ela – (*assente com a cabeça*)

Fátima – É... Vocês são quase da mesma área né!?

Ela – É... Sim. (*Como quem desconversa, diz*) E aí, sua filha vai fazer medicina mesmo?

Aninha, em expressão furiosa, olha para a mãe. A moça volta a remexer os papéis, olha fixamente para a ficha de Fátima.

Ela – Vou passar uns exames de rotina, hemograma, anti-HIV e VDRL. Lembre-se de emagrecer um pouco, você ainda parece saudável, mas está acima do peso.

Blecaute.

CENA 7 – POEIRA LEVE

Quarto. Bagunçado. Pouca luz. Roupas espalhadas, objetos fora do lugar. Que lugar?

Ana está ali. Sentada, deitada, inquieta e ao mesmo tempo inerte. Reflexões de sentido aguçado.

Aninha *(falando para si mesma, de olhos fechados)* – O silêncio às vezes é escuro, é vazio. Às vezes não é nada. O silêncio não te acompanha nos teus pensamentos inquietos... Mas é aquele que leva sua mente, viaja e transporta de lugar.

Aninha *(pega o celular)* – Júlia?

Silêncio.

Ela permanece inerte. E inquieta.

Maria entra no quarto. Reúne as roupas no cesto. Pega as canetas, deixa em seu lugar na mesa. Fecha o livro com o marca-página e guarda no canto. Sai de cena e leva o cesto.

Ana ainda está lá, emergida em seu vazio.

Maria volta com a vassoura, varre calmamente o palco. Guarda a vassoura.

Ninguém nada diz.

Maria volta segurando os livros atirados no chão. Guarda um a um, calmamente, enquanto a luz se apaga, respira, calmamente.

CENA FINAL – O NOSSO LUGAR

Entra Victor marchando com roupas de soldado, seguido do pai. Victor tem uma arma na mão, o pai sem armas, com roupa de mais autoridade e muitas medalhas.

Pai – Atenção soldado: sentido!

O filho concretiza seu corpo como uma estátua.

Pai – Soldado combatente, o senhor está ciente que recebe ordens?

Filho – Sim, senhor!

Pai – Soldado, portanto, sabe que é como uma brincadeira de “rei mandou”, soldado? Receba as ordens! Se lhe for ordenado matar, o senhor mata, soldado?

Filho – Sim, senhor!

Pai – Se lhe for ordenado arrancar as unhas, o senhor arranca, soldado?

Filho – Sim, senhor!

Pai – Se ela estiver grávida, o senhor cumpre as ordens, soldado?

Filho – Sim, senhor!

Pai – Caso for ordenado levar a cavalaria e conter o movimento como for preciso, o senhor contém, soldado?

Filho – Sim, senhor!

Pai – E como você contém a manifestação, soldado?

Filho – Com o que for necessário, senhor!

Pai – Bala de borracha, soldado?

Filho – O que for necessário, senhor!

Pai – Bomba de lacrimogênio, bomba moral, arma em posição, arma ou não arma?

Filho – O que for necessário, senhor!

O comandante desconstrói a postura rígida e diz:

Pai – Minha manifestação, meu direito de expor opinião! Não vou me calar, sou um Iluminado de Deus!

O soldado aponta a arma em direção ao senhor. A cena congela.

A mãe entra vestindo uma burca, com uma espécie de bastão na mão. Ajoelha-se próxima ao senhor pai, estende os braços olhando para baixo, como quem lhe oferece o bastão.

Silêncio.

Maria entra com roupas esfarrapadas, as mãos amarradas por uma corda, a boca coberta, remetendo à tortura e tormento da escravidão no Brasil. Carrega uma corrente nas mãos, estende o braço ao senhor.

A filha entra, com roupas de boneca, Lolita, vestimenta que remete aos abusos sexuais. Ela segura uma faixa vermelha com o símbolo da suástica, coloca a faixa contornando o braço do irmão e filho que segura a arma. Pausa.

A filha é Aninha. Ela olha pras suas próprias roupas, acha estranhas, fica assustada e tenta tirar. Rapidamente vai até Maria e tira as amarras que prendem sua boca. Maria joga as correntes no chão.

Maria (*distanciada*) – As coisas acontecem, vêm e vão... Como o mar que nos rola sob suas ondas. Quando alcançamos a superfície, sua espuma nos braveja contusões de sentimentos e ideias. Ficamos sem ar...

Todos em cena suspiram como quem não consegue respirar. Aninha segura o rosto de sua mãe, fazendo com que olhe para si. Retira o bastão de suas mãos e atira bem longe. Ajuda a mãe a se levantar. Enxuga as lágrimas.

Maria (*distanciada*) – O tempo passa, às vezes parece que o tempo volta e a gente nem vê. Como ousas vestir blusa verde e amarela se estou vestida assim? Vestida de sangue. A dor vem, paixão se esvai, soldado pensa que é forte mas... é só um sujeito armado. Mais um. Mais quantos serão necessários?

Fátima, a mãe (*distanciada*) – Enxerga o teu lugar. Não te exclames muito se ainda não consegue enxergar.

Maria (*distanciada*) – Será que as pessoas não percebem o lugar que estão? Ou será que percebem e realmente saboreiam tudo isso? O gosto é vermelho, de ferrugem. Não é doce não.

Aninha (*distanciada*) – O simples esforço de se expressar já vale al-

guma coisa, mas se for possível, antes de tudo: toma o teu lugar.

Fátima (*de olhos fechados*) – “Bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto de vosso ventre...”.

Aninha – Que ventre, Jesus?

Breve pausa.

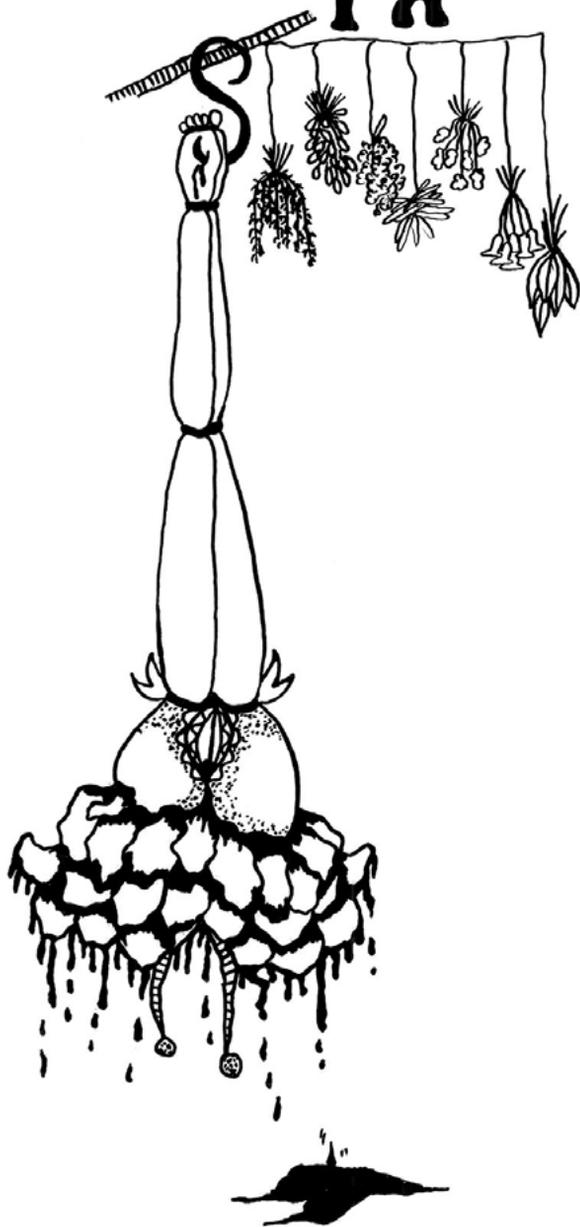
Maria – Pai nosso... Está no céu?

Fátima – “De onde virá para julgar os vivos e os mortos.”

Aninha – Julgar?

Elas olham para os homens em cena. A ação do pai e do filho segue congelada ao fundo. A luz se esvai, devagar. Blecaute.

temos carne de rã



SOU FORMADA POR UM AMONTOADO DE ESPAÇOS

VAZIOS

TEMOS CARNE DE RÃ

Maria Aidê Malanquini

APRESENTAÇÃO

Essa dramaturgia fala sobre aborto, abandono paterno e tudo mais que foi possível sentir a partir disso. Um texto para que cada um se coloque no espaço que lhe cabe dentro desse debate.

O espaço cênico deve ser um quadrado com cadeiras dispostas para o público em duas de suas laterais, de modo a formarem um vértice. Os homens devem ser acomodados em uma dessas laterais e as mulheres em outra. Haverá cenas direcionadas especificamente ao público feminino, ao público masculino e outras a ambos os públicos. Nas cenas direcionadas às mulheres, a personagem será nomeada como “Mulher”. Já nas cenas voltadas para o público masculino a mesma personagem passa a ser chamada de “Menina”, substantivo que representa o estado de fragilidade com o qual ela se enxerga quando trata de questões relacionadas ao abandono paterno ao qual foi submetida. As cenas apresentadas para os dois grupos terão a personagem denominada pelo duplo “Mulher e Menina”.

Nas duas laterais restantes do espaço cênico, deve haver vitrines de açougue preenchidas por uma grande quantidade de arruda, canela, salsa, gengibre, mamona, angélica, raiz de algodão, tujona, noz moscada, açafraão, artemisa e todas as demais plantas consideradas abortivas, registradas pela sabedoria popular ancestral. Misturados entre as ervas, elementos cênicos que serão utilizados no decorrer da peça.

CENA 1 – DESENGASGO

Enquanto o público entra, a atriz já se encontra em cena. No centro do palco, um gancho de açougue através do qual a atriz encontra-se pendurada pelos pés. Luz a pino, somente nessa parte do espaço cênico. Ela veste apenas uma saia comprida de modo que, por estar de cabeça para baixo, seus membros inferiores ficam expostos enquanto os membros superiores, inclusive o rosto, estão tampados pela saia. Um ruído contínuo preenche o espaço durante todo tempo de entrada do público. É o “som do silêncio”, que cessa quando todo público estiver acomodado. Surge uma narração em off da leitura de uma carta, cujo destinatário é o genitor da personagem. Junto a esse áudio a atriz, até então imóvel, passa a realizar um crescente movimento na tentativa de se libertar do gancho. Ao se soltar, ela caminha em direção ao público masculino, passando a repetir trechos da carta enquanto olha diretamente para alguns homens da plateia, compondo assim uma atmosfera sonora de polifonia com sua própria voz em off.

Mulher e Menina – Pai, é estranho começar essa carta assim, me referindo a você como pai. Não me lembro de ter te chamado dessa forma alguma outra vez na vida, já que até quando falo de você para terceiros minha boca parece incapaz de dizer “meu pai”. Hoje te escrevo essa carta e me lembro que foi exatamente uma carta que te trouxe a mim. Você já sabia da minha existência há bons anos, ligava às vezes, mandou meia dúzia de presentes e em um aniversário até me enviou um telegrama. De onde mesmo você tirou a ideia de que uma criança gostaria de receber um telegrama de aniversário? Passou longe de ser o presente dos sonhos. Tudo na minha vida em relação à figura paterna passou longe do que sonhei. Passou longe de todos os modelos paternos idealizados que foram e são esfregados na minha cara até hoje. Lembro que quando escrevi aquela carta

eu já era grandinha, mas ainda não adolescente. Sabe aquele ponto exato dos anos onde a gente pode transitar entre a infância e a adolescência como melhor nos convir?

Tinha um concurso de redação na escola. Uma vez por semana o colégio inteiro formava filas para cantar o hino nacional antes do começo das aulas. Não podia rir nem fazer barulho, e tinha que chegar na hora certa para não levar ocorrência. A maioria odiava. Outros achavam uma oportunidade para ter menos tempo de aula. Eu nem lembro o que pensava sobre isso. Mas de uma coisa eu nunca esqueci: dos alunos importantes lá na frente hasteando as bandeiras durante o hino. Eram atletas exibindo suas medalhas, artistas, algum aluno pequeno e o mais importante: o autor da melhor redação da semana. O dono da escola anunciava e lia o melhor texto na frente de todos. Naquela época eu achava que escrevia bem mas sempre ficava em segundo lugar, atrás da minha melhor amiga que vencida praticamente todas. Passei lá toda minha vida escolar e nunca consegui ser importante o suficiente para hastear a bandeira. Nem pela redação. Nem pela natação. E nem quando era menorzinha e tinha a chance de ser pega à revelia pelas professoras da educação infantil. Talvez houvesse uma espécie de cota de fofura que determinava qual pequeno seria escolhido. Como eu sempre fui grandalhona, não tinha aparência de criança fofa e por isso era preterida em relação aos colegas.

Uma vez achei que poderia vencer contando minha própria história. Talvez no fundo eu quisesse pedir socorro, como quem diz: venha logo enquanto ainda existe uma criança em mim. Já minha outra metade talvez fosse a pré-adolescente vaidosa querendo vencer de qualquer forma, mesmo que às custas dos próprios dramas pessoais. Lembro-me de ter ilustrado o texto com figuras que colori com o mesmo cuidado com o qual escolhi cada palavra posta naquele papel. Nunca soube desenhar, mas coloria com muito capricho. Capricho que faltava em minha caligrafia, que com esforço tornava-se ao menos legível. Inclusive espero que você entenda essa carta, mesmo sabendo que isso de-

pende mais de você do que da minha letra. Na ocasião, esperava que aquela fosse a última carta que eu precisaria te escrever. Agora estou aqui, adulta, expressando novamente o mesmo que aquela garotinha um dia tentou te dizer. “Eu sou feliz sem pai, mas deve ser legal ter um”, dizia a carta. A menina que fui falava sobre minha família, cuja composição não era considerada convencional devido à sua ausência e à ausência de minha mãe. Se hoje os múltiplos modelos familiares ainda são alvo de preconceito, há quase 20 anos tudo era ainda pior. “Como não tem pai? Todo mundo tem um pai! Sim, eu tenho um, só que eu não o conheço”. Sua ausência me envergonhava, mas hoje sei que é você quem deveria se envergonhar por ela.

Eu acho que quase todo pai deve fazer tudo errado nos primeiros meses de vida do filho. A paternidade não me parece ofício em que se acerta de primeira. Só que os filhos quase sempre são bebês e não lembram dos erros cometidos pelos pais durante esse aprendizado. Você chegou tarde para mim, de modo que me lembro de cada um dos seus erros. Você parece ter chegado só para errar, dar as costas e ir embora. Resiliente, a garotinha que fui ainda habita a mulher que sou e no fundo, ela talvez ainda espere por você. Ela talvez espere pelo dia em que magicamente todos os erros sejam reparados.

CENA 2 – QUE CORPO É ESSE QUE HABITO HOJE?

Memória da época de escola da personagem. Sétima série, aula de filosofia. Trabalho sobre aborto.

Mulher – Eu contra. Minha amiga a favor. Eu tão jovem e já caçando as bruxas que eu talvez gostaria de ter sido. A gente aprende desde cedo que é preciso exterminar aquilo que por algum motivo não podemos ou não temos coragem de nos tornar. Eu sentia era raiva da liberdade dela. Da forma descomplicada e saudável como ela descobria o

próprio corpo. Sem tabus. Sem medos. Sem traumas. Como pode uma pirralha dessas já ser tão dona de si? Por que eu seguia cheia de crises e ela estava sempre tão plena? O que me incomodava não era sua opinião sobre aborto e sim a forma como ela se sentia livre. Liberdade que desde cedo fui ensinada a contraditoriamente condenar e invejar.

Retomada para o tempo presente.

Mulher (*deitada dentro da vitrine de ervas*) – Eu fui loba. Eu quis rasgar as minhas tripas. Eu precisei ver, tocar e cheirar para ter a certeza de que aquilo havia saído mesmo de dentro de mim. O que faz uma mulher querer se certificar repetidas vezes de algo que já está feito? Eu precisava ver. Eu precisava ter certeza. Eu precisava acreditar que aquela ali era eu. Por mais que eu negasse, tudo aquilo me pertencia. E quanto mais eu via, mais certeza eu tinha do não querer. Não deveria existir espaço para essa sensação de perda, afinal, como se perde o que já nunca se quis? Pela primeira vez me foi dada a chance de ter algo por toda a vida e por muito tempo acreditei que chances assim não deveriam ser descartadas. Pela primeira vez estive alegre e triste. Exatamente ali, habitando entre o sonho e a realidade, retornei para um lugar distante na história, porém ainda vivo através de minhas marcas.

CENA 3 – PRIMEIRO ENCONTRO

Menina (*enquanto diz esse texto, a própria atriz deve interpretar um apresentador de programa de TV sensacionalista*) – No programa de hoje vamos contar a história de uma linda garotinha esperta e alegre como deve ser toda garotinha de sua idade. Ela vive com a avó no interior, onde brinca, estuda e ajuda nas tarefas domésticas. Sua mãe a teve quando foi para cidade grande em busca de trabalho, mas acabou caindo na farra e o resultado você já sabe! O sonho dessa doce menina,

que já tem 12 anos, é conhecer o pai. Ela tem guardadas em uma caixinha de sapatos todas as cartinhas de dia dos pais que fez na escola e que nunca teve para quem entregar. O drama de Marina é o mesmo de muitas outras crianças, vítimas de mães irresponsáveis e egoístas que privam seus filhos da convivência com os pais. Por isso lançamos a meses uma campanha para que todos os homens que já haviam tido algum contato com a ilustríssima mãe em questão procurassem o programa para fazer exames de DNA. Somente dois honrados homens compareceram, e hoje todo Brasil saberá ao vivo quem é o pai da doce Marina. Será o cabra número um? Será o candidato número dois? Ou será nenhum deles? Quem acha que é o número um faz barulho! E a torcida do número dois, cadê? Se a mãe de Marina não tivesse perdido a conta de quantos namorados teve nada disso estaria acontecendo, mas estamos todos orando para que essa garotinha tenha hoje um final feliz e a dignidade que merece. Depois dos comerciais vamos desvendar esse mistério, lembrando que o pai “vencedor” do DNA vai levar um carrão zero km para ir visitar sua nova filhota sempre que quiser.

O programa retorna dos comerciais.

Estamos aqui com Marina, essa gracinha de criança, toda vestida com roupinhas dos nossos parceiros da Trapo Kids. Filma aqui a Marina, gente. Marina, você está feliz? *(A atriz assume um semblante de criança séria e assustada, balançando timidamente a cabeça em sinal positivo)* Olha que gracinha gente, ela tá emocionada! Estamos também com a vizinha de Marina e com sua mamãe, que veio só para arrumar o cabelo, um oferecimento da Bagaço Hair. O quê? O que foi diretor? Já encerrar? Sério? O programa de hoje infelizmente está chegando ao fim, nós vamos ficar agora com as mensagens de nossos patrocinadores, mas semana que vem voltamos com uma grande surpresa para nossa querida Marina. Tchau, pessoal! Até semana que vem! Fiquem com Deus e um final de semana abençoado a todos! Dá tchau, Marina!

O programa é retomado na semana seguinte.

Boa noite, meus amigos telespectadores! Boa noite minha amiga dona de casa! Na semana passada contamos a história da Marina, uma garotinha que sonha em conhecer o pai. A Marina já está pronta? Pode mandar ela entrar! Olha só que princesinha linda vestindo Trapo Kids! Uma salva de palmas pra Marina, gente! Hoje, ao vivo, vamos abrir os exames de DNA e descobrir quem é o pai da Marina. É verdade que você trouxe as cartinhas de dia dos pais para entregar ao seu papai? *(A atriz novamente reproduz um semblante constrangido e responde balançando a cabeça positivamente)* Como não amar uma criança fofa dessas, Brasil? Pode entrar a mãe, porque hoje eu quero abrir logo esse exame! Está preparada, Marina? O quê? Como assim a mãe não veio? Justo hoje que eu ia perguntar qual dos dois candidatos é melhor de cama! Então chega de mistério! Tá vendo minha princesa aquelas duas cortinas? Ali atrás estão os dois homens que podem ser o seu pai. Quando o tio falar o número da cortina do seu pai verdadeiro, você vai lá correndo conhecer ele combinado? Alguém traz aqui a caixa com as cartinhas da Marina, por favor. Preparada, Marina? Então, de acordo com o exame de DNA que tem 99,9% de chance de acerto, o verdadeiro pai biológico da Marina é o candidato númerooooooooo dois! Vai lá abraçar seu pai, Marina. *(De costas, a atriz representa um abraço frouxo em si mesma)* Como vocês podem ver, Brasil, Marina saiu queimadinha demais em relação ao pai, mas como o que importa é o amor vamos entregar agora a esse pai maravilhoso as chaves do carro para que ele possa visitar sempre que puder sua garotinha, e recuperar todo tempo perdido que não teve com ela. E aí, cara, muita emoção? Para onde vai ser o primeiro passeio com o possante e a filha nova? *(Pausa)* Pessoal, tivemos problemas com o microfone do nosso herói, mas ele disse que está muito emocionado com essa filha que foi um presente de Deus, *(diz isso enquanto*

balança as chaves do carro) e que no próximo final de semana já vai visitar a casa da avó de Marina. Ele pretende passar o fim de semana na praia e só não vai levar Marina porque a lotação do carro estará completa com sua esposa e seus três outros filhos, que ele não pode abandonar de forma alguma. Tá vendo pessoal, que pai mais família Marina foi arranjar! Ele promete voltar mais cedo da praia para ter um almoço em família com a nova filha. Isso que é pai, Brasil! Esse homem vai abrir mão de um domingo de sol para compensar todo amor que foi impedido de dar à sua filha durante esses anos.

Menina – Ausência agora tem rosto, família, endereço, nome, sobrenome e profissão.

CENA 4 – QUEM SOU EU E O QUE EU FAÇO COM ISSO?

Mulher – Nunca fui uma mulher de muitas convicções. A incerteza me persegue desde quando eu ainda era uma garotinha. Não sabia escolher o sabor do picolé, a cor do lápis, a merenda do recreio, o menino de quem eu gostava, o presente de Natal. Cresci sem saber qual curso fazer na faculdade, sem saber se queria estar solteira ou namorando, ou até se eu queria descanso ou festa no fim de semana. Para mim, fazer uma escolha significa abrir mão de algo e mulheres como eu, que nunca tiveram muito, não podem se dar ao luxo de abrir mão de nada. A gente se apega ao que tem com toda força do mundo, que é pra ver se assim balançamos menos nesse vai e vem da vida na qual fomos jogadas. Então eu passei minha vida assim: evitando escolhas ou fazendo com que escolhessem por mim.

Mas às vezes a vida cobra da gente decisões que somente nós podemos tomar. Ou talvez a vida nos coloque em algumas situações apenas para que a gente aprenda a decidir por nós mesmas. Para que a gente se dê conta de quem está no controle ou deveria estar. Quando desco-

bri que batia outro coração em mim foi um susto, mas ao mesmo tempo eu nunca havia me sentido antes tão convicta das minhas escolhas. Sem pensar duas vezes, decidi: agora não. Agora eu não posso. Era tão óbvia essa escolha diante de tudo que eu ainda tinha para construir, diante dos meus planos. Às vezes penso que tudo aconteceu para que eu assumisse de vez o mapa da minha própria vida. Estava tudo certo como nunca estive antes. Eu faria aquele aborto e lutaria para me tornar a mulher que nunca me permiti ser. Estava tudo certo até que me lançaram a pergunta: você tem certeza?

Quem de nós teria certeza sobre algo que nos marca para sempre como uma clandestina? (*Direciona as perguntas para as mulheres do público*) Você teria certeza em relação a algo que pode te levar presa? Tem certeza se quer ingerir medicamentos de procedência desconhecida? Tem certeza se quer realizar um procedimento sem a garantia de amparo médico em caso de complicações? Tem certeza que quer se manter em silêncio para sempre? Tem certeza de que quer correr o risco de nunca mais poder ter filhos? Tem certeza de que quer se submeter a procedimentos realizados em ambientes insalubres e com instrumentos inadequados? Tem certeza de que vai colocar sua vida nas mãos de um profissional pouco confiável? Tem certeza de que quer sangrar até morrer? Eu achava que tinha, obviamente. Ou eu tinha até aquele momento. Eu tinha certeza do que gostaria de fazer com meu próprio corpo, mas não tinha certeza se estava disposta a assumir as consequências disso. E alguém estaria? (*Direciona-se para alguma mulher*) Você estaria? Foi quando percebi que as inseguranças de uma vida inteira não se encontram em mim ou em uma possível covardia de minha parte, e sim nas consequências, que na maioria das vezes sempre tão negativas e às quais estamos sujeitas sempre que assumimos o controle de nossas vidas. Ao contrário do que me fizeram acreditar, quem eu sou não está totalmente em minhas mãos. Ao contrário do que pensamos, nós não estaremos no controle de nossas vidas mas estamos cada dia mais perto de segurá-las entre nossos dedos.

CENA 5 – COMUNICAÇÃO

Menina – Tem umas datas que marcam a gente, né? Nunca me esqueço, por exemplo, do dia em que fui aprovada no vestibular. Algumas datas que marcam a gente mesmo que não estejam diretamente relacionadas à nossa vida. Por exemplo, eu lembro perfeitamente de tudo que aconteceu comigo no 11 de setembro de 2001, quando todos os jornais noticiavam o ataque as Torres Gêmeas, nos EUA. Eu ainda era uma menina e nem sabia direito o que estava acontecendo, mas lembro muito bem de cada detalhe da minha rotina naquela manhã, em que o noticiário interrompeu meu desenho favorito.

10 de maio de 1989, 11:30 da manhã. Você se lembra o que estava fazendo nesse dia? Onde estava? O que sentiu? Lembra? Não lembra, né? Essa memória você não tem nem nunca vai ter. Você pode até dizer que não sabia de mim, mas e todas as memórias das quais você abriu mão de construir depois que eu nasci para você? Aliás, você lembra quando foi que eu nasci para você? Essa história é você quem deveria me contar, mas eu também já sei de cor. Confusão. Telefone. “Fala aí com seu pai”. Pai? Que pai?

A atriz deve interpretar o diálogo distante e frio com esse pai, respondendo inicialmente com uma voz infantil e constrangida que diz pouca coisa. À medida que as perguntas avançam, ir mudando a forma de responder para um tom que corresponda a voz de uma criança maior, depois uma adolescente, depois uma jovem e por fim uma adulta. São todas a mesma pessoa, respondendo ao mesmo diálogo frio e impessoal que o pai mantinha por meio de ligações ocasionais onde, desde a infância da filha, seguia o mesmo script de perguntas. As perguntas a serem feitas devem ser numeradas e distribuídas aos homens do público, que verbalizarão a voz desse pai ausente cada um a sua hora.

1) Oi filha, tudo bem?

Menina – Tudo.

2) E a escola?

Menina – *(longo silêncio. Ao fundo, voz em off dizendo: “fala menina, parece um bicho do mato”)*

3) Verdade que você faz natação?

Menina – Aham.

4) Legal. E você vai muito a praia aí?

Menina – Mais ou menos.

5) E a faculdade?

Menina – Ah, eu tô amando! Tô muito feliz com toda novidade!

6) Bacana. Quem sabe você não me visita um dia?

Menina – Tá, é só marcar. Eu tenho férias no final do ano.

7) Talvez eu viaje com o pessoal aqui de casa no final do ano. Vou confirmar e te aviso assim que for possível.

Menina – *(silêncio)*

8) Parabéns pelo seu aniversário, filha. Tudo de bom para você. Eu deposei um dinheiro para você comprar um presente, tá?

Menina – Tá, obrigada. Já pensou em usar esse dinheiro para comprar uma passagem e vir passar o aniversário comigo?

Silêncio.

Menina – Nesse dia pelo menos o parabéns foi por telefone. Uma vez, quando eu era ainda mais garotinha, ele me mandou um telegrama no aniversário. Sabe que quando o telegrama chegou eu fiquei feliz? Me senti importante, sabe? Daí eu fui para um lugar isolado da casa, em busca de privacidade para ler minha correspondência. Na minha ingenuidade, pensei que se tratasse de uma carta longa, profunda. Quem sabe uma resposta ao que eu havia escrito anteriormente na escola? Eu não queria correr o risco de chorar na frente de todo mundo, então só olhei o que tinha escrito quando tive certeza de que

estava só. Pela primeira vez eu saberia de fato o que ele tem a me dizer. No alto da minha sensatez infantil pensei: bem, se ele se deu ao trabalho de escrever uma carta ao invés de só comprar um presente é porque deve ter algo de muito importantes a dizer. Eu fui a criança que ficou feliz por receber um telegrama ao invés de um presente.

Ela abre um envelope com euforia e muda para um estado de tristeza à medida que lê seu conteúdo.

Menina – “Parabéns pelo seu dia, Menina!”, é só o que dizia. Naquela época eu não sabia que o telegrama era uma correspondência utilizada para enviar mensagens em caráter de urgência. Então o telegrama substituiu o presente porque é provável que ele tenha esquecido do meu aniversário. Naquele dia eu chorei sim, mas não de emoção. Quer dizer, não de emoção boa, como uma criança merece ser surpreendida no dia do seu aniversário. Meu choro escondido é interrompido pelos gritos de alguém que queria saber o conteúdo do telegrama enviado pelo pai. Engoli o choro e fui ao encontro de todos. Não sei se por ingenuidade ou por pena, todos atribuíam aquele pedaço de papel uma grande importância: o pai dela mandou um telegrama! Olha que bacana! Fulano mandou um telegrama. Ele lembrou do aniversário dela! Quem é Fulano? É o pai dela... Ah tá, é o pai.

Mulher – Nunca tive um diário. Mas não por desinteresse - talvez tivesse sido esse um dos meus primeiros fingimentos: forjar desinteresse por algo. Eu não tive um diário por medo de ser pega, já que acreditava que um dia isso seria inevitável. Compartilhar meus pensamentos com alguém me parecia assustador, então nunca me permiti correr o risco. Daí achavam ótimo eu não ter um diário, como se não ter um caderninho daquele significasse também não dispor do que sentir. É como se o sentimento só existisse se relatado, logo, se não é dito, torna-se inexistente. Só que a gente sente. E passa uma vida in-

teira engolindo ausências, dúvidas e sentimentos. Foi dessa maneira que nos mantivemos até hoje falando pouco ou quase nada sobre ele.

Mulher – Demorei um tempo pra entender que talvez seja mesmo louvável um pai se lembrar do nascimento da filha que ele não viu nascer. Que ele sequer conhece. Que ele nunca viu.

Menina – Aliás, porque mesmo ele nunca veio conhecer a Menina?

CENA 6 – ALTURA

Menina – Eu não tinha muito contato com figuras masculinas que correspondessem a imagem que eu associaria a um pai, mas um dia fui brincar na casa de uma amiguinha e o pai dele estava lá. Fui criada entre mulheres, então a presença de um homem em casa no meio da tarde me parecia super estranha. Ele era muito alto, e eu ainda muito pequena. Lembro que sempre que ele ia na porta da sala onde estávamos, minha amiga corria em sua direção já com os bracinhos esticados pulando para que ele a colocasse em suas costas. E quando eles “lançavam voo” ela soltava uma gargalhada de quem não poderia estar mais feliz no mundo. Quando eu já me via por satisfeita só em observar lá de baixo, ele disse que agora era minha vez de voar. Mesmo tímida, não contive a alegria. Lá de cima era uma altura consideravelmente assustadora para crianças do meu tamanho. Eu sequer olhei para baixo. Não por medo, mas por segurança. Em poucas situações na infância eu me senti tão protegida como naqueles instantes. Eu só tinha olhos para o horizonte e para o alto, que eu tentava alcançar com meu par de mãos livres e destemidas. Ele me segurava pelos pés, nada me faria ruir.

Mulher – Talvez em busca dessa sensação de segurança eu tenha passado a vida me envolvendo com qualquer um capaz de me segurar no

colo, de me tirar os pés do chão, mesmo que por breves instantes.

Menina – Já no carro, quando me levava de volta para casa, o pai da minha amiga dispara: seu pai trabalha com o que? Sem pensar respondi que ele era empresário e que por isso não passava tanto tempo em casa. “Viu filha como você é sortuda”, ele respondeu! Minha amiga, sabendo que não existia pai algum, me olhou confusa. Lembro de em silêncio ter retribuído com um olhar que pedia para que eu não fosse exposta à verdade. Acho que ela entendeu, porque nunca mais tocamos no assunto. Fui o restante do caminho segurando o choro com uma força que hoje, mesmo adulta, duvido que teria.

MULHER – Esse mesmo olhar, ao mesmo tempo silencioso e profundamente cúmplice, só voltei a trocar com alguém muito tempo depois, quando amparei outra clandestina como eu. A gente que é clandestina sabe que não está sozinha no mundo mas se sente como estivesse. Então a gente se esconde para sobreviver, mas às vezes acaba morrendo justamente por se esconder. A gente que é clandestina sente medo. A gente se fortalece e aprende a lidar, mas se você olhar bem o medo está sempre ali. A gente é até bem corajosa, mas quase metade das nossas passam por complicações. Muitas de nós morrem. E parte da nossa coragem está exatamente em apostar mesmo que o preço seja tão alto. Só que a gente aposta não por coragem, mas por não ter escolha. A gente aposta porque não é o momento adequado. A gente aposta porque não está preparada. A gente aposta porque tem outros planos. A gente aposta porque não quer. A gente aposta porque não pode. A gente aposta porque é nosso direito e não devemos continuar morrendo por isso. Cada uma de nós sangra diferente e isso não importa. O que importa, o que realmente importa, é que nós queremos viver como senhoras de nós mesmas e dos nossos corpos.

CENA 7 – QUE DIZEM SOBRE QUE CORPO É ESSE?

Nessa cena, a atriz deve portar uma cópia impressa da certidão de nascimento inserida em anexo a esse texto. Trata-se da certidão de nascimento da autora do texto, documento onde não há registro de nenhum nome masculino: nem pai, nem avós, tanto maternos, quanto paternos, obviamente. A atriz deve segurar o registro de modo a mostrá-lo ao público, e iniciar a leitura do mesmo. A cada espaço vazio onde deveria constar o nome de algum homem, a atriz deve fazer uma pausa de alguns segundos enquanto olha para o público masculino. Finalizada a leitura, a atriz deve amassar o documento e levá-lo junto ao ventre enquanto encolhe todo corpo. É tocada a música “Ciranda do aborto”, de Jussara Marçal, enquanto a atriz executa uma partitura corporal de livre criação. Há uma interrupção no meio da música, momento em que a atriz deve caminhar em direção ao uma mulher do público e colocar a mão dela em seu peito durante o período de um minuto, para que ela sinta sua frequência cardíaca desacelerar. Troca de olhares durante todo instante. Ao fim desse tempo, texto:

Mulher (já distante, porém direcionando o texto para a mesma pessoa com quem interagiu no último minuto) – Sou formada por um amontoado de espaços vazios. É como se tivessem pedaços de mim espalhados por lugares onde eu nem sei. Mas uma parte da Menina que fui eu sei que agora vive em você.

Menina – Eu sou um papel preenchido metade por letras, metade por asteriscos. E desses asteriscos não sei nada além do fato de que eles são masculinos.

A música continua a ser tocada, juntamente com a retomada da partitura corporal, que deve ser encerrada no plano baixo, juntamente com o fim da música. Black out.

CENA 8 – QUE FAÇO COM O QUE FIZERAM DE MIM?

Vários ventiladores estão dispostos em círculo no centro do espaço cênico, de modo a formar espaço suficiente para uma dança a ser realizada em seu interior. Um ruído igual ao utilizado no começo da peça volta a compor a paisagem sonora da cena. Uma pequena luz direcional se abre nas mãos da atriz, que está em plano baixo manipulando com movimentos bruscos e aflitos um leve tecido vermelho que traz junto ao ventre. Ela segura ele entre os dedos que se contorcem em nervosos movimentos de apertar o tecido, que a todo momento tenta “escapar” para sua leve dança no ar. O foco de luz vai se ampliando lentamente, enquanto que em velocidade compatível o ruído se transforma em um som agravável. A partitura corporal executada pela atriz também acompanha essas transformações. Ela ganha aos poucos os planos médios e altos, enquanto segue a dança com o tecido vermelho. Inicialmente esses movimentos devem ser de dor, angústia, contorções, movimentos quebrados e bruscos. Aos poucos, essa qualidade de movimento se transforma até atingir um estado de leveza, fluidez e serenidade. A relação com o tecido também vai do intenso apego até o desprendimento. Para que, por fim, ela solte o tecido e permita que a corrente de vento o faça “voar”, retratando de forma poética uma metáfora ao aborto. A luz, que agora encontra-se aberta, volta a ir se fechando até se tornar uma pequena luz direcional no tecido vermelho que flutua. Black out.

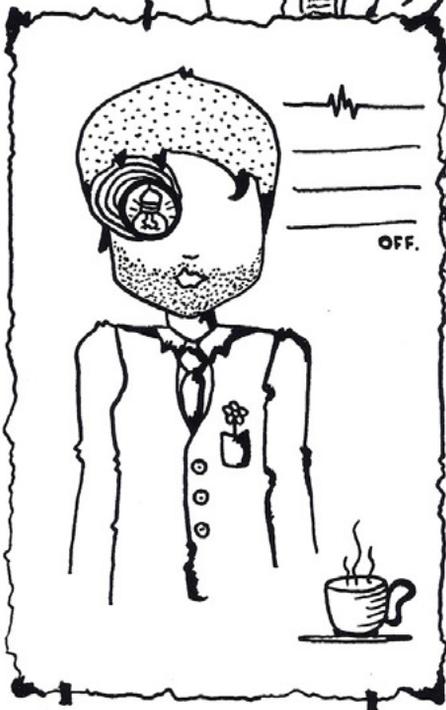
extra extra



ABCDEF
12345
HIJK
7890



RECYCLAY



EFCH
5678

rasgo

RASGO

Rejane Arruda

APRESENTAÇÃO

Vivemos em um mundo estranho. Os casos de violência se proliferaram nas redes sociais e não nos deixam em paz. A cada foto de uma surra, criança estuprada, pai e mãe que assassinam um filho, vemos que é necessário nos posicionarmos – e com o Teatro. Se é a nossa linguagem, que seja através dele. No Facebook, nos deparamos com comentários de ódio, mais ódio, defesas de pena de morte, mutilação. Aos agressores, que espiem a culpa através da institucionalização do crime. O que o Teatro pode trazer de diferente? *Rasgo* traz uma investigação das relações entre o dramático e o narrativo – em função de uma poética da cena que faça calar. O criminoso, psicopata ou o perverso, estampam um espelho deformado de cada um. A perversidade está espalhada nos bullings, lares, escolas; tamponada pelas igrejas; implodida pelos remédios. Como não perceber que o crime hediondo expõe o que, no reverso, temos? Esta relação (e sua ambiguidade) que se quer se trabalhar – no sentido do espanto. Assim, pode-se trazer a perspectiva de um grito que vai além do discurso comum, este que inflama mais ódio e redime os ditos “normais” da própria perversidade. Somos nós que vamos votar nas próximas eleições; somos nós que colocamos ou deixamos no poder assassinos, psicopatas e fazedores de ódio. Somos nós também que abrimos (ou não) a perspectiva da convivência com as diferenças nas escolas, na sociedade e no bairro. É cada um que precisa olhar para si e ver no outro a aceitação.

CENA 1

Em uma tela, os detalhes do cenário projetados. Um consultório médico, móveis, aparelhos, objetos típicos. Uma enfermeira organizando tubos, plásticos, líquidos. Abre luz suave em três microfones. Três atrizes entram em cena. Uma delas veste saia e camiseta de golinha, lembrando um pouco uma moça do interior. Outra veste jeans, tem tatuagem e piercing, jeito bem urbano. A terceira veste-se como quem vai para a noite ou balada.

Atriz 1 – *(no microfone)* As mulheres que trabalhavam no Centro eram muito atenciosas.

Atriz 2 – *(no microfone)* Conversamos sobre as minhas tatuagens e elas fizeram eu me sentir segura. Fiz um exame de doenças sexualmente transmissíveis e um teste de gravidez.

Atriz 3 – *(no microfone)* Também me deram profilaxia pós-exposição, para evitar o contágio pelo HIV. Tive que tomar o medicamento três vezes por dia durante um mês. Eu enjoava muito.

Lilian entra no consultório e senta-se. Detalhes das suas mãos, pés, dedos, olhos, são projetados. A enfermeira prepara a seringa e a borracha com velocidade e destreza. A apatia da ação cotidiana realizada de modo automático dura um tempo, até que rompe o silêncio.

Enfermeira – Ele levantou ou abaixou sua saia?

Lilian não responde, mantendo-se estática. Depois de segundos olha para a mulher, como se fosse falar. Mas desiste. Abaixa a cabeça e olha para a seringa que puxa o sangue de dentro do braço. Mais um tempo de silêncio.

Enfermeira – Penetrou pela frente ou por trás?

Blecaute.

CENA 2

Acende a luz, outra atriz.

Atriz 1 – No dia 02 de julho, no campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, por volta das 18h, o estudante da Escola de Belas Artes, Diego Vieira Machado, foi encontrado morto em uma viela próxima ao Alojamento Universitário. Diego era negro, homossexual, cotista, pobre e nascido em um bairro periférico de Belém do Pará.

Blecaute.

CENA 3

Abre a luz. Móveis e objetos de uma delegacia. Um escrivão colhe o depoimento de um homem. Na projeção, os detalhes das suas têmporas, dedos, boca. O delegado na sua frente.

Delegado – Pode contar o que viu?

Testemunha – Ele o sacudia... e chamava. E de lá... se dividia entre tentar fazer a menina acordar... na cama com marcas no pescoço... abrir os olhos. “Papai está aqui, acorde minha filha, vamos brincar!”... (*Tempo*) Foi isso. Foi o que eu vi.

Luz nos microfones. O Pai e as duas crianças que foram assassinadas.

Menino e Menina – *(no microfone)* Por que você fez isso, mamãe?

Pai – *(no microfone)* Por que você fez isso, Rose?

Blecaute.

CENA 4

Abre a luz. Jeová está sentado à mesa. Um prato com restos de comida indica que acabou de comer. Os cotovelos estão apoiados. Uma cerveja ao lado. Ele olha para os lados, compenetrado, as sobrancelhas cerradas. Em seguida os seus olhos dançam como se procurassem algo. Ele suspira, junta as mãos. Os olhos de repente se fixam no prato, enquanto ele organiza uns bagos de feijão com a ponta dos dedos. Levanta-se e dirige-se ao armário de louças, abre a gaveta e, debaixo de uma toalha, encontra um revólver. Cai a luz.

Atriz 1 – *(no microfone)* Jeová estava foragido desde o dia 23 de dezembro, quando matou com seis tiros a dona de casa Marisleide Vieira da Victoria, de 30 anos, no bairro Vista Mar, em Cariacica.

Atriz 2 – *(no microfone)* Jeová Pereira de Jesus cometeu o crime na véspera do Natal.

Atriz 3 – *(no microfone)* Ele se declarou culpado e foi condenado a 13 anos de prisão.

CENA 5

Homem de cinquenta anos, corpulento, o paletó amassado. Detalhes são projetados. A respiração difícil, o olhar doce. Tem nas mãos uma boneca. Os dedos acariciam os cabelos, bochechas, nariz, boca, pescoço. Abre-se a luz. Muitas bonecas enfileiradas, sistematicamente colocadas por ordem de tamanho em uma imensa prateleira. Tempo. Uma menina de sete anos entra. Bela, cabelos longos e olhos acessos, corpo magrinho. Está vestida sem muito apreço, com um abrigo. Ela fica parada observando o homem. Ele olha para ela. A imagem na projeção recorta os seus olhos, que quase não piscam. Percebemos o instante em que os olhos sorriem.

Homem – Mariana?

A menina não responde.

CENA 6

Imagens esparsas são separadas pela iluminação em locais diferentes. Uma criança acamada no hospital. Uma suave protuberância causa-lhe uma leve deformação no rosto. Ao lado de sua cama, o computador de monitoramento. Som de marca-passo. Em outro corredor de luz, um homem idoso toma banho com um regador, ajudado por um jovem de quatorze anos. O rapaz tem a mesma deformação no rosto. Em outro local da cena, um médico profere uma palestra. Com uma varinha, aponta para a imagem de um crânio projetada na tela. Ao lado, uma televisão veicula imagens da cirurgia.

Médico – No nascimento, ele contraiu um vírus que corroeu os ossos do seu nariz, a região interior dos olhos, o céu da boca e os lábios.

Em outra luz, arquivos e pastas de uma delegacia. Com movimentos vorazes e agitados, um assistente dá busca em documentos. O investigador, diante de um mapa típico, com fotografias e alfinetes que se ligam por linhas. Ele troca uma foto de lugar, recoloca o alfinete e ajeita a linha que a une às outras. Afasta-se para olhar.

Assistente – Maria Lourdes... Campedelli; Rodolfo... Campedelli; Giovana... Campedelli; Marcos... Campedelli; Regina... Campedelli.

Ator e Atriz no microfone. Ele usa um terno bem talhado, tem trinta e cinco anos e a mesma protuberância no rosto.

Ator – *(no microfone)* Abandonado por minha mãe ao nascer, fui conhecê-la finalmente com trinta e cinco anos.

Abre a luz em uma mesa de lanchonete ao estilo americano. O Homem, protuberância no rosto e mesmo terno bem talhado, está sentado com olhos fixos na xícara de café. Bate com a colher no pires. Microfones estrategicamente situados amplificam os sons da manipulação dos objetos.

Ator – *(voz off)* Desculpa, eu não quis te constranger.

Atriz – *(voz off)* Não sei porque eu vim. Desculpe, eu não estava preparada.

O Homem olha para os lados, aflito. A garçonete entra, com uma bandeja. Coloca ovos mexidos e torradas sobre a mesa.

Garçonete – Se precisar de algo só chamar, senhor.

Homem – Obrigado.

A garçonete se afasta para o fundo da cena. Entra mulher bem penteada, estilo Anos 40. Ela dá um giro de cento e oitenta graus pelo ambiente da lanchonete e avista o homem. Estanca, confusa. Tira uma fotografia da bolsa, olha. De cabeça baixa, o homem mexe a colher na xícara de café. A mulher se aproxima. Alterna novamente o olhar entre o homem e a fotografia. Até que se certifica.

Mulher – É ele mesmo.

Ele a olha. Ela ensaia um sorriso forçado. Guardando a foto, senta-se. Cai a luz.

Ator – *(no microfone)* Expliquei quem eu era... ela, em silêncio... confirmou... “Sempre soube que você ligaria”. *(Sorri, gracioso)* Descubri a descendência russa e judaica... e... dois irmãos. Ela falou com orgulho... Sim! O rapaz... Samuel... se formou... é advogado... e a menina... Corina... casou-se... Sim!... Com um empresário... bem-sucedido, claro... eu... eu não conseguia pensar... Ela... me deu uma revista. Era como se tivesse numa seleção de emprego... Eu fiquei... esperando... um sinal... de que... poderia... fazer parte... mas... *(Faz um gesto)* Perguntei... *(Ri)* “Por quê?”. “Fiz o que tinha que fazer”... Hum... “Bem... eu posso compreender, também fiz o que tinha que fazer pra sobreviver”.

A mulher se levanta, vai sair. O homem a segura pelo braço. Os dois se olham. Tempo.

Homem – Sessenta e seis transplantes de ossos e de pele. *(Ele ri)* Olho *(ri mais)*, nariz e lábio... *(Ele interrompe)*. Sua cara tá engraçada... Desculpe. Os ossos da minha costela tão no meu nariz... *(Cai na gargalhada)*. A pele do meu nariz é da coxa direita...

Ela vai sair, ele a impede.

Homem – Espera.

Ela estanca.

Homem – (tempo) Não era minha intenção constranger você.

Mulher – (tempo) Desculpa, eu não tava preparada.

Ela vai embora. Ele espera até que saia e volta a se sentar. Volta a mexer na xícara de café. Tenta comer os ovos mexidos. Pega o celular, que está sobre a mesa.

Ator – (no microfone) Um dia... Eu vendo TV... apareceu um comercial... Eu tava quase dormindo, mas anotei o telefone por impulso... liguei... e recebi uma lista de pessoas... com o mesmo sobrenome que eu... que viviam na região do hospital... onde nasci... Na quinta ligação, minha irmã atendeu... (Abaixa a cabeça, olha pra a frente, abaixa a cabeça novamente) Sob a tutela do estado, cê é um número... Um dos médicos...

Homem no celular.

Homem – Pai? Eu estou indo. Tava resolvendo umas coisas... Sim. Já acabou. Já estou indo... Sim, levo o Yuri... E vinho? Sim. Daqui a pouco eu chego. Até logo pai.

Apagam-se as luzes, apenas o pino da criança na cama de hospital. A Mulher agora ao seu lado com um buquê de flores e olha de forma plácida os olhos da criança com o rosto voltado para a plateia, a pro-

tuberância. O barulho do medidor cardíaco aumenta. O medidor apita de forma contínua durante um tempo indicando o óbito. Blecaute.

CENA 7

Meninos jogam bola. Pés ágeis. Os sons, tudo normal. Paulo passa com livros em baixo do braço. Um dos rapazes olha. Outro e outro para a bola, devagar. Ficam olhando até Paulo sair de cena. Voltam a jogar. Áudio de Paulo cantando. Voz afinada e límpida, tom um pouco agudo para um rapaz. Cai a luz.

Sobe a luz. Cenário de escola: quadro negro no fundo da cena, professor escrevendo de costas para a classe. Carteiras de costas para a plateia. Meninos sentados. Paulo atrás, no centro, foco de luz diferenciado. O professor acaba de escrever, esfrega as mãos.

Professor – Por hoje é isso. Estão dispensados.

Mal o professor fala os alunos se levantam.

Professor – E não esqueçam e trazer uma redação de vinte linhas para a próxima aula.

Todos se foram. Paulo sozinho, temerário, levanta-se. Vai embora cauteloso. Tempo. Paulo entra novamente em cena, com dinâmica de movimento ágil. Um dos garotos topa com ele. Eles se esbarram.

Garoto 1 – Qual é, maricas? Não olha por onde anda? Tá querendo o quê?

Os outros entram. Paulo olha para os lados, acuado, quer caminhar mas não consegue sem esbarrar nos garotos.

Garoto 2 – Não tá na hora de virar homem não, heim? Pois eu acho que tá!

Os meninos avançam, levantam-no e caminham com ele suspenso no ar, até chegar em um canto do palco. Luz de pino recortando uma privada. Espelho. Câmera. Um dos meninos filma tudo. Os garotos empurram o rosto de Paulo para dentro da privada. Depois, diante do espelho.

Garoto 1 – Tá vendo o quê aqui, viado? Tá vendo o quê? Tá vendo a merda que você é!!? Tá vendo? Heim, moleque?! Reage!!! Reage feito homem.

O garoto larga Paulo e o empurra para longe.

Garoto 2 – Anda!! Me bate!!! Vai reagir não, viado? Me bate!!! Maricas, filho de uma puta!!

Os outros garotos começam a chutar Paulo. Todos ao mesmo tempo, enquanto o primeiro garoto continua a xingar.

Garoto 2 – Tá vendo? Ta vendo viado? Maricas escroto!!! Vai, reage! Se não virar homem agora vai pro espaço, vai pro beleléu! Desaparece com teu fedor escroto!!! Ou é agora ou é nunca mais. Anda moleque!!! Vira homem!!! Reage, filho da puta!!!

Vai caindo a luz enquanto os garotos continuam enchendo Paulo de porrada. Aos poucos se vê um líquido vermelho grosso escorrendo pelo chão e invadindo a cena até ela ficar toda banhada de sangue. Os garotos se dispersam. Fica apenas Paulo, caído imóvel no meio da poça imensa. Seu corpo magro e pequeno agora cadáver. Entra em cena um menino de dez anos. Ele fala para a plateia em tom ligeiramente neutro, com voz forte, no microfone.

Menino – *(no microfone)* Eu. Me. Gosto. Sinto. Carne. Seco. Paz. Derivado de Goiaba. Abracadabra. *(Tempo)* Retina. Ovo de avestruz. Ponte pequena. Para o Norte. Veio do Corvo Grelhado. Bola quadrada. Tampa de Privada. Lilás. *(Tempo)* Tulipas azuis. Semente de maracujá. Roupas novas. Touro. Pinto. Gato. Gravata. Avestruz. Eu vou entupir minhas tripas azuis. Eu vou rodar no ventre da máquina de barbear. Toureiro. Caneta. Quem disse que precisa compreender? Que precisa compreender? Eu me sinto. Carne. Derivado de goiaba. Pitanga. Onda de mar. Eu quero sol. Eu vou morrer? Vai acabar logo? Chama ele! Chama o meu amor. Eu quero encostar. Reticência. Chulé. Doutor. Amargura. Violeta. Árvore. Areia. Brotoeja. Coqueluche. Dor de garganta. Eu quero dor de garganta. Roubaram a carteira da namorada dele. Roubaram a sua identidade. Roubaram o que poderia ter sido para que não acontecesse agora. Roubaram sua cor, seu rolê, seu nariz, roubaram seus órgãos, seus ossos. Eu quero me ver livre dos dez touros roxos capados que me mataram.

CENA 8

Abre a luz.

Homem – *(no microfone)* Tragam meu filho aqui e matem-no na minha frente!

Jovem Trans – *(no microfone)* Eu não sou seu filho. Eu sou a sua filha.

Na projeção a imagem de uma sala, com sofá e aparelho de TV. Pernas de uma mulher sentada com o controle remoto na mão. TV sintonizada em um programa de auditório. O homem, sentado diante da apresentadora, repete: “Tragam meu filho aqui e matem-no na minha frente!” A

apresentadora se vira para o telespectador: “Adam Aliev, de 25 anos, se tornou Raina após uma cirurgia de mudança de sexo, em Moscou, há um mês”. A mão da mulher sentada no sofá dá pausa no aparelho de TV e a imagem congela. Em cena, a apresentadora continua.

Apresentadora – *(no microfone)* Poucos dias depois, Raina se casou com um rapaz, também de origem muçulmana, identificado como Victor. O crime ocorreu após o pai da jovem, Alimshaikh Aliev, descobrir o casamento. “Tragam meu filho aqui e matem-no na minha frente”, teria dito.

O microfone é passado de mão em mão.

Mulher muçulmana – *(no microfone)* Ele o traiu!

Pai – *(no microfone)* Podem matá-lo. Eu não quero vê-lo!

Entra coro de homens e mulheres de meia idade, gritando a uma só voz.

Coro – Morte a Adam! Morte a Adam! Morte a Adam! Morte a Adam!

O coro tem pedras e paus na mão. Um grupo de jovens entra pelo outro lado com um imenso cartaz com uma foto de Raina e gritam em uma só voz.

Jovens – Salvem Raina! Salvem Raina! Salvem Raina! Salvem Raina! *As vozes competem e se misturam. O grupo de meia idade joga pedras nos jovens. Começa o confronto, luta insana e caótica. Alguns fogem, outros são carregados, até que os grupos se dispersam. No chão, ficam as pedras e os pedaços do cartaz de Raina. A imagem da TV descongela. A mulher não está mais em quadro, só a TV. O repórter finaliza a reportagem: “O pai da jovem teria sofrido um AVC ao*

descobrir sobre a cirurgia da filha. A polícia investiga o caso e ainda não identificou nenhum suspeito pelo crime". Blecaute.

CENA 9

Duas luzes. Em uma delas, Elize. Na outra, a repórter.

Elize – Eu não queria matar o Marcos, não fiz por crueldade. Se eu estiver mentindo quero que Deus me castigue da pior forma possível.

Repórter – Inicialmente contou à família que Marcos estava desaparecido.

Elize – Eu não tinha como falar pra minha sogra: “Desculpa, atirei no seu filho”.

Repórter – O esquartejamento só começou no dia seguinte, entre 5h30 e 6h, após a chegada da babá.

Elize – Queria esconder ele.

Repórter – Ela relata que começou pelos joelhos, porque...

Elize – ... Só tinha articulação.

Repórter – Depois os braços, troncos e, por fim, a cabeça. Pôs as partes em sacos de lixo e os sacos em três malas. Segundo afirma, ficou desesperada. Chegou a pegar o telefone para ligar para a polícia, mas desistiu.

Elize – Eu ia ser presa, iam levar minha filha para um abrigo.

Repórter – Elize conta que arrastou o corpo de Marcos pelos braços, por cerca de quinze metros, até o quarto de hóspedes.

Elize – Depois limpei o rastro de sangue com um pano e produto de limpeza.

Repórter – Praticante de tiro, Elize disparou a arma e acertou o marido na cabeça.

Elize – Eu queria que ele calasse. Queria que tudo aquilo acabasse. Eu não optei pelo tiro. Aconteceu.

Repórter – Marcos teria ido atrás dela.

Elize – Ele ficou surpreso e começou a rir. Falou que eu era uma puta, falou para eu ir embora com a minha família e deixar a filha dele lá. Eu não raciocinei. Eu poderia ter feito inúmeras coisas. Poderia ter feito um milhão de coisas. Eu não estava normal naquela hora.

Repórter – Elize conta que os dois estavam de pé na hora da discussão. Após o tapa, ela foi para a sala de estar, apanhar sua pistola 380, que havia sido presente de Marcos.

Elize – Quando olhei a arma na minha mão, me arrependi. Fui para a cozinha para ele não me ver.

Repórter – Segundo Elize, o empresário esbravejou: “Como você tem coragem de fazer isso com o meu dinheiro?”, teria dito.

Elize – Ele me chamou de vaca, vagabunda e deu um tapa no rosto.

Repórter – Na versão da ré, não houve emboscada. O casal chegou a sentar à mesa, mas iniciaram uma discussão. Marcos teria dito que ia para a casa do pai. Elize desconfiava que ele voltaria a se encontrar com a amante.

Elize – Eu não aguentei, disse para ele parar de mentir. Eu contei que tinha contratado um detetive e sabia de tudo.

Repórter – Marcos foi buscá-la no Aeroporto de Cumbica, em Guarulhos. Todos foram ao apartamento. Após a saída da babá, o casal pediu uma pizza e o empresário foi buscar na portaria. Na volta, ele seria morto por Elize, que tinha retornado de uma viagem de três dias a Chopenzinho, cidade do interior do Paraná onde nasceu, junto com a filha e a babá.

Elize – Fui ver minha avó. Queria mostrar Helena, que ela não conhecia.

Repórter – Um detetive contratado por ela filmou uma traição de Marcos no primeiro dia da viagem. Por telefone, Elize era informada em tempo real sobre os movimentos do marido.

Elize – Eu queria que minha filha tivesse uma história diferente da minha. Eu cresci sem meu pai, não queria que ela crescesse sem o dela.

Repórter – O pai de Helena morreu no dia 19 de maio de 2012, no apartamento onde morava, na Vila Leopoldina, Zona Oeste de São Paulo. No momento do crime, só o casal e a filha estavam em casa, segundo a ré.

Elize – Ele era muito gentil, cavalheiro. Com o tempo, nós começamos a conversar e descobrimos afinidades. Não era o homem que conviveu comigo nos últimos seis meses antes dos fatos.

Repórter – Elize retirou as fotos da internet após o empresário assumir as despesas dela e pagar o curso de Direito. Os dois se casaram em 2009, mas já moravam juntos desde dois anos antes. Segundo Elize, os dois se conheceram por meio de um site de acompanhantes no fim de 2004. Marcos pagava para sair com ela de duas a três vezes por semana. Elize mantém a voz firme quando fala sobre o disparo que atingiu o lado esquerdo do crânio de Marcos e o esquitejamento, realizado com uma faca de carne, no quarto de hóspedes do apartamento, segundo ela. Mas chora ao falar do passado como garota de programa, da filha e dos xingamentos do marido.

Elisa – A única forma que eu encontrei foi cortá-lo, infelizmente.

Blecaute.

CENA 10

A cena é realizada em silêncio, de forma lenta e neutra. Abre a luz. Grande semi-círculo de cadeiras com trinta e três homens sentados diante de uma mulher. Ela está caída no chão, dopada. O homem situado no centro do semi-círculo tem uma tesoura. Ele se levanta, caminha até a mulher, abaixa-se, levanta o seu vestido e corta a sua calcinha, retirando-a. Pouco a pouco os outros homens se levantam, e vão se unindo a ele. Todos diante da mulher. Ficam uns instantes olhando e em seguida se reorganizam, cortinando a moça, que desaparece. Depois de um tempo se dispersam. A moça tem machucados pelo corpo e uma poça de sangue ao lado. Ela ainda se mexe. Blecaute.

FIM

Eu sou tímido Sou prostituta

Eu sou magro

EU SEI

decomposição

QUE VOCÊS ESTÃO

Sou mulher

FAZENDO

TIRANDO FOTO DE TODO MUNDO

Lâmina da morte

ASSIM QUANDO A GENTE MORRER AS

Sou rico

PESSOAS

triste

VÃO SABER QUE

depois a vida

ESTIVEMOS

Eu sou gelado

AQUI

Fome solidão

muitos fingem não saber...

Não aplauda! Blecaute

Eu sou mãe solteira

quando não são recomendados a realidade

Vende-se carne humana

emite um



terruva



tratamento de choque



rua



Imineua

família

Não sentem choro

lum.tum

lum.tum

lum.tum



cooper



eu já estive na sala dos instrumentos, seu coração não deixou o meu bater.

An.: 1 louco...



dor

Murru da Loucura...

Brasil sabe su Auschwitz

medo
colônia é aqui
vender

COLÔNIA É AQUI

Priscilla Gomes

APRESENTAÇÃO

Esta história é do Brasil, mas ela também é minha. Ela não é ensinada em sala de aula, nem tem um quadro especial no Jornal Nacional. Ela também é sua. Essa dramaturgia vai contar um capítulo da nossa história destinado a ficar no mar do esquecimento e da absolvição. Mas existem pessoas que gostam de mergulhar nos abismos para desenterrar nossos demônios. Não por prazer ou glória, mas porque sentem que nasceram para isso. Essas pessoas não morrerão de omissão. Por suas lentes, palavras, registros e pesquisas, denunciaram essa história real de horror. Nas décadas de 1960 e 1970, fotógrafos, escritores, cineastas e alguns médicos tornaram visíveis os 'gadarenos sociais' que não queríamos enxergar e sentiram o cheiro da degradação humana que perpetuam até hoje em suas memórias. Penso que, apesar da demora, isso fez parte da construção de uma reforma que veio mais tarde contribuir para mudar a situação do maior e pior manicômio do Brasil. Em 2013, a premiada jornalista Daniela Arbex trouxe à tona, em seu livro intitulado *Holocausto Brasileiro*, o passado tenebroso que insiste em ficar enterrado no cemitério de esperanças mortas. O legado que o trabalho de Daniela nos deixou servirá para nunca mais aceitarmos o holocausto.

Nesta dramaturgia, reverberam memórias do meu *hoje*. Não posso dormir em paz enquanto sei que o Estado continua colonizando subjetividades - quer seja em manicômios estruturais, na tentativa de reproduzir o tratamento desumano e cruel em nome de uma política higienista social, quer seja através de suas leis conservadoras, disfarçadas de discursos de *cidadãos de bem*, que proíbem pessoas (igualmente consideradas anormais e indesejáveis) de vi-

verem suas vidas com dignidade, respeito e liberdade.

Colônia é aqui nos leva a Barbacena, e Barbacena é o mundo. Como mulher, preta, homossexual e pobre, se eu tivesse nascido naquela época, bem provável que meu destino seria o Colônia -se não pelas mãos de meus pais (sofrendo pressão social ou colonizados mentalmente pelo padrão da elite vigente), pelas mãos do Estado racista. Escrevo porque vi meu povo preto lá ainda escravizado; vi minha fêmea e minha igual com os amores abortados; vi meus irmãos homossexuais violados; vi a mim, criança rejeitada; vi a mim, velha abraçada com a boneca de trapo consumida pelo abandono-tempo; vi a mim, homem condenado; vi a mim, estuprada, rastejando definhada e, por isso, morri em cada verso e lágrima de cada imagem e ruído daquela realidade que eu não vou deixar ser esquecida. É verdade que não podemos mudar o passado, mas, visitando-o para compreendê-lo, a gente não repete os erros nem agora, nem no futuro.

“Eu sei o que vocês estão fazendo. Tirando foto de todo mundo. Assim, quando a gente morrer, as pessoas vão saber que estivemos aqui”.

(Fala de uma paciente que segurou no braço do cineasta Helvécio Rattón quando o mesmo fazia o documentário *Em nome da razão*, em 1979. Fonte: Livro *Holocausto Brasileiro*, 2013).

Esta dramaturgia contém fatos com poesias e projeções viscerais.

Não contém cheiro.

Não é recomendada para menores de 16 anos.

Personagens

Loucuras (duas mulheres e um homem)

Empregadinha (adolescente)

Corpos nus (treze pessoas)

Carroceiro
Coveiro
Freira
Papa
General
Médico
Cozinheira

CENA 1 - DEPÓSITO DE RESTOS HUMANOS - VAGÃO DE LOUCO

Efeito sonoro de trem buzinando, chegando ao hospício Colônia, na cidade de Barbacena, Minas Gerais. O 'trem de doido', como era chamado, despejava às terças e quintas-feiras um vagão inteiro de pessoas vindas de todo Brasil. Essas pessoas eram rotuladas loucas e impróprias por uma sociedade que se considerava sã e padrão. O Hospital Colônia era depósito para lixo humano, açougue de carne apodrecida. Às vezes, durante toda a viagem, os 'gadarenos sociais' sussurravam melodias indecifráveis, talvez fosse música de ninar - lembrança da infância; ou música de amor; ou cantiga da roça. Acontece que a música é como Deus, tem o poder de te tirar de onde você está; mas eles chegavam no Colônia cantando para morrerem ali sem voz. Deus não entrava lá.

Enquanto eles desembarcam acorrentados, sujos, famintos e agitados (como se soubessem o que lhes aguardava), ouve-se ao fundo, alguns deles, mulheres e homens enfileirados cantando o Hino da Independência emocionadamente.

Luzes se apagam. Quando acendem, estão no palco duas mulheres e um homem. Chamamo-los de Loucura um, dois e três, com cabeças raspadas e roupas de presidiário de campo de concentração nazista.

Loucura 1 – Eu sou muitas. Meu nome é multidão.

Loucura 2 – Eu sou você.

Loucura 3 – Eu sou alguém que você conhece.

Todas – Eu sou nós.

Loucura 1 – Eu virei tristeza. Eles disseram que era tristeza. Em 1911, com 23 anos, eu cheguei aqui. Diagnóstico: tristeza.

Loucura 2 – Eu sou amante de um político conservador.

Loucura 1 – Eu sou esposa trocada pela amante.

Loucura 2 – Eu enfrentei um homem poderoso na minha cidade. Militar.

Loucura 3 – Eu sou aberração. Amo homens.

Loucura 2 – Eu sou mãe sozinha.

Loucura 3 – Eu sou negro.

Todas – Eu sou uma mulher forte. Eu era livre.

Loucura 1 – Eu sou negra.

Loucura 3 – Eu sou tímido.

Loucura 2 – Eu sou criança e nasci indesejada.

Loucura 3 – Sou andarilho e incomodo as ruas brancas da elite.

Loucura 1 – Eu sou desvirginada.

Loucura 3 – Sou alcoólatra.

Loucura 2 – Sou prostituta.

Loucura 1 – Eu sou diferente.

Loucura 3 – Sou desempregado. Ex-escravo.

Loucura 2 – Eu sou ninguém.

Loucura 1 – Eu sou você.

Loucura 3 – Eu sou alguém que você conhece.

Todas – Eu sou filho da pátria mãe gentil. *(Pausa)* Eu sou nós.

Eles saem lentamente, um atrás do outro, marchando e cantando o Hino da Independência. “... Já raiou a liberdade, No horizonte do Brasil...” “Brava gente brasileira...” Luzes se apagam.

Um fecho de luz branca acende sobre Empregadinha: uma menina de vestido de noiva ou avental branco manchado com uma gota de sangue na frente. Pode, também, trabalhar um figurino de qualquer imaginário que remeta à pureza infantil ou católica.

Empregadinha – “Eu tinha 14 anos. Nunca pensei que meu patrão adevogado, chefe de família, pudesse fazer aquilo comigo. Ele era grandão, me machucou muito e depois a barriga cresceu. Quando a família viu, chamou Deus. Deus veio em forma de duas freiras que viajaram comigo e me jogaram no Colônia, onde, lá, um menino me

nasceu. ‘Tereza de Jesus’ deu o meu filho para longe, sem a minha permissão. Nome de santo ela também o deu; ela disse que era dona dele e não eu. Fui reclamar o meu santinho Jhon, e tomei eletrochoque. “Se voltar aqui, nunca mais vai sair”, me avisou.

Não voltarei para sempre, meu santinho John. Te encontrarei 45 anos depois e pedirei o seu perdão”. (inspirado no depoimento de Geralda, ex-interna do Colônia – Documentário: Holocausto Brasileiro).

CENA 2 – ENTERRAR, VENDER, INCINERAR – CORPOS-CAIXÃO

Luz branca com fumaça como se fosse neblina. Tem que parecer que está frio. Dezesseis pessoas, homens e mulheres, nus, em círculos, aglomerados com frio e como se quisessem cobrir uns aos outros, fazem movimentos lentos ao som do clássico “Concerto para uma voz”, de Saint Preux. Loucura um, dois e três estão entre eles e sairão do círculo para falar.

Todos – Dezesseis! (A música agora fica bem baixa).

Loucura 1 (saindo do círculo dançante olhando para a plateia) – Dezesseis morreram em uma noite fria. Em uma só noite. Uma noite só.

Todos – Pelo menos dezesseis morrem todo dia!

O círculo continua bem psicodélico, algo lembrando a cena de sexo coletivo do filme “Perfume, a história de um assassino”. Passam fezes um no outro, palha, capim, pois eles dormiam sobre isso. As expressões corporais e faciais são de dor.

Loucura 2 (saindo do círculo dançante olhando para a plateia) – Estratégia primitiva.

Loucura 3 (*saindo do círculo dançante olhando para a plateia*) – Proteção.

Loucura 1 – Loucos com instintos animais devorados pela fome de vida.

Loucura 2 – Ainda que fossem só loucos... O corpo não esquece de doer. Nem a loucura se esquece de esquecer.

Todos (*falando devagar*) – Loucos sentem o quê?

Acaba a música. Todos no círculo caem no chão, um sobre o outro.

Loucura 2 – Estratégia primitiva para não morrer de frio.

Loucura 3 – Sufocaram-se na sede de viver.

Entra uma Freira cantando Ave Maria, entra um Carroceiro e um Coiveiro. A Freira canta enquanto os corpos são jogados com descaso dentro da carroça. Ouve-se o barulho dos corpos duros batendo na madeira. Todos saem, exceto as três Loucuras.

Loucura 1, 2 e 3 – Morrem de quê?

Loucura 1– Fome. Tortura. Frio. Doença. Choque.

Todos (*gritando*) – Choque. Choque. Choque. Incineraaaa!

Loucura 2 – “... pano na boca. Água e sal na testa..., eu só segurava...” (*pausa*) “... tinha finalidade terapêutica, mas às vezes tinha imprevisto, né... (*pausa*) um paciente fazia travessura e aí tomava eletro-

choque”. *(Pausa)* “Eu fiz muito eletrochoque, bastante. A gente não dava com anestesia na época”. *(Pausa)* “Não tinha a medicação de hoje em dia”. *(Pausa)* “Eram uns quarenta pacientes deitados, um ao lado do outro. Eu ficava com tristeza porque eles viam..., um via o outro tendo as coisas..., né? Mas a gente mandava eles rezarem...”

Todos – Enterrar, vender ou incinerar?

Loucura 1 – “Em 1930, com o Estado Novo, o regime forte, o hospital piorou as condições de tratamento. As enfermarias eram chamadas de câmara da morte”.

Loucura 3 – O perfume dos corpos incinerados exalava como oxigênio para me lembrar que um dia seria o meu corpo fazendo fogueira no pátio. Palco de espetáculo para louco...

Todos – Enterrar, vender, incinerar!

Todos saem.

CENA 2.1 - CEMITÉRIO DE ESPERANÇAS MORTAS

Loucura um, dois e três entram com placas: “Vende-se um cemitério de esperanças mortas”. Projeção do Cemitério do Cascalho durante toda a cena.

Loucura 2 – O cemitério foi comprado junto com a construção do hospital.

Loucura 3 – “Era uma cultura que algumas pessoas não poderiam ser enterradas perto das pessoas ditas normais. Os suicidas, assim

como os negros e também os loucos, tinham que ter um lugar separado para o sepultamento”. Suicidas (*pausa*). Negros (*pausa*). Loucos.

Loucura 2 – Até para enterrar os mortos aplicamos política higienista.

Loucura 1 – Eles eram enterrados sem caixão - os que nada mais tinham. Estamos pisando em terra de esperanças mortas. A qualquer momento podemos tropeçar em ossos. O fedor de vida humana sacrificada é intragável.

Loucura 2 – Ensurdecedor. Ensurdecedor são os gritos deles. Escuta os ossos se batendo. Vê! Parece Ezequiel, capítulo 37. Está se levantando um grande exército de almas penadas que virão nos atormentar.

Todas - Enterrar, vender, incinerar!

Todas saem

CENA 2.2 - A FEIRA DO AÇOUGUE HUMANO

Cenário, opção 1: Peças de carnes de gado penduradas por gancho como exposição artística. Loucuras um dois e três com roupas de açougueiro sujas de sangue e facão na mão. Opção 2: Quadros com pedaços do corpo humano pintados de forma bem realista expostos como se fosse uma galeria. Loucuras um, dois e três, com roupas de açougueiro sujas de sangue e facão na mão. Opção 3: esculturas de partes do corpo humano por todo o palco. Partes de corpos de crianças, brancas, pardas e negras. Loucuras um, dois e três, com roupas de açougueiro sujas de sangue e facão na mão mostrando a exposição.

Loucura 2 (com livros de registros na mão falando pausadamente) –

Pode assinar aqui, senhor, por favor. Toma sua peça. 100 cruzeiros. Isso. *(Pausa)* Espera, tem troco *(pausa)*. Obrigada. Próximo!!!

Loucura 1 *(debochadamente)* – Tráfico de corpos, Sr. Fialho?

Loucura 3 *(debochadamente)* – Peças dão lucro, Sr. Fialho. Quanto o senhor ganhou? Quanto repassou? Qual o preço dessa aqui? Mil oitocentos e cinquenta e três cadáveres é a sua riqueza?

Loucura 2 *(falando como vendedora de feira)* – Olha a feira, senhoras, venham comprar! Hoje temos promoção no açougue. Temos braço de criança, temos cabeça de homem preto quentinha, acabou de morrer no eletro choque. Temos corpo de prostituta e pênis de *viado*. Venham, venham todos ao açougue Colônia de Barbacena, aberto há décadas para atender ao Estado.

Loucura 1 – Temos pés atrofiados e mutilados, temos fêmur e barriga. Não percam a promoção. Venham, venham, Universidades!

Loucura 3 – Tendão, coração e até estômago com rato! Aproveita que nossos militares estão no poder, favorecendo nosso mercado!

Loucura 2 – Temos peça de mulher, crianças e indigentes.

Todas – Obrigada, Sr. Fialho!

Loucura 3 – Mas as peças pretas são as mais baratas. Viva o açougue escravocrata!

Loucura 1 *(canta quatro vezes)* – “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.

Luzes se apagam e loucura três fala no breu. Luz somente no livro de registro sujo de sangue que fica no palco.

Loucura 3 – Não sabe nada sobre isso, Sr. Fialho? Sua assinatura estava nos registros de vendas, era a sua letra, seu desgraçado!

Breu.

CENA 3 - CRIANÇAS DE OLIVEIRA E CARIACICA

Som de ônibus chegando. As três loucuras no palco.

Loucura 3 (*gritando*) – Trinta e três! (*Pausa*) Trinta e três!

Loucura 1 – Idade de Cristo!

Loucura 2 – Trinta e três meninos “de Oliveira” no holocausto.

Loucura 1 – Trinta e três não! Cento e quarenta!

Loucura 3 (*enquanto fala, projeção da fotografia de Silvio Savat*) – Não mexa nas bicheiras do lixo da minha razão. Deixa meu corpo se decompor em paz. Deixa eu aqui longe da sua lente. Belzebu me cobre de moscas. Elas são minha pele. Pensam que eu sou carniça. O Senhor das Moscas me protege dos urubus. O abandono me tornou cadáver. Eu respiro morte e durmo de dia para não esquecer que meu nome é Silvio Savat. Cheguei aqui com nove anos. Agora tenho onze anos e ainda não sei por que eles me deixaram aqui.

Breu. Pausa.

Três bancos de madeira de praça. Um do lado esquerdo do palco, outro ao centro e outro do lado direito. Luz amarela focando cada um deles. As Loucuras estão sentadas em cada banco, vestidas como crianças.

Loucura 1 – “Minha mãe morreu de tuberculose quando eu tinha cinco anos. Minha madrinha me pegou pra criar. Mas eu fazia muita bagunça, era muito arteiro, aí ela me mandou pra cá. Eu ajudava a segurar as pessoas que iam tomar choque. E, às vezes, quando dava o estalo, a pessoa se assustava e, dependendo da intensidade, o choque passava pra mim”. (Geraldo Antônio da Silva, ex-interno do Colônia).

Loucura 2 – “Sou de bézonte... ééé eu vim disdi quiança. Eu tomei injeção dintortar e benzei quia morrer...” “... metia a vara na gente, batia na gente lá, metia a vara na gente lá, puseu na cela também lá, puseu na cela pelado, sem roupa, sem nada...” “i fazia issi ca gente à toa, eu não fazia nem arte nem nada... Eu fazi facina todo dia, tinha que fazer facina lá, se não fizer eles meti-coro na gente lá, xingava a gente...” (Pausa) “éééé meu pai que internou eu lá, meu pai que internou eu lá, ninguém veio vivivisitar eu nem qui nem lá. Ninguém. (Pausa) (Chorando, abaixa a cabeça e abraça a si mesmo) “Tô com saudade do meu pai até hoje”. (Silêncio) (Manuel Nascimento, ex-menino de Oliveira)

Loucura 3 (*voz de criança*) – “Não sei por que me internaram criança. Eu não fiz nada com Deus. Não fiz nada com eles”. (Elzinha, ex-interna do Colônia)

Pausa.

Loucura 3 – E os filhos da loucura?

Todas – Presente!

Loucura 3 – Dezenas de crianças foram arrancadas dos seios das mães com os cordões umbilicais pendurados. Frutos de estupro diários consentidos por Nossa Senhora, rainha mãe de Deus.

Loucura 2 – Mas o ventre da loucura deixou sementes.

Pausa.

Loucura 1 – Cariacica – Espírito Santo – Brasil. 25 de agosto de 2018. Século XXI, Apple, Inteligência Artificial, Instagram, Google, Facebook, Smartphone, Neymar, Youtube, Stories, self. Fui visitar minha mãe. Cheguei lá, fui ver minha vizinha. Ela tem onze anos. Laurinha. O nome dela não é esse. Mas a história é. Minha mãe não queria me deixar ir vê-la: “não arruma confusão”, ela disse. “não fala nada, hein”, me avisou. Eu vou. (*pausa*) Ainda estava na calçada, me aproximando da casa de Laurinha, quando vejo um trapo de criança-zumbi andando na minha direção com braços estendidos. Parecia mendigo alcoolizado cambaleando. Babava. O olhar estava longe, mas me enxergava, vinha tropeçando na minha direção. Quando chegamos, nos abraçamos. Ali minhas forças se foram, mas eu segurei o choro. Ela deitou a cabeça em meu ombro, como se quisesse consolo, e se demorou. Eu acariciava e sussurrava em seu ouvido: “eu sei... eu sei”. Mas o que sabia? “Cadê a Laurinha?” Perguntei pra minha mente enquanto estava entrelaçada naquela criança que eu não reconhecia. Olhei para ela, não havia brilho nos olhos. Cabeça raspada. Blusa de homem. Com muita dificuldade me disse que ia operar a cabeça. Me deu a notícia como quem tivesse esperança. Mas eu não tinha. Porque o que estava acontecendo ali era um projeto. Meses atrás, a mãe, muito problemática, havia falado que Laurinha estava muito levada, aprontando na rua, correndo pra todo lado, respondendo todo mundo, que estava descontrolada; ia falar com o psiquiatra. Ora bolas, que criança pré-adolescente saudável não é assim? Agora, Laurinha não estava mais saudá-

vel. Doze comprimidos por dia. Onze anos. Laurinha tinha uma diferença no funcionamento cerebral. Fato. Falavam em autismo e alguns em ataques epiléticos. Mas eu a conheci andando, falando, estudando comigo, tentando ler, correndo, conversando, brincando com o Spike, meu cachorro, aprontando, respondendo perguntas, pedindo comida à minha mãe, vendo filme comigo, diferenciando sim e não, sorrindo e chorando. LÚCIDA. Eu convivi com ela lúcida. Ela só era diferente, mas tinha pulsão. Ela tinha pulsão. Eu vi Laurinha viva. Agora eu estava diante de uma criança lobotomizada pela indústria farmacêutica, com aval de um Dr. Monstro psiquiatra, e uma mãe, e um padrasto negligentes, que não queriam ter trabalho em criar e educar uma criança diferente. Já que naquele estado semivegetativo que Laurinha estava por conta da dopação química, qualquer um podia cuidar, pois o único trabalho era dar comida e remédio. Água e dopar. Laurinha parecia bicho sendo mantido vivo antes do abatedouro. E babava.

Laurinha teve sua subjetividade sequestrada por comprimidos e intolerância, preconceito e negligência. “quero ir ver sua mãe”, pediu. Mas minha mãe não suporta vê-la. “Porque eu não posso ver o Spike?”. “Você o verá em breve”. Respondi sem vergonha de estar mentindo. Como que não mente para uma criança nesse momento? “Ele lembrará de você, porque ele te adora e eu também te amo, Laurinha”. Essa parte não era mentira. Larguei sua mão e virei as costas. Enquanto andava, a rua parecia infinita e eu fui embora para dentro de mim, onde encontrei um abismo sem resposta e uma dor sem teatro. Dormi com o choro engasgado - ainda não me era a hora de chorar.

Uns afirmavam que a família queria manter o benefício do governo. Outros que era realmente para não ter trabalho de criar uma criança diferente. Eu só sei que estava abraçada com uma menina de Cariacica, mas lembrei dos meninos de Barbacena.

Colônia é aqui.

Luzes se apagam.

CENA 4 – MINHA LOU(CURA) O SEU NOR(MAL)

Música: Requiem in D minor – Mozart. Palco vazio, iluminado com luz âmbar. Entra um papa, com uma batina muito luxuosa; um general com o uniforme condecorado e um crachá escrito ESTADO; e um médico branco, loiro, com jaleco alvo, impecável. As expressões são divinas, imponentes. Solenemente eles põem os elementos que trazem no chão. O Papa entra com um grande pênis em uma bandeja (tratando como Deus). O General com a Bíblia na mão (batendo nela orgulhosamente). E o Médico, com muitos remédios, seringa e aparelho de choque (orgulhoso). Depois entram as Loucuras nuas acorrentadas uma na outra e cada uma senta no chão em direção a um elemento. Atrás deles, de pé, o papa, o general e o médico. Depois uma cozinheira entra dançando, fazendo movimentos livres. Agacha como quem vai parir e caga no palco um rato e um cocô. Corta a música.

Loucura 1 (*rastejando-se em direção ao cocô*) – Eu como meu cocô, defeco a vida, urino o que me alimenta, me mantenho viva.

Todos – Mas o que é ser vivo?

Loucura 1 – Minha dignidade está nos meus excrementos, a água da vida não vem do céu, vem da vala podre social; a minha água é seu esgoto e dela tenho bebido pra matar a sede de morte e compreensão, fonte que abastece minha loucura!

Ela jorra fonte eterna de mim como está escrito (*fala alto melodicamente*) “bem-aventurado aquele que...” (*se interrompe desconfiada*). Não lembro de ser louca antes de vir pra cá (*ajoelha olhando pro alto*), estou vendo o trono dourado e de lá jorra o esgoto do seu perdão.

Loucura 2 – Não toque no meu feijão que fiz hoje de manhã, não tire

meu feijão tropeiro de mim, comida de mainha... Faço pra lembrar dela, será que ela lembra de mim? Já me tiraram liberdade, roupa, oxigênio, digitais e sobrenome no vagão às 12h45. Agora respiro a barbaridade humana, sou humano demais nu, sou animal sem nome no relento, eu durmo como Nabucodonosor no orvalho castigado por Javé na cama de capim e fezes (*ajoelha olhando para o alto*). O que eu fiz contigo, ó Deus?

Loucura 3 – O frio é minha memória, lembrança que tô vivo; meu cérebro sabe que come rato e dói... Dói esquecer que é gente, dói ter vergonha de acordar porque a morte não atende, dói onde não há corpo, dói no rim, dói no aborto do abuso do mês passado, dói no pulmão infeccionado com cheiro petrificado e com bicheira (*pausa*). O choque que me dói dentro onde não há nervo e a freira chama de alma onde não há nervo. Queria eu parar de fazer doer a alma e entregar pra Deus, mas Deus não visita esse açougue, (*ajoelha olhando pro alto*) eu queria ser perfeito pra saber distinguir dor de existência, minha lou(cura) de seu nor(mal).

CENA 5 - BRASIL SABE SER AUSCHWITZ - COLÔNIA NUNCA MAIS

Palco escuro. Música: Theme From Shindler1s list – John Williams – 2 CELLOS (vídeo oficial). Projeção de imagens de Auschwitz e Colônia de Barbacena. Uma ao lado da outra com identificação. O tempo da projeção é o tempo música.

Palco ainda escuro. Apenas voz.

Loucura 3 – Eu sou ninguém.

Loucura 2 – Eu sou alguém que você conhece.

Loucura 1 – Eu sou o espelho da sua consciência.

Todas – Eu sou nós.

Loucura 2 – Sou a humanidade no último estágio da maldade.

Loucura 3 – Brasil sabe ser Auschwitz.

Todas – Colônia nunca mais!

Fim

SEM APLAUSOS

homem João de barro



blecaute

HOMEM DE BARRO

Nieve Matos

APRESENTAÇÃO

A dramaturgia de *Homem de Barro* foi criada a partir do mito que gira em torno dos hábitos de vida e morte do pássaro João de Barro. O espécime é conhecido por fazer opulentos ninhos de barro para a fêmea e seus filhotes. O casal - com seus duetos sonoros que se assemelham a gargalhadas típicas de uma relação feliz - segue junto até o fim da vida, ao menos que o pássaro desconfie que outro macho ronda sua fêmea. Com a suspeita, o João de Barro espera paciente sua parceira botar os filhotes e fecha a saída do ninho, transformando-o num sepulcro. Romantizada em versos e canções, a história do macho assassino é conhecida como uma lenda de amor verdadeiro. Análoga ao mito da ave, a dramaturgia fala de relações abusivas e de feminicídio. Na natureza, o que se sabe é que a fêmea constrói junto o ninho e cuida sozinha dos filhotes à noite, enquanto o macho voa por aí. As metáforas com os pássaros e as relações humanas são tratadas no texto na esfera do amor romântico que, muitas vezes, começa de forma idealizada e termina de forma catastrófica, principalmente para as mulheres. As ações e diálogos cotidianos se transfiguram no decorrer das cenas chegando a situações que beiram o absurdo, com imagens surreais.

CENA 01 - PLANO DE VOO

Dois planos. De cena e de vida.

O primeiro plano é dele, João. Ele ainda não entrou em cena. No canto esquerdo do palco, quase na boca de cena, há uma bacia grande

de construção e uma pá.

O segundo plano é dela, não tenho um nome pra ela. Ela é a mulher que fui, é a mulher que você conhece, é você talvez, é um pouco de nós. De nós mulheres! Ela ainda não entrou em cena. No canto direito do palco, ao fundo, está um balanço, desses que lembram os voos da infância nos parquinhos de areia.

Sons de assovios e pássaros cantando. Simultaneamente eles entram em cena assoviando em dueto a mesma canção.

Ela entra como quem espera alguém, está feliz, tem em mãos um tubo de carregar plantas arquitetônicas. João entra com um saco de terra. Ela confere a hora no celular, depois observa o balanço. Vai até ele e se senta.

João rasga o saco de areia, é de sua natureza.

Ela despe-se da vergonha de gente grande e brinca com os pés ao vento.

João prepara a terra.

Ela levanta voo.

CENA 02 - JOÃO DE BARRO

Toques de celular se misturam ao som dos pássaros.

O do João desperta, o dela é uma mensagem. Os dois param o que estavam fazendo e conferem os aparelhos. Em revoada, ele sai de cena. Ela inicia uma conversa entretida.

Silêncio.

Novos assovios. O corpo dela fica em alerta, feliz, sabe que é João chegando. Desvia a atenção do celular e começa a buscá-lo pelo palco.

Ela – Eu sei que é você, João... Pode sair, não vou te procurar dessa vez... *(Assovia a canção dos dois, depois fala fazendo charminho)*
Anda, aparece, tô com saudades...

João (*aparece de súbito e a assusta, ele carrega uma grande caixa branca de fôrulas e fitas*) – Você sabe que eu não resisto quando você faz charminho... Tava conversando com quem quando cheguei?

Ela – Há quanto tempo você está aí?

Ela faz biquinho e o enche de beijinhos.

João – Não importa...

Ela – Posso saber o que tem aí?

João – Que menina mais curiosa! Tenho uma surpresa pra você! (*Mostrando a caixa*) Anda, abre.

Ela pega o embrulho, as marcas de barro das mãos deles estão impressas no branco nupcial da caixa.

Ela (*com afeto de quem vive um amor leve, olhando suas marcas*) – Trabalhando na olaria?

João – Sim.

Ela – Mais um da série dos pássaros?

João – Sim. Um ninho.

Ela sacode a caixa com a expressão de quem chega em casa e se depara com uma festa surpresa de aniversário que já desconfiava.

Ela – A coleção dos gatos ainda é minha preferida.

João – Essa você vai gostar, estou fazendo pra você.

Ela desmancha os laços da caixa enquanto fixa seus laços com João.

João – Calma ou vai estragar a cena que preparei.

Ela refaz o laço que desmanchou e João se ajoelha, eles estão felizes.

João – Minha passarinha, você quer viver ao lado desse homem sujo de barro até que a morte nos separe?

Ela (*eufórica*) – Siiiiimmm.

João – Já pode beijar a noiva?

Ele a beija enquanto ela finalmente abre a caixa e retira um vestido de noiva.

Ela veste ali mesmo no parquinho, por cima de suas roupas. O vestido é um número menor que o dela.

Ela (*tentando vestir*) – Como você consegue adivinhar os meus gostos! Eu não teria escolhido um vestido mais bonito.

João – Ficou pequeno? Se não ficar bom a gente pode trocar... eu medi de olho...

Ela – Tá um pouco justo, tenta fechar... tanto botão. Até o dia do casamento eu perco os quilinhos que sobram.

João – Não tá sobrando nada, você tá perfeita. Deixa de ser boba. Se precisar mudar alguma coisa é o vestido.

Ela – Você está brincando? Eu quero esse! Só botar um “macaquinhos ioga”, que eu me ajusto rapidinho. Passa até camelo numa agulha com uma cinta daquelas... O importante é respirar... Se tiver dando pra respirar tá tudo certo (*eles riem*).

Ela termina de vestir, quase não respira.

João – Tem certeza? (*Ela acena que sim*) Tá linda!! Eu ouvi direito? Você falou “até o dia do casamento”, quer dizer que temos uma data?

Ela – Sim, bobinho. Vamos marcar a data!

João não esconde a felicidade, ele a pega nos braços, eles rodopiam.

João (*cantando a marcha nupcial*) – Tanananan, tanananan, Tanananananananananananana.

Ela – Eu também tenho uma surpresa pra você.

João a coloca no chão.

João – Cadê?

Ela pega o tubo que estava ao lado do balaço.

Ela – Anda, abre. E não espere que eu me ajoelhe, o romantismo eu deixo pra você.

João (*desembalando os planos dela*) – É seu novo projeto?

Ela – Uhum.

João – Finalmente terminou e vai ter um tempinho pra mim?

Ela – Mais que isso. É a planta da nossa casa.

João – Uau. Eu não esperava. Achei que eu fosse construir.

Ela – E vai. Olha com calma, me diz o que achou?

João fica decepcionado, mas disfarça.

João – Tá, bem bonita. Com poucos ajustes, talvez um quarto a maior pras crianças...

Ela – Sem crianças. Bate na madeira. A única coisa de criança que vou querer na nossa casa é um balanço, igual a esse.

João – Vou fingir que nem estou te ouvindo.

Ela começa a retirar o vestido e o coloca na caixa como quem repousa um recém-nascido no berço. João enrola a planta baixa e guarda.

Ela – O vestido é lindo.

João – Vamos? Meu pai tá esperando a gente pra jantar...

Cantarolando, eles saem de cena.

CENA 03 - DE OLHOS VENDADOS

Ela tem os olhos vendados, não consegue enxergar João.

Ela tem os olhos vendados, não consegue ver nada a sua frente.

*Ela tem os olhos vendados, vagueia tateando o ar.
Ela ouve o canto assoviado de João e tenta alcançá-lo.
Como quem brinca de cabra-cega, ela segue seu som pelo palco.
A cada passo, João deixa seu rastro de barro no chão.*

Ela – Você está indo rápido demais.

João assovia.

Ela – Tá trapaceando!

João assovia.

Ela cruza os dedos como quem pede uma pausa na brincadeira.

Ela (alto e infantil) – Isola!!!

João se aproxima e a agarra por traz. Ela se assusta feliz.

João – Pronto, chegamos já pode tirar a venda.

Ela (tentando desfazer) – Você apertou o nó, não consigo desatar.

João – Deixa comigo. Devagar pra não estragar a surpresa.

Ela – Você e suas surpresas!

*João tira a venda. Cega de amor, ela não consegue enxergar João.
Cega de amor, ela não consegue ver nada a sua frente.*

Ela (olhando ao redor, entre assustada e feliz) – Que lugar é esse?

João – Nosso lar!

Ela – Nossa casa?

João (*em gesto de afirmação*) – Uhum.

Ela – Você comprou uma casa?

João – Lembra do projeto que eu estava trabalhando? Tá aqui. Nosso ninho.

Ela percorre o lugar, a princípio feliz com a surpresa, depois deixa transparecer a decepção.

João – Parece que você não gostou.

Ela – Tá bem diferente da planta que fiz.

João – Fiz só alguns ajustes.

Ela – No projeto da nossa casa? Na casa que a gente queria construir juntos?

João – Seu projeto é muito bom, os seus desenhos estavam incríveis, se você olhar direitinho vai ver que mantive a essência dele, a implantação que não comportava sua ideia.

Ela – Eu sei que meu projeto era bom, até porque eu dediquei alguns meses nele...

João a interrompe.

João – A implantação não estava muito boa, então tive que fazer uns ajustes.

Ela – A implantação é ótima, quando escolhemos o terreno...

João interrompe.

João – Não é só a implantação, tive que mudar a estrutura, pouca coisa, porque não cabia no nosso orçamento.

Ela – Eu já tinha feito os orçamentos, pesquisei cada material estrutural e além do mais...

João interrompe

João – Você é a melhor arquiteta que conheço, mas quem entende de obra sou eu. Eu sou empreiteiro. Na prática é outra coisa, se você pegar a planta direitinho vai ver que tem algumas falhas, eu só fiz ajustar pra você.

Ela – Não tô preocupada se o projeto é bom ou ruim é que...

João interrompe.

João – O projeto é maravilhoso, os seus desenhos são lindos, eu não faria melhor! É que quando a gente começa a construir precisa sempre fazer uns ajustes.

Ela – Eu contratei uma engenheira, estava tudo compatibilizado com o estrutural...

João interrompe.

João – Vocês ficam no escritório e desconhecem a prática da obra. O

empreiteiro aqui sou eu! É o meu trabalho. Seus desenhos são lindos, já disse, mas você sabe que quem entende de concretagem aqui...

Ela tenta explicar.

Ela – Esse não é o problema, João. Não reconheço essa casa, não reconheço a casa que sonhei pra nossa...

João interrompe.

João – Então você não gostou do meu trabalho.

Ela – Não é isso, meu amor. Quando a gente escolheu esse terreno, juntos, eu te falei da locação da casa, da vista pra mata, dos vãos livres, da integração dos espaços... Agora ela tá toda compartimentada, eu tinha imaginado um espaço mais aberto...

João interrompe.

João – Assume logo que não gostou da casa que construí pra gente. Eu ergui sozinho cada parede dessa casa, carreguei a terra nas costas, preparei a massa, reboquei cada canto, tudo com muito carinho, com muito amor, só pra te fazer feliz. Desculpa se não gostou.

Ela (*com pena*) – Não meu amor, não é isso. Eu gostei, tá linda. Não é que está ruim, mas eu tinha imaginado algo mais (*faz um gesto de amplidão*), com iluminação natural, com entrada de Sol, circulação de vento...

João interrompe.

João – Você pode escolher as cores das paredes, você é muito boa

nisso, os móveis... Não é você que fala que consegue ampliar qualquer espaço com uma boa paleta de cores? *(Em tom de vítima)* Eu só queria fazer uma surpresa, não achei que ia ficar chateada, se você quiser eu ponho essa casa a baixo e construo outra, do seu jeito. Você viu o balanço que coloquei no quintal?

Ela – Ainda não, tava vendada, lembra?

João – Vai lá ver.

Ela – Deixa eu esfriar a cabeça, olhar a casa direitinho.

João – Olha o pé direito, tá alto, como você queria.

Ela – Tá linda mesmo, não sei por que fui abrir meu bico, sempre estrago tudo.

João – Sabia que você no fundo ia gostar da surpresa.

Ela – Eu amei, tá linda. Já já me acostumo com ela.

João explica.

João – É a mesma casa que sonhamos, no mesmo lugar, afastado de tudo e pertinho das árvores. Eu só usei minha experiência, que você sabe que é maior que a sua, pra melhorar seu projeto. Você devia me agradecer, a gente trabalha muito bem junto.

Ela – Desculpa, só fiquei um pouco decepcionada no começo, não imaginava que você ia construir tudo sozinho, sem me consultar...

João – Você já trabalha tanto, minha Passarinha, fica o dia inteiro

trancada no escritório, só queria te fazer uma surpresa, você sabe que sou um cara romântico.

Ela – Eu sei, desculpa.

João – Romântico e apaixonado. *(Pega-a repentinamente pela cintura, aproximando seu corpo ao dela)*

Ela – Eu sei, desculpa mesmo, tá? Eu gostei mesmo, de verdade. O acabamento é ótimo.

João – Fica assim, não. Eu desculpo.

João a braça colocando-a debaixo de tuas asas.

João – Vamos lá fora ver o balanço?

Ela – Vamos ficar aqui mais um pouquinho, anda, me mostra o que você fez, cada detalhe.

João – Tá vendo como eu te conheço? Sabia que depois que você entrasse nunca mais ia querer sair daqui.

CENA 04 - POLEIRO

Gargalhadas invadem o palco. João entra com Ela nos braços, numa cena típica de recém-casados. Estão embriagados e felizes. Estão chegando ao ninho para a noite de núpcias, Ela de noiva e ele de fraque branco. As barras do vestido dela e das calças dele estão sujas de barro.

Ela – Você vai me deixar cair.

João – Eu sou forte e você uma pluma.

Ela – Nem precisava me pegar no colo, já estamos enlameados.

João (*colocando-a sentada no balanço*) – Senta aqui, já que você não me deixa ser romântico.

Ela – A vista daqui é linda.

João – Você é mais.

Ela – Afrouxa os botões.

João – Aqui mesmo?

Ela – Dá pra ficar nua aqui fora, o vizinho mais próximo está há quilômetros de distância.

João – Gosto da ideia.

Beija as costas dela, num repente vai até sua frente e começa um strip. Ela tem uma crise de riso.

João – Não ri, tô me esforçando.

Ela – Lembrei da dança do acasalamento da Família Dinossauro.

João (*parando de dançar e rindo*) – Dino da Silva Sauro é sacanagem.

Ela – Vem cá meu tiranossauro rex.

João – *Pterossauro*, me respeita.

Ela levanta calmamente e tira o vestido. Ele termina de tirar a roupa. Ela o conduz até o balanço e senta de frente, sobre o colo de João. Entre as subidas e descidas do brinquedo o casal faz um sexo sintonizado, apaixonado e intenso. Após o gozo, Ela repousa no colo de João. A atmosfera da luz acompanha a inércia do balanço e dos corpos até o blecaute.

CENA 05 - PÃOZINHO NO FORNO DE BARRO

Como quem arruma a casa, Ela entra e sai de cena espalhando tornos pelo palco, João a segue pousando seus pássaros de argila até que todo o espaço seja tomado, como um grande viveiro. Um torno central é deixado vazio.

Ela (*girando os tornos com os pássaros*) – Não disse que ia ficar bonito? Parece que estão voando.

João – Não disse que você é uma arquiteta maravilhosa?

Ela – Tô com fome.

João – Vou fazer um pão pra gente.

Ela (*fala enquanto sai de cena*) – Já vou pegar a farinha.

João – Eu pego os ovos.

Eles saem de cena e voltam com os ingredientes. Pousam o material no torno central.

Ela (*em tom de brincadeira com fundo de verdade*) – Se a gente não morasse no meio do nada, dava pra comer pão quentinho todo dia.

João (*descontraído enquanto começa a feitura do pão*) – Como se eu não fizesse pãozinho quentinho pra você todos os dias...

Ela – Você sabe que eu tô brincando, seu pão é o mais gostoso do mundo.

João amassa o pão como quem prepara a argila para esculpir.

Ela (*nauseada*) – Esses ovos estão estragados.

João (*cheirando a massa*) – Estão ótimos, cheira.

Ela – Blerg! O cheiro tá embrulhando meu estômago.

João – Não tem nada demais, o cheiro tá normal, de ovo.

Enjoada, ela voa pra fora de cena.

João – Amor? Tá bem? (*Silêncio*) Passarinha?

Preocupado, João tenta tirar a massa das mãos para socorrê-la. Ela entra em cena suando frio. João tenta ajudá-la e acaba sujando seu rosto de farinha e massa.

João – O que foi?

Ela – Vai lavar as mãos, esse cheiro tá me deixando louca.

João (*fala enquanto obedece*) – Não tô entendendo, é o mesmo pão

que faço quase todo dia.

João volta rapidamente e feliz.

João – Você está grávida!

Ela – Não é possível!

João – Estamos grávidos!

Ela – Nem precisa comemorar que não tem a mínima chance.

João – Quando foi sua última menstruação?

Ela – Eu tomo todas as precauções. Merda. Há dois meses.

João (*abraçando e beijando-a desesperadamente*) – Vamos ter um bebê!

Ela – Vai se lavar, por favor. E tira essa massa de pão da minha frente!

João não esconde a felicidade, obedece retirando o torno central e a massa de pão de cena. Ela observa a felicidade dele, está apavorada.

João (*percebendo seu desconforto*) – Que cara é essa? Tá enjoada ainda? Já limpei tudo.

Ela – A gente precisa conversar.

João (*brincando*) – O que eu fiz dessa vez?

Ela – É sério, João.

João – Calma, meu amor. Não fica assustada. Vamos fazer um teste primeiro, vou na farmácia comprar.

Ela – Você sempre soube que filho nunca foi possibilidade pra gente agora.

João – Pra gente não. Eu nunca escondi meu desejo de ser pai.

Ela – Eu sei. E tenho pensando muito nisso. Acho que daqui uns anos...

João interrompe.

João – Nem precisa vir com esse papo agora, vamos fazer o teste primeiro. Essa conversa sempre desgastou nossa relação.

Ela – Quero conversar agora, antes que você crie expectativas com algo que não vai acontecer!

João – Como assim? Se você realmente estiver grávida, já aconteceu. Eu sei que você tem seus planos, que quer construir sua carreira primeiro, mesmo eu ganhando o suficiente pra duas famílias, e sempre deixei você livre com seus sonhos.

Ela – A gente acabou de se casar!

João – Você não vê que é um presente de Deus?

Ela – A gente tem planos de conhecer o mundo, de sobrevoar todos os oceanos, até de migrar de país.

João – Amor, é melhor parar por aqui. Não quero ouvir o que você está tentando me dizer.

Ela – A gente vai ter nosso filhotinho meu bem, mas não vai ser agora. Daqui uns anos a gente pode até ter um bando de crianças! Eu prometo.

João – Quer dizer que você já tomou a decisão?

Ela – E você sabe muito bem que não foi agora, você sempre soube...

João interrompe.

João – Estamos discutindo a possibilidade de uma gestação que nem temos certeza se é real.

Ela – Eu sei, mas antes que se torne realidade eu quero deixar bem claro pra você que não é o momento. Não estou dizendo que não teremos filhos, eu te amo, teremos. Mas agora...

João interrompe.

João – Não vou ser cúmplice do assassinato do meu filho.

Ela – Sem exagero, João. Não me vem com esse falso cristianismo pro meu lado. A gente nem sabe ainda se é verdade e mesmo que fosse, nem feto é ainda.

João – Realmente eu não devo te conhecer. Como que você pode dizer isso de uma criança, de uma criança fruto do nosso amor?

Ela – Que criança, João? É só um amontoado de células, se tiver oito semanas ainda é...

João interrompe.

João – Você que não me vem com esse papo de abortista.

Ela – Ah, tá. Agora vai ficar jogando baixo.

João – Eu? Jogando baixo? Eu nunca (*fazendo as aspas com as mãos*) “jogaria” com a vida de uma criança, ainda mais um filho meu. Um filho nosso!

Ela se cala. João respira fundo.

João (*com uma delicadeza cruel*) – Passarinha, olha pra mim. Respira. Eu sei que você está assustada. Que foi muito rápido. Mas pensa bem. Olha a casa linda que construímos juntos. Olha a solidez do nosso amor, da nossa relação. Que casal que você conhece que é mais feliz que a gente? Que canta junto como a gente? Que se diverte como a gente? Que ri das mesmas piadas? Que tem os mesmos gostos? A mesma sintonia? Os mesmos planos? A gente tem a nossa casa, os nossos trabalhos, um dinheirinho guardado pra emergências... O que nos impede de deixar esse pãozinho crescer aí dentro do seu forninho (*colocando na barriga dela*)?

Ela (*relaxando e fazendo cara de enjoo*) – Não fala em pão!

João – A gente tá criando essa confusão toda, discutindo, e nem sabemos se você está esperando nosso filho ou não. Esse enjoo todo pode ser alguma coisa que você comeu.

Ela – Vamos à farmácia? Se a gente não morasse nesse fim de mundo era só ligar que eles entregavam o teste de gravidez.

João – Fica quietinha aqui, deita um pouco, descansa. Vou voando e já volto.

CENA 06 - O NINHO

Os dois entram em cena. Ela está em avançada gravidez, enquanto tenta carregar o peso de seu corpo, João carrega as partes de um berço desmontado. Durante toda a cena eles montam juntos o berço.

Ela – Ícaro, não põe a mão aí. Ícaroooo, desce daí menino...

João – Vai ficar o dia todo assim?

Ela – Tô testando o nome, ainda não me acostumei, chamo o tempo todo e não parece o nome do nosso filho. Nem ele acha, nem se mexe, fica quietinho quando eu chamo, quer ver: Ícaro... Oi, Í-CA-RO, é a mamãe... Viu? NADA! Não dá nem pra colocar um apelido. Ícarozinho? Não dá.

João – A gente já falou sobre isso... Sabe como é importante pra mim.

Ela – Eu sei, já concordei. Só tô tentando me acostumar... O nome é bonito, é que... Vão chamar ele de ácaro na escola. *(Ri)*

João – Puxa, amor. Faço tudo por você, sempre é do seu jeito, o que você quer... É o nome do meu pai, puxa. O HOMEM mais incrível que já conheci.

Ela – Ele nem vai com a minha cara, nunca veio nos visitar.

João – É ciúmes. Desde que minha mãe morreu foi só ele e eu. Ele encarou o papel da mãe ciumenta.

Ela – Eu sei. Você sempre me conta essa história, não quero parecer insensível, amor... Mas, Ícaro... *(Chama)* Ícaro!! Tá vendo? Não

combina. Que tal Pedro? *(João não responde, está visivelmente chateado)* Ei, para com isso, olha pra mim... *(Ele se cala)* E João igual o pai? *(Silêncio)* Seu nome é lindo. *(Ele se levanta e vai saindo)* Tá bom, Ícaro é um nome lindo, queria um nome mais simples, mas... Tá decidido. *(Ele continua saindo)* Vai me deixar montando o berço do Ícaro sozinha? Com esse barrigão?

João – UÉ? Não é você que é toda independente? Feminista?

Ela – Amor, que bobagem, volta aqui...

João – Vou passar a noite na casa do meu pai.

Ela continua montando o berço sozinha.

CENA 07 - O FILHOTE

Assobios em canção de ninar, João entra em cena com um bebê no colo. Ele é afetuoso com a criança, troca a fralda com habilidade. Tem uma madeira, mas, não alimenta ao menino. Ela entra com toalha na cabeça como quem acaba de sair do banho, a cena é toda sussurrada para não acordar o bebê.

Ela *(mostrando felicidade com a cena de pai e filho)* – Dormiu?

João – Quase, mas acho que só vai dormir depois de mamar.

Ela – Você não deu a mamadeira?

João – Tava esperando você sair do banho pra dar o peito, mas já troquei a fralda. Maior cocozão! *(Falando como a criança)* Mamãe ia

ficar muito orgulhosa se viesse o tamanhão do cocozão que eu fiz... *(Ela olha chateada)* Acho que essa noite ele dorme inteira, nem vai ter cólica. A gente pode até namorar... *(Olhando pra ela)* Que foi?

Ela – Puxa, amor. *(Pegando o bebê pra dar o peito)* Era pra ter dado. Ele precisa se acostumar com mamadeira nos horários que eu não vou estar em casa, semana que vem já volto ao trabalho, ele vai sentir falta.

João – A pediatra não disse que tem que mamar exclusivamente no mínimo até os seis meses é o ideal pra crescer saudável, forte... Não é pra mamar até os seis?

Ela – Seria, se eu não trabalhasse numa empresa privada. Consegui esses cinco meses com muito sacrifício, juntando minhas férias, eu não preciso ficar repetindo isso, você sabe de cor essa história...

João – Você sabe que minha mãe morreu eu era menino, e ela trabalhava o dia inteiro e quase tenho lembrança dela cuidando de mim. Se não fosse meu pai... Você sabe de cor essa história, eu não quero o mesmo pro nosso filhotinho...

Ela *(tentando quebrar o climão)* – Eu não pretendo morrer cedo!

João *(em tom de brincadeira)* – Nunca se sabe....

Ela – Bate na madeira!!! *(Batendo no berço três vezes)* Seu trágico! *(Ela coloca o bebê no berço)* Esse berço tá meio bambo, acho que não apertei os parafusos direito.

João – Assim que eu tiver um tempinho eu arrumo, se preocupa não. Essa madeira é mais forte que você imagina.

CENA 08 - NINHO VAZIO

A cena está vazia, só o berço no centro do palco. Ela chega mais cedo em casa porque pegou uma carona com um amigo, João chega e se surpreende com Ela em casa àquela hora, ele traz uns grãos nas mãos. Ela cantarola uma música, parece feliz.

João – Chegou cedo, meu bem. Passei na Vila Rubim e trouxe os grãos da sua dieta.

Ela – Minha dieta ou sua?

João – Você sabe que precisa repor os nutrientes, amamentar suga muito energia.

Ela – Nem precisava, detesto essas coisinhas pequenininhas com gosto de Natal. Se não fosse só isso, já estou querendo parar com o peito logo, de vez, muito obrigada.

João entrega o saquinho de grãos pra ela que belisca sem fazer muito gosto.

João (*indo até o berço*) – E nosso filhote?

Ela – Aproveitei a carona e vim logo pra casa, tanto tempo que não ficava sozinha. Daqui uma hora vou buscá-lo na creche.

João – Que carona? Pelo que sei ninguém da sua firma mora por essas bandas...

Ela – E não mora mesmo! Não sei como eu aceitei essa sua ideia de morar isolado no meio do mato. (*Come mais uns grãos*) O Tico tá

vendo um terreno pra comprar por aqui. Tá querendo ficar um pouco mais afastado da cidade. Eu já falei pra ele que no começo é ótimo, mas depois esse mato todo vira um tédio... Mas, no fim das contas, vai ser bom termos vizinhos...

João – Por que você não fala logo que não gostou da casa que construí pra gente? Pros nossos filhos? Parece até que você não escolheu o local comigo.

Ela – Deixa de ser bobo, você sabe que eu amo nosso ninho. Só podia ser um pouquinho mais perto da cidade. (*Enche ele de beijinhos*) Eu só me sinto um pouco presa aqui. Mas já me acostumei.

João – O Tico é aquele boa pinta?

Ela – Ah, vocês e a dificuldade de falar que outro homem é bonito.

João – Você que acabou de dizer que acha ele bonito, eu só acho um mauricinho emplumado!

Ela – E tem como não achar? (*Mastigando os grãos*) As meninas do meu setor são todas doidas por ele, precisava ver quando me ofereceu a carona o alvoroço que foi, gente que nunca veio aqui em casa se oferecendo pra vir junto tomar um café.

Ela ri descontraída

João (sério) – E você arrastando suas asinhas pro lado do garanhão!

Ela – É melhor eu ir buscar nosso bebê.

João – Vou com você.

CENA 09 – ARAPUCA

Som de assobios num crescente. João assobia uma música feliz, ele entra em cena com algumas ferramentas. Tira o colchão do berço, parece fazer uma manutenção, coisa de pai atencioso. Quando ele termina o berço está de cabeça pra baixo - sujo com seus rastros de barro - e com um pedaço de madeira que sustenta um dos lados como uma enorme arapuca. João amarra uma corda no pedaço de madeira e a leva até a saída coxia. Volta com o bebê embrulhado numa manta. João coloca o bebê embaixo do berço como quem prepara uma armadilha e sai seguindo a corda. O bebê chora. O choro aumenta. Ela entra em cena desesperada, sem entender o choro do bebê.

Ela – Meu filho, como você foi parar aí? *(Chamando apreensiva)*
João! João!!!

Ela entra embaixo do berço pra pegar a criança. João puxa a corda e a arapuca se fecha. Ela e o bebê estão presos como numa grande gaiola.

Ela *(amedrontada enquanto tenta acalmar o bebê)* – João! O que está acontecendo? Tira a gente daqui.

João entra em cena.

João – Trouxe sua comida!

João tem um pote de água e um de grãos nas mãos. Passa os potes entre as grades, vai até o balanço e empoleirado assobia uma canção feliz.

FIM



  /elastramam
elastramam@gmail.com

apoio



Cousa

Pin
arte + design

realização

